

## Sermões III

155. Depois do Padre, Filho e Espírito Santo, segue-se a Filha do Padre, a Mãe do Filho, a Esposa do Espírito Santo, a Virgem Santíssima, a qual como a mais santa entre todas as mais puras criaturas nos dirá melhor que todas quão grande bem é sermos santos. No capítulo vinte e quatro do Eclesiástico nos refere a mesma Senhora como Deus, que a escolheu por morada, lhe deu a herança de tudo quanto tinha vinculado ao povo de Israel, que era o morgado do mesmo Deus: *Tunc praecepit et dixit mihi creator omnium; et qui creavit me requievit in tabernaculo meo, ei dixit mihi: In Israel haereditare*<sup>7</sup>. E que vos parece que escolheria e tomaria para si a Virgem Maria de toda a universidade de bens naturais e sobrenaturais deste imenso morgado? Só tomou o que era santo, e nenhuma outra coisa. Do que não era santo, posto que fosse precioso e estimado, não quis nada, porque tudo é nada; do que era santo, tomou tudo, porque só o ser santo é tudo. Ouçamos a mesma Senhora, e ponderemos o que diz com a atenção que suas palavras merecem. Primeiramente, do que pertence ao lugar, diz que escolhe uma cidade santa e uma casa santa, para nela servir a Deus em sua presença, sem nenhum outro cuidado: *In habitatione sancta coram ipso ministravi, et in civitate sanctificata similiter requievi*<sup>8</sup>. E quanto ao que pertencia à pessoa, sendo tantos e tão excelentes os dotes naturais que Deus desde seu princípio tinha repartido com as mulheres famosas daquela nação, de tudo isto nenhum caso fez a Senhora, tudo deixou, tudo desprezou, e só tomou e quis para si a santidade de todos os santos: *In plenitudine sanctorum detentio mea* (Eclo. 24, 16): Detive-me — diz — na enchente de todos os santos — porque tudo o que não é ser santo pode inchar, mas não pode encher — aqui me detive, aqui parei, aqui insisti e não passei, nem tive para onde passar daqui.

156. Oh! quem me dera ter neste auditório todas as senhoras do mundo, tão prendadas e tão presas, tão tidas e tão retidas das vaidades do mesmo mundo, para que vissem o de que só se haviam de deixar prender e deter, à imitação da maior Senhora e Rainha de todas! Tudo quanto a apreensão e fantasia feminil estima e preza, viu a benditíssima Virgem no grande teatro de Israel, de que Deus a fizera herdeira: *In Israel haereditare*. Viu a nobreza do sangue, antiga e ilustre em Sara, soberana e real em Micol, mas não a deteve o esplendor da nobreza, nem lhe moveu ou alterou os espíritos. Viu a formosura servida e adorada em Raquel, buscada e preferida em Abisai, mas não a deteve a formosura, nem julgou por digna de ser vista a que leva após si os olhos. Viu a fecundidade grande e invejada em Lia, maior e mais desvanecida em Fenena, mas não a deteve o apetite natural de ser mãe, nem desejou perpetuar-se em mais vidas. Viu a riqueza doméstica em Rebeca, e os tesouros reais em Sulamites, mas não a deteve cobiça ou ambição de riquezas, porque tinha o coração em outros tesouros. Viu as galas e afeitas de Jesabel, e todo o valor do Oriente engastado nas jóias de Ester, mas não a deteve a aparência vã dos aparatos do corpo, como a que só cuidava em ornar o espírito. Viu a que o mundo chama ventura nas bodas não esperadas de Rute, e nas muito mais venturosas de Séfora, mas não a deteve o especioso laço das bodas, antes lhe fizeram horror as delícias do tálamo. Viu as vitórias e

<sup>7</sup> Então o Criador de tudo deu-me os seus preceitos, e falou-me, e aquele que me criou descansou no meu tabernáculo, e disse-me: Possui a tua herança em Israel (Eclo. 24,12 s).

<sup>8</sup> Exerci diante dele o meu ministério na morada santa, e repousei na Cidade Santa (Eclo. 24, 14 s).

triumfos de Débora, e os despojos e troféus da famosa Judite, mas não a deteve a fama com o ruído de seus aplausos, nem afetou vitórias e triunfos. Viu, finalmente, coroada Abigail, e assentada Bersabée em igual trono com Salomão, mas não a deteve a soberania daquelas alturas, porque era mais alto o seu ânimo que os tronos, e de maior esfera que as coroas.

157. Pois, Senhora, se todos estes bens da natureza e da fortuna, se todas estas grandezas e felicidades da vida, que os homens tanto estimam, tanto prezam e tanto invejam, nem divididas, nem juntas vos encheram os olhos, se por todas passastes pisando-as, e nenhuma vos pareceu digna, nem de vos deter um momento, nem de vos fazer parar um passo, que é o que vistes, que só vos agradou, que é o que vistes, que só vos deteve ou teve mão, para que ali parassem os passos do vosso desejo, para que dali não passassem os vossos afetos? Vi a humildade, diz a Senhora, vi o desprezo de si e do mundo, vi o recolhimento, vi o silêncio, vi a modéstia, vi a temperança, vi a paciência, vi a fortaleza, vi a mortificação das paixões e a resignação da própria vontade, vi o amor de Deus e a caridade do próximo, vi, enfim, toda a santidade, virtudes e graça de que estiveram cheios os santos, e nesta enchente de santidade é que só tomei pé, nesta parei, nesta me detive e nesta me desenho: *Et in plenitudine sanctorum detentio mea*. Isto é o que diz de si a Mãe de Deus. E porque este foi o seu juízo e a sua eleição, por isso foi Mãe de Deus, não só porque estimou o ser santa mais que todas as coisas, mas porque deixou e desprezou todas as coisas para ser mais santa.

#### §V

*O exemplo dos anjos. O que os anjos dizem de Deus e o que dizem de si. Na batalha dos anjos, que ganharam os que ganharam a vitória, e que perderam os que perderam a batalha? Por que chama Ezequiel a Lúcifer querubim, e não serafim? Todos os bens de Lúcifer estavam em sua santidade.*

158. Os anjos, que são a terceira classe dos santos que hoje celebra a Igreja, assim como nos persuadem com suas inspirações, nos ensinam com seu exemplo quão grande coisa é ser santos. O exercício dos anjos no céu é estarem sempre louvando a Deus. Nós não o sabemos louvar, porque o não vemos; eles, que o estão sempre vendo, só o louvam como devem. Mas, quais são os louvores, ou as lisonjas que os anjos cantam a Deus? O profeta Isaías, que uma vez foi admitido a os ouvir, o disse: *Seraphim stabant, et clamabant alter ad alterum: Sanctus, Sanctus, Sanctus* (Is. 6,2s): Estavam os serafins divididos em dois coros, e o que cantavam alternadamente a grandes vozes, era: Santo, Santo, Santo. — Isto diziam e repetiam sem cessar, como também os ouviu, daí a oitocentos anos, S. João no seu Apocalipse: *Et requiem non habebant, dicentia: Sanctus, Sanctus, Sanctus*<sup>9</sup>. Se isto não estivera tão expresso em um e outro testamento, quem tal cuidara? Deus não é um objeto imenso, as grandezas de Deus não são infinitas, os anjos que o vêem e conhecem intuitivamente não são tão entendidos e tão sábios? Pois, como não variam de vozes nem de pensamento? Por que não discorrem por outras perfeições divinas, por que não louvam e não engrandecem outros atributos? Por isso mesmo. Porque vêem a Deus, porque o conhecem, e porque são entendidos. Quem louva ou lisonjeia discretamente, diz tudo o que pode e tudo o que mais agrada, e a maior grandeza que se pode dizer de Deus, e o louvor que mais lhe agrada é chamar-lhe Santo. Por isso o primeiro coro dos anjos diz Santo, e o

<sup>9</sup> E não cessavam de dizer: Santo, Santo, Santo (Apc. 4,8).

segundo responde Santo; o primeiro torna a dizer Santo, e o segundo torna a repetir Santo; e isto dizem, e isto sempre estão dizendo sem cessar, uma e mil vezes, e isto hão de continuar a dizer por toda a eternidade, porque, depois de dizerem que Deus é Santo, Santo e mais Santo, nem os serafins do céu, que são os anjos de mais alto entendimento e de mais profunda ciência, sabem dizer mais, nem lhes fica mais que dizer. É Deus eterno, é imenso, é infinito, é onipotente, mas tudo isso são grandezas, porque estão juntas com o ser Santo. Se Deus, por impossível, não fora Santo, todos os outros seus atributos careceram da sua maior perfeição. Por isso é perfeição em Deus o ser eterno, porque é eternamente Santo; por isso é perfeição o ser imenso, porque é imensamente Santo; por isso é perfeição o ser infinito, porque é infinitamente Santo; por isso é perfeição o ser onipotente, porque é todopoderosamente Santo: *Sanctus, Sanctus, Sanctus*.

159. Isto é o que os anjos dizem de Deus. E de si, que dizem, ou que podem dizer? O que podem e são obrigados a dizer todos os que perseveraram no céu e o não perderam, é que todo o seu bem e toda a sua felicidade consistiu em ser santos. Houve no céu entre os anjos aquela grande batalha que sabemos: Lúcifer, com os maus, rebelou-se contra Deus; S. Miguel, com os bons, seguiu as partes de seu Senhor; estes venceram, aqueles foram vencidos, e que ganharam os que ganharam a vitória, que perderam os que perderam a batalha? Nenhuma outra coisa mais que o ser ou não ser santos. Os que ganharam a vitória ganharam o ser santos, porque ficaram confirmados em graça; os que perderam a batalha perderam o ser santos, porque foram privados da mesma graça, e em tudo o mais que tinham por natureza ficaram como dantes eram.

160. Daqui se entenderá um famoso lugar de Ezequiel no capítulo vinte e oito, onde chama querubim a Lúcifer: *Tu Cherub extentus, et protegens, et posui te in monte sancto Dei, in medio lapidum ignitorum ambulasti. Perfectus in viis tuis a die conditionis tuae, donec inventa est iniquitas in te*<sup>10</sup>: Tu, ó querubim, eras o anjo de maior esfera, e que debaixo de tuas asas tinhas todos os outros: *Tu Cherub extentus, et protegens*. Eu te criei Santo e em graça, e te pus no céu: *Posui te in monte sancto*. Tu estavas entre os serafins, onde passeavas com liberdade de superior: *In medio lapidum ignitorum ambulasti*. E desde o dia de tua criação foste perfeito, até que em ti se achou o pecado e maldade, que tu inventaste: *Perfectus in viis tuis, donec inventa est iniquitas in te*. Em suma, que Lúcifer, como diz o texto, e declaram conformemente todos os Padres, era por natureza serafim, e criado entre os serafins, e superior a todos. Pois, se era serafim, como lhe chama o profeta, em nome de Deus, não serafim, senão querubim? E se lhe nega o nome de serafim, porque já não era anjo, senão demônio, por que lhe chama querubim: Tu Cherub? Porque serafim significa amor e amante, e querubim significa ciência e sábio; e ainda que Lúcifer, pela rebelião e pelo pecado, perdeu o amor e a graça de Deus e os outros dons sobrenaturais, não perdeu a sabedoria e as ciências, nem os outros dotes do entendimento e da natureza, com que fora criado. Tão anjo ficou no saber, como dantes era, tão anjo no poder, tão anjo na capacidade da esfera, tão anjo na beleza e formosura natural, e em tudo o mais como dantes, e somente privado da graça e da santidade, em que por sua culpa e maldade se não quis conservar.

161. De sorte que a principal diferença que então houve e hoje há entre Miguel e Lúcifer, é que Miguel chama-se S. Miguel, e Lúcifer não se chama santo. Direis que

<sup>10</sup> Tu eras um querubim que estendia as tuas asas e protegia, e eu te pus sobre o monte santo de Deus, tu andaste no meio das pedras incendidas. Tu eras perfeito nos teus caminhos desde o dia da tua criação, até que a iniquidade se achou em ti (Ez. 28,14 s).

também foi privado Lúcifer da glória e da vista de Deus. Não foi, porque essa ainda a não tinha, que se já tivera visto a Deus não o pudera ofender nem perder a graça e santidade. Mas, assim como Deus o privou da graça e da santidade, por que o não privou também de tudo o mais? Quando um vassalo se rebelou contra seu rei, confiscam-lhe todos seus bens. Pois, se Lúcifer se rebelou contra Deus, por que lhe confiscam só a graça e a santidade, e lhe deixam tudo o mais? Porque só a graça e a santidade são bens: tudo o mais que têm os anjos maus, uma vez que não têm santidade, antes são males que bens. A ciência, sem santidade, é ignorância; a formosura, sem santidade, é fealdade; o poder, sem santidade, é fraqueza; a grandeza, sem santidade, é miséria; e por isso são os anjos maus os mais miseráveis de todas as criaturas, assim como os anjos bons os mais felizes e bem-aventurados de todas: estes porque são santos, aqueles porque não são santos.

## §VI

*O testemunho dos homens santos. Os terríveis exemplos dos patriarcas Abraão e Jefté. Os profetas, os apóstolos e os mártires.*

162. Vamos aos homens, e perguntai a todos os que estão no céu que coisa é ser santos? A esta pergunta não quero responder com Escrituras nem com palavras, senão com obras. As coisas estimam-se pelo que valem e pelo que custam. Tudo o que fizeram e padeceram os santos, foi por ser santos. A esperança tão longa e tão constante dos patriarcas, a fé e paciência dos profetas, o zelo e pregação dos apóstolos, os tormentos e mortes dos mártires, as penitências e asperezas dos confessores, a continência e pureza das virgens: tudo santo, e tudo por ser santos. Mas não é esta a matéria que se haja de passar e escurecer com uma tão abreviada generalidade. Discorramos por cada uma das hierarquias dos santos, e vejamos quanto se empenharam por conseguir este nome.

163. Olhai para os patriarcas nos dois primeiros, e vereis a Isac lançado sobre a lenha, esperando com a garganta nua o rigor, por não dizer a desumanidade do golpe, e a Abraão com a espada em uma mão, para cortar a cabeça ao único filho, e como fogo na outra, para o queimar em holocausto e sepultar em cinzas. Podia haver maior resolução, nem mais heróico e deliberado empenho, assim na sujeição do filho ao pai, como na obediência do pai a Deus? O mesmo Deus confessou que não podia ser maior. Mas, se virdes que um anjo naquele mesmo flagrante tem mão no braço a Abraão, voltai os olhos para o de Jefté, armado doutra espada e do mesmo zelo, e vereis não suspenso, mas, executado o tremendo sacrifício, derramando o pai animoso com suas próprias mãos o sangue da inocente filha, também única, e sem herdeiro. E por que vos parece que se atreveram estes dois homens a uma tão espantosa e medonha ação, de que se estremece o amor e tapa os olhos a natureza? Abraão, por não quebrar um preceito, Jefté, por não faltar a um voto, e ambos por ser santos. Abraão podia duvidar, com grande fundamento, se um preceito tão novo e inaudito, e tão repugnante às promessas que o mesmo Deus lhe tinha feito, era ilusão; Jefté, com maior razão ainda, podia duvidar se o voto naquele caso obrigava, não sendo tal a sua tenção, nem lhe tendo vindo tal coisa ao pensamento; e, contudo, ambos seguiram a parte mais dificultosa e mais segura, por não deixar em escrúpulo a salvação, nem pôr em dúvida o ser santos.

164. Aos patriarcas seguem-se os profetas, e aos profetas os apóstolos. E se entre os profetas vos assombráis de ver um Isaías serrado pelo meio, e um Daniel na cova dos leões, e um Jonas engolido da baleia, nos apóstolos, que foram menos em número, vereis a Pedro

crucificado, a Paulo degolado, a André aspado, a Felipe apedrejado, a Bartolomeu esfolado, a Mateus e Tomé alanceados, a Simão e Tadeu espedaçados, e todos, enfim, dando o sangue e a vida em testemunho da fé que pregaram, não só para ser santos eles em si, mas para fazer santos a outros.

165. E que direi eu de vós, ó fortíssimo e luzidíssimo exército dos mártires, tão infinito no número como nos esquisitos gêneros de martírios? Se entro no anfiteatro de Roma, vejo-vos lançados às feras, ou lançados aos Neros, aos Décios, aos Dioclecianos, aos Trajanos, mais feros que as mesmas feras. A muitos de vós reverenciaram os leões, os ursos, os tigres, mas a nenhum perdoou a vida a impiedade mais que brutal dos tiranos, sempre mais obstinados e furiosos. As pedras de Estêvão, as setas de Sebastião, as grelhas de Lourenço e Vicente já eram tormentos vulgares. Que máquinas e invenções de atormentar não excogitou a sevícia raivosa de se ver vencida, para combater e tentar vossa fortaleza? A uns mártires penduravam pelos cabelos, ou por um pé, ou por ambos, ou pelos dedos polegares, e assim, no ar e despídos, com azorragues de nervos rematados em pelotas de chumbo ou abrolhos de aço, os batiam e martelavam com tal força e continuação os cruéis e robustos algozes, que ao princípio açoitavam corpos, depois feriam as mesmas chagas ou uma só chaga, até que não tinham já que açoitar nem ferir. A outros, estirados e desconjuntados no ecúleo, ou estendidos na catasta, aravam ou cardavam os membros com pentes e garfos de ferro, a que propriamente chamavam escorpiões, ou metidos debaixo de grandes pedras de moinho, lhes espremiavam como em lagar o sangue, e lhes moíam e emprensavam os ossos, até ficarem uma pasta confusa, sem figura nem semelhança do que dantes eram. A outros cobriam todos de pez, resina e enxofre, e, ateando-lhes o fogo, os faziam arder em pé como tochas ou luminárias nas festas dos ídolos, esforçando-se para este suplício com lhes dar a beber chumbo derretido. A outros, nos mais rigorosos frios do inverno, metiam em tanques enregelados, com banhos de água quente à vista, e liberdade de se passarem a eles, para que enfraquecesse o remédio os que não vencia o tormento. A outros coziavam em couros, juntamente com serpentes e cães danados, e assim os lançavam ao mar, para que naquela estreita, medonha e asquerosa prisão, primeiro acabassem mordidos e atassalhados dos dentes venenosos, do que afogados das ondas. A outros escalavam vivos pelos peitos, e lhes arrancavam o coração e entranhas palpitantes, ou lhes atavam as mãos e os pés a quatro ramos grossos de árvores, dobrados a força e soltos ao mesmo tempo, com que súbita e violentissimamente os espedaçavam em quartos. A outros assentavam em cadeiras de ferro afogueado, a outros faziam andar descalços sobre lâminas ardentes, a outros metiam em caldeiras de azeite e alcatrão fervendo, a outros em bois de metal abrasado, a outros em fornhalhas de chamas vivas. E tudo isto sofriam e suportavam aqueles valorosos cavaleiros de Cristo, não só com paciência e constância, mas com júbilo e alegria. Por quê? Só por ser e segurar o ser santos, como exclama a Igreja: *Omnēs sancti, quanta passi sunt tormenta, ut securi pervenirent ad palmam martyrii.*

## §VII

*Os santos doutores, seus escritos e doutrinas. Os santos anacoretas e os crudelíssimos combates com os demônios. S. Simeão Estilita, o anacoreta do ar.*

166. Os santos doutores, esquadrão também laureado, não fizeram ou não se desfizeram menos por ser santos. Foram a luz do mundo e o sal da terra, e assim como a tocha se consome para alumiar, e o sal se derrete para conservar, assim eles, para alumiar as

cegueiras do mundo, e conservar a fé e religião em sua pureza, não só se pode dizer com verdade que consumiram a vida, mas que derreteram e estilaram a alma. Todos esses livros, tantos e tão admiráveis de S. Basílio, de S. Crisóstomo, de Santo Atanásio, de Santo Ambrósio, de S. Jerônimo, de Santo Agostinho e dos dois Gregórios, quatro doutores da Igreja grega e quatro da latina, e os dois que depois se acrescentaram a este sagrado número, Santo Tomás e S. Boaventura, os livros igualmente doutíssimos dos santos bispos, Hilário, Cipriano, Fulgêncio, Epifânio, Isidoro, e um e outro Cirilo, e os dos antiquíssimos padres Clemente Romano, Dionísio Areopagita, Erineu, Justino, Gregório Taumaturgo, Clemente Alexandrino, Lactâncio, e infinitos outros, todos estes escritos, digo, cheios de divina e celestial doutrina, que outra coisa são, sem encarecimento nem metáfora, senão as almas dos mesmos santos, e as quinta-essências dos seus entendimentos estiladas pela pena?

167. Ali se vêem refutadas e convencidas todas as seitas dos antigos filósofos pitagóricos, platônicos, cínicos, peripatéticos, epicureus, estóicos; ali os mistérios profundíssimos da fé facilitados e críveis, e os argumentos contrários desvanecidos; ali as tradições apostólicas sucessivamente continuadas, e as definições dos concílios gerais e particulares estabelecidas; ali as dificuldades da Sagrada Escritura e os lugares escuros dela declarados, e o Velho e Novo Testamento, e os Evangelhos entre si concordes; ali as questões altíssimas da Teologia sutilissimamente disputadas e resolutas, as controvérsias debatidas e examinadas, e o certo como certo, o falso como falso, e o provável como provável, tudo decidido; ali as heresias antigas e modernas expugnadas, e as cavilações dos hereges desfeitas, e os textos sagrados, corruptos e adulterados por eles, conservados em sua original pureza; os Ários, os Apolinares, os Macedônios, os Nestórios, os Donatos, os Pelágios, os Maniqueus, os Eutíquios, os Elvídios, os Jovinianos, os Vigilâncios, e os Luteros e Calvinos, que em nossos tempos os ressuscitaram, sepultados outra vez e convencidos; ali, finalmente, os vícios perseguidos, os abusos emendados, as virtudes sinceras e sólidas louvadas, as falsas e aparentes confundidas, e toda a perfeição evangélica digesta, praticada e posta em seu ponto.

168. E para tudo isto — que muitos não entendem, nem capacitam — que compreensão e vastidão de todas as ciências divinas e humanas era necessária; que memória de todas as histórias sagradas e profanas; que escrutínio da cronologia de todos os tempos; que notícias de todas as terras e gentes, de suas leis, costumes, cerimônias, ritos; que inteligência e conhecimento exato de todas as línguas, latina, grega, hebréia, caldaica, siríaca, umas originais dos textos sagrados, outras em que foram vertidos! E que estudo, que aplicação, que continuação e trabalho era outrossim necessário para adquirir esta imensa erudição, ajudado o engenho natural e elevado de contínuas orações ao céu, donde vem a verdadeira luz! Estas eram as minas em que cavavam e suavam aqueles diligentíssimos e utilíssimos operários, estas as riquezas inestimáveis que metiam e acumulavam nos tesouros da Igreja, estas as armas finíssimas e escudos impenetráveis de que forneciam a Torre de Davi para as futuras ocasiões e batalhas, como hoje se experimenta, empregando e aplicando a estas — que com razão se chamam obras — todas as forças do espírito, todas as potências da alma, e todos os sentidos do corpo, negando-lhe o descanso de dia, e o repouso e sono de noite, e chegando a não gostar nem sentir o mesmo que comiam, como à mesa de el-rei S. Luís de França lhe aconteceu a Santo Tomás. Mas, como eram tão doutos e sábios, sabiam melhor que todos quão grande coisa é ser santos, e por isso o procuravam eles ser com esta vida, e que os demais o fossem com esta mesma doutrina.

169. Por outro caminho bem diverso conquistaram o ser santos os anacoretas, deixando o trato e comunicação das gentes, e indo-se viver aos desertos; mas também lá lhes não faltaram batalhas, porque se levavam a si consigo, nem vitórias, porque os levava Deus. Estas eram as plantas do céu, de que estavam cultivados os ermos da Palestina, da Tebaida, do Egito, e aqui viviam como anjos, porque souberam fugir dos homens, os Paulos, os Hilariões, os Arsênios, os Onofres, os Pacômios, os Macários. Em muitos anos, e alguns em toda a vida, não se viam; eram porém muito para ver aquelas veneráveis cás nunca tocadas de ferro, como nazareus da lei da graça, da qual de noventa, qual de cento, qual de cento e vinte anos, estendendo o jejum e a abstinência as vidas, que tanto desbarata e abrevia o regalo. Habitavam as grutas e covas, das quais, quando saíam, mais pareciam cadáveres que homens vivos. Das mãos de S. Pedro de Alcântara escreve Santa Teresa que eram como feitas de raízes, e o mesmo podemos dizer das estátuas ou semelhanças destes santos velhos, secos, pálidos, mirrados, e como feitos ou tecidos das raízes das mesmas ervas de que se sustentavam.

170. Mas como na carne enfraquecida e debilitada com as penitências se criam e crescem os mais robustos espíritos, invejosos os do inferno de tanta santidade, se armavam fortemente contra eles, e, fazendo daqueles desertos campanha, lhes davam crudelíssimos combates. Uma vez lhes apareciam os demônios transfigurados em áspides, basiliscos, dragões, e outros monstros horrendos que os queriam tragar, como ao grande Antônio; outras os assombravam com tremores espantosos da terra, relâmpagos, trovões e raios, com que parecia que as mesmas grutas se partiam, e caíam sobre eles os montes; e talvez na maior serenidade e frescura do ar, lhes traziam e punham diante dos olhos as mesmas figuras humanas de que tinham fugido, mais capazes pelo gesto e pelos trajos de provocar amor que medo; e estes eram entre todos os mais apertados e furiosos assaltos. Mas, que faziam aqueles constantíssimos atletas da castidade, quando os cilícios, de que sempre andavam armados, lhes não bastavam? Ou se valiam dos lagos e rios enregelados, como S. Francisco, ou nas silvas e espinhos, como São Bento, ou no fogo, metendo nele a mão e deixando derreter os dedos, como S. Diogo, e desta sorte, com a memória do mesmo inferno que lhes fazia a guerra, o venciam e triunfavam dele. Assim venciam, porque eram assistidos da graça de Deus, e assistia-os Deus tão eficazmente com sua graça, porque eles continuamente assistiam também a Deus, orando e contemplando.

171. De alguns se escreve que de noite mediam as horas da oração com um novo e admirável relógio do sol, porque começavam a orar quando se punha, e acabavam quando nascia. Mais fazia Simeão Estilita, a quem com razão podemos chamar Anacoreta do Ar, e não da terra. Vivia sobre uma coluna de trinta e cinco côvados de alto, onde perseverou oitenta anos ao sol, ao frio, à neve, aos ventos, comendo uma só vez na semana, e orando de dia e de noite, quase sem dormir. Uma vez orava de joelhos e prostrado, outras em pé e com os braços abertos, e nesta postura estava reverenciando continuamente a Deus com tão profundas inclinações, que dobrava a cabeça até os artelhos. Teodoreto, testemunha de vista, quis saber o número a estas inclinações, e tendo contado mil duzentas e quarenta e quatro, cansado de contar, não foi por diante. Oh! assombro! Oh! prodígio! Oh! exemplo singularíssimo do que pode a fraqueza do nosso barro fortalecida da graça! Um tal gênero de vida, mais foi admirável que imitável. Mas o que mais admira, é que lhe não faltaram imitadores. Estilita quer dizer o habitador da coluna, e houve outro estilita, também Simeão, e outro estilita, Daniel, e outros. Tanto preço tem, nos que o sabem avaliar, o ser santo.

## § VIII

*O exemplo do suavíssimo coro das Virgens. Santa Edita, Santa Eufrosina, Santa Petronila, Santa Maxelende, Santa Brígida, Santa Uvilgo, e outras.*

172. Por remate, ou por coroa de todos os santos, põe a Igreja no último lugar o suavíssimo coro das Virgens, cujas vozes, posto que mais delicadas, mas igualmente fortes, nos acabarão de persuadir, como elas se persuadiram, esta mesma verdade. Pesa-me de chegar tão tarde a esta hierarquia, em que é obrigação deter-me mais um pouco; mas como a matéria é de casa, ao menos das grades para dentro será de agrado. Aos de fora seja embora de paciência.

173. Que extremos não obraram as santas virgens por ser santas? Que façanhas não empreenderam varonilmente? Que rigores e asperezas não executaram em si mesmas? Que galas, que regalos, que delícias e contentamentos da vida, que riquezas, que grandezas, que pompas e fortunas do mundo não desprezaram? Que finezas, que excessos, que máquinas dos que as pretendiam, não resistiram? Que bodas humanas, por altas e soberanas que fossem, não renunciaram, só por conservar e defender a virginal pureza, e manter a fé prometida a Cristo, com quem se tinham desposado? Santa Edita, filha de Elgaro, rei de Inglaterra, morto o pai e um irmão que tinha único, ficou herdeira do reino, e por mais instâncias que lhe fizeram os povos, juntos em cortes, que se casasse, nem o amor da casa real em que nascera, nem a sucessão da família e da coroa, nem a memória do pai e irmão, que nela se extinguia, foram bastantes para a mover um ponto da firmeza de seu propósito, nem para a arrancar do canto de uma religião, onde, coberta de cilício, amortalhou a vida e, depois, sepultou o corpo, que permaneceu incorrupto. Santa Eufrosina, senhora ilustríssima em Alexandria, não podendo de outro modo fugir e escapar de seu pai e do matrimônio nobilíssimo concertado por ele, mudando o traje de mulher e o nome, e chamando-se Esmaragdo, desconhecida e em terra estranha, tomou o hábito de monge, em que viveu trinta e oito anos enterrada em uma estreita cela, donde nunca saiu. Santa Petronila, filha do Príncipe dos Apóstolos, S. Pedro — antes de ser chamado ao apostolado — tendo feito voto a Cristo, de perpétua virgindade, e não se podendo defender das bodas de Flaco, senhor romano, que com amor a solicitava, e com poder de armas a queria obrigar a ser sua esposa, pediu de prazo três dias para deliberar, e neles, com ferventíssimas orações, impetrou do mesmo Cristo lhe tirasse a vida, e assim o conseguiu valorosa e gloriosamente no fim do terceiro dia. Mais violentamente se defendeu de semelhante perigo Santa Maxelende, ilustríssima por sangue nos Estados de Flandres, mas mais ilustre pela causa de o haver derramado. Celebraram-se com grande pompa as festas das bodas concertadas por seus pais com Harduíno, senhor principal, rico e poderoso, que, entre muitos que pretendiam esta fortuna, a tinha alcançado. Foi levada por força a santa virgem às mesmas festas, mas negou a mão com tal desengano, e persistiu nele com tal firmeza que, afrontado e corrido o esposo de se ver desprezado, trocando o amor em fúria, se arremessou à espada, e a santa se deixou matar intrepidamente.

174. E posto que em tantos e tão apertados casos fosse admirável o valor e constância com que todas estas santas defenderam a pureza virginal que tinham prometido a Cristo, considerada porém a condição natural de mulheres, ainda tenho por maior façanha a de Santa Brígida Virgem, chamada a de Escócia, e a de Santa Uvilgo Fortis, que alguns, com errado mas bem apropriado nome, chamam *Virgo fortis*. Eram estas santas o extremo da formosura, e vendo-se por esta causa solicitadas e pretendidas de muitos e poderosos

senhores para o matrimônio, pediram a seu divino Esposo as privasse daquela graça, que outras tanto estimam e com tantas artes afetam; e o Senhor, que só se namora da beleza da alma, se agradou tanto desta petição, que de repente ficaram tão feias e disformes, que ninguém as podia ver, e só elas se viam contentes.

175. Que direi dos rigores, asperezas e piedosas tiranias com que estes anjos em carne a mortificavam, afligiam, e verdadeiramente martirizavam? A austeridade de vida, o rigor e horror das penitências de Santa Clara, primeira cópia do retrato original de Cristo crucificado, seu padre, São Francisco, quem há que a possa declarar? A de Santa Azela, virgem romana, dentro em Roma, e quando Roma era o maior teatro das delícias e vaidades do mundo, declarou S. Jerônimo. Diz que da mais populosa cidade fez ermo; que a terra nua lhe servia de cama e de lugar de oração; que os joelhos, pela muita continuação dela, se lhe tinham endurecido em calos como de camelo; que se sustentava do jejum, e que só o quebrava com pão e água, mas com tal moderação e parcimônia, que nunca, nem com pão matava a fome, nem com água a sede; que jamais viu nem foi vista de homem, ainda quando visitava os sepulcros dos mártires, e que tendo uma irmã também donzela, esta a amava, mas não a via. Santa Margarida, filha dos reis de Hungria, de quatro anos tomou o hábito de monja, e de cinco se vestiu de cilício; de dia, para mortificar os passos, entre os pés e o calçado, metia certos abrolhos de ferro, e de noite, para o pouco sono que tomava sobre uma tábua, se cingia de peles de ouriços com todos seus espinhos. Santa Genoveva, padroeira da real cidade de Paris, a quem o famosíssimo Simeão Estilita desde a Grécia, onde vivia sobre a sua coluna, mandava visitar a França e encomendar-se em suas orações Santa Macrina, irmã de S. Basílio Magno, tanto no sangue como na aspereza e severidade da vida. Santa Lutgardis, legítima filha do gloriosíssimo patriarca S. Bernardo, singular herdeira de seu ardentíssimo espírito, e digníssimo exemplar de todas as que vestem e professam o mesmo hábito. Estas santas virgens, e muitas outras, que extraordinários modos de penitências não inventaram, mais engenhosas para se martirizar a si mesmas, que os tiranos para atormentar os mártires?

176. É coisa digna de admiração que, padecendo os mártires pela fé e culto de Cristo, os tiranos não dessem em executar neles os mesmos tormentos da Paixão de Cristo; mas isto inventou e executou em Santa Catarina de Sena e em Santa Clara de Monte Falco o amor de seu divino Esposo. Catarina, com as chagas nas mãos, nos pés e no lado, e a coroa de espinhos na cabeça, e Clara, com todos os instrumentos da mesma Paixão do Senhor inculpados e entalhados no coração. Até as doenças mais penosas provocavam e conseguiam, para que onde não podiam chegar as dores fabricadas da arte, penetrasse as da natureza, e não houvesse em corpos tão delicados parte alguma, dentro nem fora dos ossos, que não penasse com particular tormento. Todas as enfermidades de quantas é capaz o corpo humano, padeceu juntamente e por toda a vida, Santa Lidovina, com excesso da paciência de Jó, e afronta da indústria do demônio. Uma Cristina houve, entre as outras que, não se satisfazendo das penas desta vida, padeceu as do purgatório por muitos anos, como também Santa Teresa experimentou as do inferno. A mesma Santa Teresa dizia: *Aut pati, aut mori*: ou padecer, ou morrer, porque se não atrevia a viver sem padecer. E Santa Madalena de Pazzi, não sei se com maior energia: *Pati, non mori*: padecer sim, morrer não, porque na morte acaba-se o exercício de padecer, e na vida dura e persevera. Mas dissei-me, virgens puríssimas — ou dissei-o aos que o não sabem entender — por que fostes tão ambiciosas de penas? A vossa vida não era inculpável e inocente? As vossas almas não eram gratíssimas a Deus? Pois, porque sois tão inimigas ou tão tiranas de vossos corpos? Deixai esses rigores e essas penitências para as Teodoras e Pelégias, que foram grandes

pecadoras; deixai-as para uma Maria Egipciaca, que viveu dezessete anos em torpezas, enlaçada do demônio e sendo laço dos homens; mas vós, que não tendes pecados graves que pagar, e se alguns tivestes leves, os tendes tão abundantemente satisfeito, por que vos mortificais, por que vos afligis, por que vos martirizais com tanto excesso? Porque sabiam quão grande coisa era ser santas, e o queriam ser mais e mais.

## §IX

*Ainda as virgens. A maior e mais dura guerra que lhes moviam seus amorosos e inimigos: ou perder o estado virginal, ou a vida. Os martírios de Santa Inês, Santa Eufrásia e Santa Digna. As que conservaram o estado virginal juntamente com o matrimônio: Santa Pulquéria, Santa Conegunda, Santa Edita e Santa Basilisa*

177. E se estes extremos fizeram as santas virgens por conservar a pureza virginal na paz, que fariam para a defender na guerra? A maior e mais dura guerra com que podiam combater a constância daquelas fortíssimas donzelas os amorosos inimigos, que tão prendados estavam de sua beleza, era a terrível e perigosa indiferença com que lhes propunham a eleição de um de dois extremos, ou o matrimônio ou o martírio, ou casar ou morrer, ou perder o estado virginal ou a vida. Entre estes dois extremos não se dava meio, e cada um deles, vestido das circunstâncias que o acompanhavam, ainda era mais perigoso e mais terrível, porque a vida, que se lhes oferecia no matrimônio, era adornada de jóias, de riquezas, de delícias, de grandezas, de coroas, e ainda do mesmo império do mundo; e a morte, que se lhes ameaçava no martírio, era armada de afrontas, de açoites, de cárceres, de cadeias, de grilhões, de algemas, de espadas, de torqueses, de serras, de rodas, de navalhas, de fogueiras, e de todos os instrumentos e máquinas com que pode atormentar o ferro e o fogo. Deixo os menores estados e fortunas, posto que ilustres e grandes, que a Santa Cecília se dotavam com as bodas de Valeriano, a Santa Tecla com as de Tamiris, a Santa Inês com o filho do prefeito de Roma, a Santa Luzia, a Santa Felícula, a Santa Flávia Domitila, com outros de semelhante qualidade e riqueza; só é muito, para não passar em silêncio, que a Santa Digna se oferecesse com o matrimônio a coroa de Ibérnia, a Santa Efigênia a de Etiópia, e a Santa Catarina e Santa Susana todo o Império Romano, que naquele tempo dominava o universo, a uma com as bodas do imperador Maximino, e a outra com as de Maximiano. Mas pesou tanto mais que tudo isto, na estimação daqueles invencíveis corações, a pureza virginal que professavam e tinham consagrado a Cristo, que pela conservar inteira e sem mancha dariam mil coroas e mil impérios, pesando-lhes somente de ter uma só vida, e não mil vidas, a que deram e sacrificaram pela defender. Não chegava Inês a ser mulher, porque era menina de treze anos, mas foi tão varonil e tão bizarro o seu ânimo, que não só aceitou a morte como martírio, mas a justificou como castigo. Disse, quando a levavam a morrer — como refere Santo Ambrósio — que justamente ia sentenciado e condenado à morte o seu corpo, pois contentara a outros olhos que não eram os de seu Esposo, Cristo: *Pereat corpus, quod amari potest oculis quibus nolo.*

178. E já que estamos nesta matéria, não vos quero ficar devedor de dois casos, que em toda a história eclesiástica me contentaram singularmente, e de tal resolução e bizzaria que só por instinto divino se puderam empreender e executar. Nem me noteis de multiplicar tantos exemplos, porque quando se há de falar de muitos santos, senão no dia de todos? A maior desumanidade que os tiranos usavam, com as santas virgens, era mandá-las meter nas casas públicas entre as mulheres infames, para que ali perdessem por força a mesma

castidade virginal que defendiam, não entendendo que esta virtude, como as demais, está na alma, e não no corpo, e que só se perde pelo consentimento, e não pelo sentimento. Sendo pois levada Santa Eufrásia a uma destas casas, seguiu-a um soldado denodado, para lograr a ocasião. Era virgem prudente, levava uma redoma de óleo consigo, e disse ao soldado desta maneira: — Com condição que desistas do teu intento, eu te darei um óleo, com o qual, se entreres untado nas batalhas, não poderás ser ferido dos inimigos. E para que vejas por experiência a virtude deste óleo, eis aqui me unto o pescoço com ele; faze tu a prova com a tua espada, e seja com toda a força. — Fê-lo assim o soldado, e, descarregando um talho com a maior força que pôde, a cabeça da santa saltou fora dos ombros, o corpo caiu morto em terra, e a pureza virginal ficou em pé e inteira. Era Santa Eufrásia de Antioquia; a que agora se segue era de Aquiléia, e chamava-se Digna. Tendo rendido aquela cidade Átila, rei dos hunos, gente feroz e bárbara, coube esta santa donzela por despojo a um capitão, o qual também a quis despojar da mais estimada jóia que, como tal, tinha consagrado a Cristo. Estavam alojados em uma torre que caía sobre o rio Natizon, e, provocada Digna do seu patrão, sem mostrar que se negava ao que ele pretendia, pediu-lhe que quisesse subir ao alto da torre, como o lugar mais retirado; subiram, e tanto que lá se viu Digna, voltada para o bárbaro que vinha atrás, disse-lhe: — Se me queres lograr, segue-me. — E dizendo isto, lançou-se da torre abaixo no rio, onde, afogando com a vida a sua injúria, salvou com a morte a sua castidade. Oh! Digna, verdadeiramente digna de eterna memória, e que ao teu valor, e ao de Eufrásia, se levantem duas estátuas de bronze no Templo da Virtude! Ambas tirastes do perigo mais purificada a pureza, uma por água, outra por sangue, merecedoras ambas que por vós se dissesse de vosso divino Esposo: *Hic est Jesus, qui venit per aquam et sanguinem; non in aqua solum, sed in aqua et sanguine*<sup>11</sup>.

179. Mas, tornando às santas virgens, que aceitaram antes a morte que o matrimônio, só por conservar o estado virginal, ainda temos outras, que fizeram maior façanha, porque conservaram o mesmo estado virginal juntamente com o matrimônio. Isto foi conservar-se a sarça verde no meio das chamas, e não martírio que passou em um ou em poucos dias, senão de toda a vida. Santa Pulquéria, filha do imperador Arcádio, e, por morte de seu irmão Teodósio, herdeira do império, casou com Marciano, com tal condição que ela havia de guardar o voto que tinha feito de perpétua virgindade, e assim o guardou: o trono era comum, mas o tálamo dividido. Mais fizeram aqueles dois famosíssimos pares, um de Alemanha, outro de Inglaterra, a imperatriz Santa Conegundes e o imperador Santo Henrique, a rainha Santa Edita e o rei Santo Eduardo. Ambos estes príncipes foram casados, e em toda a vida, não só um deles, senão ambos, reciprocamente virgens. E por que não pareça que esta soberania anda vinculada às coroas, e só se acha em ânimos reais, na mesma virtude foram insignes Santa Basilisa e S. Julião, casados, de fortuna particular, posto que de nobre sangue. Mas se o estado do matrimônio é tão santo que, sendo dantes puro contrato, o fez Cristo um dos sacramentos de sua Igreja, e como tal uma das fontes da graça, se o uso e comércio natural dele é lícito e justo, por que se abstiveram estes santos dos interesses do mesmo comércio, do agrado tão doce e lisonjeiro dos filhos; da multiplicação da família, que o mesmo Deus chama bênção sua; da sucessão da casa própria, para a qual o que se trabalha é com gosto, e o que se adquire sem dor, porque não há de passar a outros; e, finalmente, por que se privaram daquele único reparo da mortalidade, e quiseram não só morrer em si, mas acabar consigo? Só se admirará desta

<sup>11</sup> Este é Jesus Cristo, que veio com a água e com o sangue, não com a água tão-somente, senão com a água e com o sangue (1 JO. 5,6).

resolução, como de todas as outras que temos referido, quem não souber quão grande coisa é ser santo, e quanto pode a ambição desta grandeza nos que verdadeiramente a conhecem. Tudo o que a natureza apetece, tudo o que os sentidos amam, tudo o que o gosto deseja, tudo o que mais solicita e se pega ao coração, tudo o que honra a memória e conserva a posteridade, deixaram e desprezaram estes santos; e, pelo contrário, tudo o que encontra e repugna a esses mesmos apetites naturais, tudo o que molesta e aflige esses mesmos afetos humanos, tudo mortificaram, tudo venceram, tudo sopearam, tudo abraçaram por vontade, e sem obrigação, por gosto, e sem repugnância, por amor, e sem dificuldade. Por quê? Porque queriam ser e haviam de ser santos, e por isso hoje o são, e os celebramos como bem-aventurados.

## §X

*Primeira conclusão: o ser santo é grande coisa, e não só grande, senão a maior de todas. Segunda parte do discurso: quão facilmente podemos ser santos. Que é necessário para ser santo? Não é necessário coisa alguma fora do homem, nem ainda é necessário todo o homem: basta-lhe uma só parte: um coração puro. A santidade nos ricos e nos pobres. A santidade nos reis e nos prelados. A santidade nos cortesãos, ministros e soldados. A santidade entre os mercadores e as demais profissões.*

180. De todo este largo discurso estou vendo que tirastes duas conclusões todos os que me ouvistes: uma muito conforme ao assunto que propus, e outra muito contrária a ele. A primeira conclusão é que verdadeiramente, sem dúvida, é muito grande coisa o ser santos. Porque, se Deus, entre todos seus atributos de infinita perfeição estima e em certo modo reverencia sobre todos o atributo de santo; e se todas as Pessoas da Santíssima Trindade, e cada uma em particular, nos deram tão soberanos exemplos e documentos desta mesma estimação; se a Virgem Mãe de Deus, por antonomásia, Virgem Prudentíssima, entre todos os bens e felicidade da terra e do céu, nenhuma outra levou os olhos, roubou o coração e prendeu os passos, senão a santidade de todos os santos, em que também o mesmo Deus, seu Filho, a sublimou sobre todos; se os anjos e serafins que assistem ao lado do trono divino, o que só exaltam e apregoam, e os louvores que cantam à majestade de seu Senhor, é ser Santo, Santo e mais Santo; e se a excelência em que o mesmo Senhor confirmou aos anjos bons e obedientes, e a de que privou aos maus e rebeldes, foi a de ser santos; e se os santos de todas as hierarquias, patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, confessores, virgens, tanto trabalharam, tanto padeceram, e tais extremos e excessos fizeram por chegar, como chegaram, a ser santos, não há dúvida que o ser santo é grande coisa, e não só grande, senão a maior de todas. E esta é a primeira conclusão que inteiramente concorda com a primeira parte do meu assunto.

181. A segunda conclusão, e totalmente contrária à segunda parte dele, é que eu prometi de vos provar quão facilmente podemos todos ser santos, e tudo quanto até agora tenho mostrado e recorrido, pelas vidas e ações dos mesmos santos, e por suas grandes batalhas e vitórias, são coisas todas tão dificultosas e repugnantes à natureza, e tão superiores à fraqueza humana, que antes parece nos impossibilitam totalmente, e nos tiram toda a esperança, não só de chegar a ser, mas ainda de aspirar a ser santos. Ora, não vos desanimeis os que isto inferis, antes vos animai e consolai muito, porque a facilidade que vos prometi, ainda é mais fácil do que eu o propus e vós podeis imaginar. Tudo o que fizeram os santos por ser santos, foi muito bem empregado, e ainda pouco, porque muito

mais importa, muito mais vale, e muito mais é ser santos; mas, para chegar a o ser, não é necessário tanto, senão muito menos. Não é necessário guardar a perpétua continência das virgens, porque tendes a licença e liberdade do matrimônio, com que foram santos Adão e Eva, Zacarias e Isabel, Joaquim e Ana. Não é necessário ser anacoreta, nem ir viver aos desertos, porque podeis ser santos na vossa casa, como José, Samuel, Davi, que morreram na sua. Não é necessário ser doutor, nem queimar as pestanas sobre os livros, porque basta que saibais os Mistérios da Fé e os Mandamentos, como S. Paulo, por sobrenome o Simples, S. Junípero, Santo Hermano, e aqueles de quem dizia Santo Agostinho: Levantam-se os indoutos, e levam o reino do céu aos letrados. Não é necessário ser mártir, porque não só não padecendo martírio, mas fugindo dele e escondendo-vos, podeis ser santo, como o foi Santo Atanásio, S. Feliz, S. Silvestre, e outros. Nem menos é necessário ser apóstolo, patriarca ou profeta, porque estes officios e dignidades passaram com o tempo, e podeis ser santos como o foram todos os que depois deles vieram.

182. Pois, que é necessário para ser santo? Uma só coisa, e muito fácil, e que está na mão de todos, que é a boa consciência ou limpeza de coração, como diz o nosso tema: *Beati mundo corde*. Olhai como Deus quis facilitar o céu e o ser santos, que pôs a bem-aventurança e santidade em uma coisa que ninguém há que não tenha, e a mais livre e mais nossa, que é o coração. Assim como o coração é a fonte da vida, assim é também a fonte da santidade; e assim como basta o coração para viver, ainda que faltem outros membros e sentidos, assim, e muito mais, basta a pureza de coração para ser santo, ainda que tudo o mais falte. Se o ser santo dependera dos olhos, não fora santo Tobias, que era cego; se dependera dos pés, não fora santo Jacó, que era manco; se dependera de algum outro membro do corpo, não fora santo Jó, que estava tolhido de todos, e só lhe ficou a língua: e, ainda que não tivera língua, também fora santo, porque Santa Cristina, sendo-lhe a língua cortada, louvava a Deus com o coração, e com o coração, sem língua, eram tais as suas vozes, que as ouviam não só os anjos no céu, senão também os circunstantes na terra. De sorte que, para um homem ser santo, não é necessário coisa alguma fora do homem, nem ainda é necessário todo o homem: basta-lhe uma só parte, e essa a primeira que vive e a última que morre, para que lhe não possa faltar em toda a vida, que é o coração.

183. Tendo o coração puro, e ou vos faltem ou sobejem todas as outras coisas, nem a falta vos será impedimento, nem a abundância estorvo para ser santo. Salomão pedia a Deus (Prov. 30,8) que o não fizesse rico nem pobre, mas que lhe desse o necessário para passar a vida, receando que não poderia ser santo em qualquer daqueles extremos; mas eu vos asseguro que, ou sejais rico, ou pobre, ou pobríssimo, de qualquer modo podeis ser santo. Se fordes rico e puderdes dar esmola, dai-a, e sereis santo, como foi S. João Esmoler; se fordes pobre, e tiverdes necessidade de pedir esmola, pedi-a, e sereis santo, como foi Santo Aleixo; e se fordes tão desamparado, que não tenhais quem vos dê esmola, tende paciência, e sereis santo, como foi S. Lázaro.

184. Tertuliano teve para si que os reis e imperadores não só não podiam ser santos, mas nem ainda cristãos, mas errou neste sentimento, como em outros, Tertuliano, porque escreveu quando ainda no cristianismo não havia mais coroas que as do martírio. Rei foi de França S. Luís, rei de Inglaterra Santo Eduardo, rei de Escócia S. Guilherme, rei de Suécia Santo Erico, rei de Dinamarca S. Canuto, rei de Boêmia S. Casimiro, rei da Noruega Santo Olo, rei de Castela S. Fernando, e imperador Santo Henrique, e todos santos, porque, se na grandeza da sua fortuna têm maior matéria para os vícios os príncipes, também têm mais alta esfera para as virtudes.

185. Das dignidades eclesiásticas se deve fazer o mesmo juízo. Uns santos vereis

com mitras de bispos, com capelos de cardeais e tiaras de pontífices na cabeça, e outros com essas mitras, capelos e tiaras aos pés, e por quê? Uns porque deixaram o lustre da dignidade, outros porque sustentaram o peso; uns porque reconheceram o perigo, outros porque continuaram o trabalho; mas, uns e outros, santos. Não foi menos santo São Gregório, sendo papa, do que S. Pedro Celestino, porque renunciou à tiara; nem menos santo Agostinho, sendo bispo, do que Santo Tomás, porque recusou às mitras; nem menos santo São Carlos Borromeu, sendo cardeal, do que S. Francisco de Borja, porque não quis aceitar os capelos.

186. Aquele é e será mais santo, em qualquer estado, que usar dele com mais puro coração. E se não, discorrei por todos os estados, ou altos ou baixos do mundo, e achareis neles o vosso, para que vejais que no vosso, se quiserdes, podeis ser santo. Que lugares há mais mal avaliados no mundo do que os palácios dos reis, como oficinas da vaidade, da potência, da inveja e do engano, e onde nunca, ou raramente, entra a verdade; mas nem por isso há neles ofício que não esteja santificado. Mordomo-mor foi S. Leodegário, camareiro-mor S. Jacinto, estribeiro-mor S. Vandrigilo, monteiro-mor S. Mauraneu, porteiro-mor S. Patrício, copeiro-mor S. Patroclo, capitão da guarda S. Sebastião, viador S. Saturo, secretário Santo Anastácio, conselheiro S. João Damasceno, S. Germano, S. Melânio, e em cada um destes ofícios muitos outros santos.

187. Uma das profissões mais arriscadas a não ser justo é a dos ministros da justiça, ou sejam os que a sentenciam, ou os que a defendem, ou os que a escrevem, ou os que a executam; mas todos, se o fizerem com pureza de coração, podem ser santos. Santo Ereberto e Santo Tomás de Cantuária foram chanceleres; S. Hieroteu e S. Dionísio Areopagita, desembargadores; S. Pudente e Santo Apolônio, senadores; S. Fulgêncio, procurador da fazenda real; Santo Ambrósio, S. Crisóstomo e S. Cipriano, advogados; S. Marciano, S. Genésio e S. Cláudio, escrivães; Santo Anastácio e S. Ferréolo, juizes do crime; Santo Aproniano e S. Basilides, esbirros ou beleguins; e até no vilíssimo exercício de algozes foram santos S. Ciríaco, Santo Estratonico, e outros.

188. Em nenhum gênero de vida parece que anda mais arriscada a eterna que no daqueles que trazem a soldo a temporal à custa do sangue próprio e alheio, tão duros como o ferro de que se vestem, tão violentos como o fogo de que se armam, e tão vãos e jactanciosos como o vento que nas caixas e trombetas os chama, e nas bandeiras os guia. É porém infinito o número de soldados santos, que dando a vida constantemente por Cristo na Igreja militante, ornados de coroas e palmas entraram na triunfante. Só na perseguição de Trajano padeceram martírio de uma vez seis mil soldados, que foi a famosa Legião dos Tebeus; e na de Diocleciano e Maximiano também em um só dia dez mil, desterrados primeiro para a Armênia, e depois crucificados. Não falo nos generais, como Santo Eustáquio e Constantino, nem nos marechais, como S. Nicostrato e Santo Antíoco, nem nos tribunos e mestres de campo, como S. Marcelino e S. Floreano, nem nos capitães de cavalos, como S. Querino e S. Vital, nem nos capitães de infantaria, como S. Górdio e S. Marcelo, nem nos alferes, como Santo Exupério e S. Juliano, porque da virtude e valor dos soldados se vê quão santos seriam os que os governavam.

189. S. Paulo disse que a raiz de todos os pecados é a cobiça; e estando estas raízes tão arraigadas nos que professam a mercancia, e tão estendidas em cada um por todas as partes do mundo, nem por isso deixam de produzir frutos de santidade. Delas nasceu um S. Francisco de Assis, um S. Fulgêncio, um S. Guido, e não só um, senão dois Firumêncios, ambos santos, e outros muitos.

190. E, se de todos estes exercícios, de sua natureza tão perigosos, e quase

encontrados com aqueles em que se lavram os santos tem dado a terra ao céu tantos e tão gloriosos, que será nos ofícios e artes mecânicas, em que o trabalho, companheiro inseparável das virtudes, desterra a ociosidade, que é origem de todos os vícios? Não falando no gloriosíssimo S. José, nos Santos Apóstolos e no mesmo Cristo, que, depois de fabricar o mundo, se não desprezou de trabalhar em uma destas artes, escolhendo entre todas a que mais simpatia tinha com o lenho da cruz. S. Jacó de Boêmia foi carpinteiro, S. Sinfioriano escultor, S. Paulo Helático torneiro, S. Floro serrador, Santo Elígio ourives, Santo Andrônico prateiro, S. Duustano ferreiro, S. Marciano armeiro, S. Gildas fundidor, S. Próculo pedreiro, S. Crispim sapateiro, Santo Homobono alfaiate, Santo Onúfrio tecelão, S. Gualfundo celeiro, Santo Aquilas corrieiro, S. João de Deus livreiro, Santo Isidoro lavrador, S. Maurício hortelão, S. Leonardo pastor, Santo Alderico vaqueiro, Santo Arnaldo marinheiro, S. Patênio pescador, S. Ventiro almocreve, S. Ricardo carreiro, Santo Adriano correio, S. Guilherme moleiro, S. Gemiano taverneiro, S. Quiríaco cozinheiro, Santo Alexandre carvoeiro, Santo Henrique carnicheiro, Santo Erineu varredor das imundícias ou carretão: e não há ofício, estado e exercício tão trabalhoso, tão baixo, e ainda pouco limpo, que, se se faz com limpeza de coração, não possa fazer santos. *Beati mundo corde.*

## §XI

*Qual consegue a limpeza com maior facilidade: o leproso que Cristo curou ou um coração também leproso pelo pecado? O leproso, para ficar limpo, disse cinco palavras; Davi, para ser perdoado, disse uma palavra de três silabas; a nós nos basta um sim ou um ai dito de coração. O céu, como o amor de Deus, não está longe de nós, senão dentro de nós, e dentro do que está mais dentro de nós, que é o coração. O ai de S. Bernardo, pregando aos seus religiosos.*

191. Temos visto como em todos os estados, em todos os ofícios e em todas as fortunas podemos alcançar a maior fortuna de todas, que é ser santos; temos visto que o instrumento necessário para ser santos é só e unicamente o coração, contanto que seja puro e limpo; só resta para complemento da facilidade com que vos prometi que todos podemos ser santos, declarar quão facilmente podem todos conseguir esta mesma limpeza. A limpeza do coração consiste em estar limpo de pecados, e não há nenhum pecador, por grande que seja, que não possa conseguir esta limpeza de coração tão breve e tão facilmente que, se entrou nesta igreja pecador, não possa sair dela santo. Presentou-se a Cristo um leproso, e pondo-se de joelhos: *genu flexo*, disse assim: *Domine, si vis, potes me mundare* (Mt. 8,2 s): Senhor, se quereis, bem me podeis alimpar desta lepra. — Respondeu o Senhor: *Vo lo, mundare*: Quero, sê limpo — e no mesmo ponto ficou limpo daquele tão feio e tão asqueroso mal: *Et confestim mundata est lepra ejus*. Pode haver maior brevidade, pode haver maior facilidade de conseguir a limpeza? Parece que não. Pois eu vos digo, e é de fé, que muito mais breve e muito mais facilmente podeis conseguir a limpeza de coração se o mesmo coração quiser. A lepra do coração, mais feia, mais imunda e mais asquerosa que a do corpo é o pecado. E para que vejais quanto mais fácil e mais brevemente se consegue a limpeza desta lepra, ponhamos o mesmo leproso que Cristo curou, à vista de um coração também leproso pelo pecado, e veremos qual consegue a limpeza com maior facilidade.

192. Estava leproso o coração de Davi, não outro, senão aquele coração de quem ele

disse com os mesmos termos do nosso texto: *Cor mundum crea in me, Deus*<sup>12</sup>. E estava tão penetrado da lepra, que havia já um ano que perseverava no pecado, quando o exortou o profeta Natã a que considerasse o estado miserável de sua consciência, e se convertesse de todo coração a Deus, de quem vivia tão esquecido. Fê-lo assim Davi, mas que fez? Somente disse: *Peccavi* (2 Rs. 12,13): Pequei, — e não tinha bem pronunciado esta palavra quando o profeta lhe disse que já estava perdoado e restituído à graça de Deus: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum*<sup>13</sup>. Comparai-me agora a Davi com o leproso, e vede qual conseguiu a limpeza da lepra mais fácil e mais brevemente. O leproso pôs-se de joelhos: *genu flexo* e Davi não se ajoelhou; o leproso disse cinco palavras: *Si vis, potes me mundare*, — Davi não disse mais que uma: *Peccavi*; e com tudo isto o leproso não tinha ainda conseguido a limpeza, antes estava duvidoso dela: *Se vis*; e Davi já tinha conseguido e estava certificado disso da parte do mesmo Deus: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum*. Logo, muito mais fácil e muito mais brevemente conseguiu o coração de Davi a limpeza da sua lepra, do que o leproso a da sua. Mas quando o conseguiu o leproso? Quando Cristo lhe respondeu: *Volo, mundare*: Quero, sê limpo. — Agora vos peço eu que me respondais a mim, e eu vos prometo que com a vossa resposta ficarão limpos os vossos corações ainda mais brevemente que o leproso com a resposta de Cristo, porque a resposta de Cristo comunicou a limpeza ao leproso com duas palavras, e a vossa resposta há de comunicar a limpeza aos vossos corações só com uma sílaba. Respondei, pois, cristãos, ao que vos pergunto. Não vos pesa muito de ter ofendido a um Deus de infinita majestade e bondade, por ser ele quem é? Não vos pesa e vos arrependeis entranhavelmente de ter sido ingratos a um Deus que vos criou, e vos deu o ser, e vos remiu com seu sangue? Não detestais de todo coração todos vossos pecados, por serem ofensas suas? Não tendes nesta hora firmes propósitos de nunca mais o ofender? Sim? Pois este sim, dito de todo coração, basta para que o mesmo coração fique e esteja já limpo de todos seus pecados; e esse sim, sendo uma só sílaba, fez nos vossos corações o mesmo efeito, e mais maravilhoso ainda, que as palavras de Cristo no leproso.

193. Pois, se na limpeza do coração consiste o ser santos, e esta limpeza de coração se pode conseguir tão facilmente só com um movimento do mesmo coração, que coração haverá tão fraco, ou que homem de tão fraco e de tão pouco coração que não se resolva a ser santo? Se o ser santo fora uma coisa muito dificultosa, bem nos merecia o céu e a bem-aventurança que, pela gozar eternamente, se venceram todas as dificuldades. Mas é tão fácil que, sem vos bulir do lugar onde estais, e sem mover pé nem mão, nem fazer ou padecer coisa alguma, só com um ato do coração, e o ato mais natural, mais fácil e mais suave do mesmo coração, que é amar, e amar o sumo bem, podemos ser santos. Exorta Moisés a amar a Deus de todo coração, que é o mandamento em que se encerram todos, e conclui assim. *Mandatum hoc non supra te est, neque procul positum* (Dt. 30, 11): Este mandamento não é sobre nós, nem está longe de nós. — Se fora sobre nós e estivera lá no céu: *In caelo situm* (Ibid. 12), tê-lo-íamos por impossível; se estivera longe de nós, e com muito mar em meio: *Trans mare positum* (Ibid. 13), tê-lo-íamos por muito dificultoso. Mas é muito fácil e está muito perto, porque está o cumprimento dele dentro do nosso coração: *Sed juxta te est sermo valde in corde tuo*<sup>14</sup>. Moisés, que não prometia o céu, disse que estava perto de nós o cumprimento deste preceito; mas Cristo, que promete o céu, ainda

<sup>12</sup> Cria em mim, ó Deus, um coração puro (Sl. 50,12)

<sup>13</sup> Também o Senhor transferiu o teu pecado (2 Rs. 12,13).

<sup>14</sup> Mas esta palavra está muito perto de ti, no teu coração (Deut. 30,14).

disse mais e melhor, porque diz que o preceito, e o céu, e o merecimento dele não só está perto de nós, senão dentro de nós: *Regnum Dei intra vos est*<sup>15</sup>. Cuidamos que o céu, onde subiram os santos, está muito longe, e enganamo-nos: o céu não está longe, senão muito perto, e mais ainda que perto, porque está dentro de nós, e dentro do que está mais dentro, que é o coração. E que haja almas, e tantas almas, que tendo o céu dentro de si na vida, fiquem fora do céu na morte, e que podendo tão facilmente purificar o coração e ser santas, só porque não querem o não sejam? Se para amar a Deus e ganhar o céu houvéramos de atravessar os mares tormentosos e contrastar com todos os elementos, pouco era que se fizesse pela bem-aventurança certa do céu o que tantos fazem por tão pequenos interesses da terra; mas, tendo-nos Cristo tão facilitada a bem-aventurança, que entre a mesma bem-aventurança e o coração não haja mais que a condição de ser limpo: *Beati mundo corde*, e, podendo o mesmo coração alcançar essa limpeza em um instante de tempo e com um ato de amor, e de amor ao sumo bem, que não sejamos todos santos, e não queiramos ser bem-aventurados?

194. Quero acabar esta admiração com um ai de S. Bernardo, pregando neste mesmo dia aos seus religiosos, o qual a eles e a todos pode servir de exemplo e de confusão: *Beati mundo corde, quoniam ipsi Deus videbunt: Beati plane, et omnino beati qui videbunt, in quem desiderant Angeli prospicere. Tibi dixit corneum, exquaesivit te facies mea, faciem tuam, Domine, requiram. Quid enim mihi est in caelo, et a te quid volui super terram? Defecit caro mea et cor meum, Deus cordis mei et pars mea, Deus in aeternum: quando adimplebis me laetitia cum vultu tuo? Vae mihi ab immunditia cordis mei, qua impediens te, nedum mereor ad beatam illam visionem admitti.* Quer dizer: Bem-aventurados os limpos de coração, e verdadeiramente bem-aventurados, porque eles verão aquela face divina, a qual os anjos sempre estão vendo e sempre estão desejando ver. A vós, Senhor, diz o meu coração: Nenhuma coisa desejo, senão ver-vos de face a face, porque nenhuma outra há para mim, nem na terra nem no mesmo céu. Desmaia o meu coração nas ânsias deste desejo, porque só o Deus do meu coração é o único e todo o bem que o pode satisfazer. E quando chegará aquela ditosa hora em que, com a vista de vosso rosto, fique satisfeito? Mas, ai de mim — diz Bernardo — que pela pouca limpeza de meu coração — quero-o dizer com as suas próprias palavras — ai de mim, que a impureza e imundícia de meu coração me impede e faz indigno de ser admitido àquela bem-aventurada vista! *Vae mihi ab immunditia cordis mei, qua impediens te, nedum mereor ad beatam illam visionem admitti.* Se isto dizia de si um coração tão puro, um coração tão santo, um coração tão elevado, tão estático, tão seráfico e tão abrasado no amor divino, se isto dizia no coração de Bernardo a humildade, que dirá noutros corações a verdade? Se o corpo estiver no claustro, e o coração no mundo? Se o coração, depois de se dar a Deus, estiver sacrificado ao ídolo? Se o coração, que devera estar cheio de caridade e amor de Deus, estiver ardendo em amor que não é caridade? Se as palavras, que saem do coração, e os pensamentos, que não saem, forem envoltos em impureza? Ai de tal coração e de quem o tem: *Vae mihi ab immunditia cordis mei!* Este *vae* e este ai de São Bernardo em dia de Todos os Santos, fique por matéria de meditação a todos os que o querem ser. Advirtam, porém, e tenham por certo, que se este *ai* de conhecimento e temor se converter em *ai* de dor, em *ai* de pesar, em *ai* de verdadeiro e firma arrependimento, esse mesmo *ai*, dito de todo coração, com ser uma só sílaba — como dizia — bastará para purificar de tal sorte o mesmo coração que, sendo nesta vida santificado por graça, mereça ser na outra beatificado

<sup>15</sup> O reino de Deus está dentro de vós (Lc. 17,21).

por glória: *Beati mundo corde.*

## SERMÃO DA SEGUNDA DOMINGA DA QUARESMA

EM LISBOA, NA CAPELA REAL, ANO DE 1651

*Resplenduit facies ejus sicut sol: vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix<sup>1</sup>.*

## §I

*A festa da Transfiguração, domingo das mentiras. O conceito que fez Davi quando foi arrebatado ao céu. Razões do autor para assim chamar o dia da Transfiguração.*

195. O quinto Domingo da Quaresma chama-se vulgarmente, na nossa terra, o Domingo das Verdades; e este segundo Domingo em que estamos, se é lícito falar assim, chamara-lhe eu o Domingo das Mentiras. Mas que fundamento posso eu ter — me dirão todos, e com razão — que fundamento ou motivo posso eu ter para dar um nome tão novo, e ainda tão mal soante e indecente a um dia tão sagrado, como são entre todos os do ano os domingos, e a um domingo tão singular, como é entre todos os desta santa quarentena aquele a que a Igreja dedicou o mistério altíssimo da Transfiguração do Senhor. As causas por que Cristo, Senhor nosso, se transfigurou com tantas circunstâncias de resplendor, grandeza e majestade, descendo do céu o Padre, subindo do seio de Abraão Moisés, e vindo do Paraíso Terreal Elias, e assistindo a tudo os três maiores apóstolos — como notam com Santo Agostinho os Padres, e com Santo Tomás os teólogos — foram duas: a primeira, para nos dar algumas mostras na terra da glória que havemos de gozar no céu; a segunda, para que a verdade da mesma glória ficasse provada e estabelecida com o testemunho universal de todas as três leis: a da natureza em Moisés, a da escrita em Elias, e a da graça nos apóstolos, e, sobretudo, com a voz infalível do mesmo Deus, que de todos foi ouvida. Pois, se no mistério e testemunho da Transfiguração de Cristo não só se contém a glória da bem-aventurança em si mesma, senão também a verdade da mesma glória para conosco, e esta glória e esta verdade é o que hoje celebra e manda pregar a todos os fiéis a Igreja Católica, como me atrevo eu a dizer que um dia tão solene e glorioso, e mais do céu que da terra, se pode ou podia chamar o Domingo das Mentiras? Respondo que por isso mesmo, e que em sentido bem entendido e decente se pode chamar assim. E por quê? Porque o que hoje se prega são as excelências da glória do céu, e tudo o que se apregoa e encarece da glória do céu, posto que no que se quer dizer seja verdade, no que se diz é mentira.

196. Agora vereis se é arrojamento o que digo. Entre os extraordinários favores que Deus fez a Davi, como homem tanto do seu coração, um deles foi, e porventura o maior, arrebatá-lo um dia, e levá-lo em espírito ao céu, onde, correndo as cortinas ao trono da majestade divina e a todo o teatro da glória, lhe mostrou a que ele havia de gozar depois, quando o Filho de Deus, e Filho do mesmo Davi, a comprasse com seu sangue. Vendo, pois, Davi a glória dos bem-aventurados, que havia de ser também sua, que conceito vos parece que faria da glória? Ele mesmo o disse, e foi admirável: *Ego dixi in excessu meo: Omnis homo mendax*<sup>2</sup>. Naquele êxtase em que fui arrebatado e levado ao céu, que fiz depois de ver o que vi, foi dizer e exclamar que todo o homem mente. — Notável conse-

<sup>1</sup> O seu rosto ficou refulgente como o sol, e as suas vestiduras se fizeram brancas como a neve (Mt. 17,2).

<sup>2</sup> Eu disse no meu êxtase: Todo o homem é mentiroso (Sl. 115,11).

qüência! Pedro vendo a glória do Tabor, diz: *Bonum est nos hic esse*<sup>3</sup>, e Davi, vendo a glória do céu, diz: *Omnis homo mendax*? Sim, e com admirável discurso. Como se dissera: é possível que esta é a bem-aventurança do céu, é possível que isto é o que lá no mundo chamamos glória? Ora, o certo é que nenhum homem há que falando da glória não diga uma coisa por outra; nenhum homem há que falando da glória diga o que ela é, senão o que não é; enfim que, falando da glória, todo o homem mente: *Omnis homo mendax*. Este foi o conceito que fez Davi quando foi arrebatado ao céu, e nem eu tinha habilidade para dar em tão alto pensamento, nem tivera confiança para sair com ele a público, se o não dissera primeiro, comentando as mesmas palavras, Teodoro Heracleota, insigne entre os Padres gregos, que floresceu a mil e trezentos anos, bispo, de Heracléia, na Trácia, e doutíssimo intérprete das Escrituras Sagradas, como dele escreve S. Jerônimo no catálogo dos escritores eclesiásticos<sup>4</sup>. As suas palavras são estas: *Exclamavit David in excessu suo: Omnis homo mendax: qui enim voce ineffabilia hortatur; mendax est, non quod oderit veritatem, sed quia deficit in rei intellectae expositione*: Exclamou Davi no seu êxtase — diz o grande Heracleota — e não duvidou dizer que todo o homem mente, porque todo o homem que quis explicar com palavras as coisas que são inefáveis, e não tem termos com que se declarar, necessariamente há de mentir, não porque seja inimigo da verdade, mas porque a não pode dizer como ela é. — E esta é a razão e o sentido verdadeiro com que eu digo que o dia em que os pregadores falamos das excelências da glória é o dia das mentiras.

## §II

*Como provar a propriedade dessa interpretação do texto de Davi? Os antecedentes e conseqüentes do mesmo texto. O que diz Davi antes e depois de referir o seu êxtase e a exclamação que nele fez. Se, segundo a visão de S. João no Apocalipse, há milhares de homens que nunca mentiram, como diz Davi que todo o homem mente? Conseqüências da proposição de Davi. A mentira por excesso e a mentira por defeito, segundo Santo Tomás.*

197. Mas, antes que passemos adiante, deixai-me provar que o sentido que acabo de referir é o próprio e genuíno do texto de Davi. A regra certa de conhecer o verdadeiro sentido de qualquer texto, como ensinam, com Santo Agostinho, todos os teólogos e intérpretes das Escrituras, é a coerência que tem o texto com os antecedentes e conseqüentes dele. Se o que fica atrás e o que se segue adiante correm naturalmente e concordam com o que diz o texto, é sinal certo e evidente de que aquele é o seu próprio, literal e verdadeiro sentido. Vejamos agora que diz Davi antes e depois de referir o seu êxtase e a exclamação que nele fez.

198. As palavras antecedentes são estas, e nenhuma outra mais, porque assim começa o Salmo: *Credidi propter quod locutus sum: ego autem humiliatus sum nimis* (Sl. 115,10): Eu — diz Davi — falei conforme o que cri, e fiquei muito humilhado. — Pois, de falar conforme o que cria podia ficar humilhado um tão grande profeta? Só no caso presente, sim. O que cria Davi era o que lhe ensinava a fé, e nenhuma coisa pode humilhar a fé, senão a vista. Foi arrebatado ao céu, viu lá o que é a glória, e como as evidências claras da glória excedem infinitamente todas as apreensões escuras da fé, ficou humilhado, e como envergonhado Davi do pouco que tinha dito da mesma glória, quando falou dela

<sup>3</sup> Bom é que nós estejamos aqui (Mt. 17,4).

<sup>4</sup> *Div. Hier. in Cathal. Scrip. Eccles.*

guiado somente pelo que cria: *Credidi propter quod locutus sum, ego autem humiliatus sum nimis*. Aquele cego de seu nascimento, a quem Cristo deu vista, muitas vezes tinha ouvido falar no sol; mas quando, com os olhos abertos, viu verdadeiramente o que é o sol, então conheceu quão diferente e quão baixo conceito era o que tinha feito da sua luz e da sua formosura, que só conhecia de ouvidas. O mesmo lhe sucedeu a Davi. Tinha falado da glória só pelo que tinha ouvido à fé, e por isso, quando a viu com seus olhos, ficou tão humilhado, tão confuso e tão corrido do pouco que tinha dito, que não duvidou de se desdizer e se desmentir a si mesmo e a todos os homens que dela falaram: *Ego dixi in excessu meo: Omnis homo mendax*.

199. As palavras que logo acrescenta e se seguem imediatamente ao mesmo texto são estas: *Quid retribuam Domino pro omnibus quae retribuit mihi*<sup>5</sup>? Não pode haver maior coerência nem maior propriedade. Com que pagarei — diz — a Deus o muito com que Deus me pagou? — Pois, Davi, já Deus vos pagou, estando vós ainda nesta vida? Sim, porque já me mostrou no meu êxtase a glória que me tem aparelhado, e com que me há de pagar no céu. Por isso lhe chama propriamente, não dádiva nem mercê, senão retribuição: *Pro omnibus quae retribuit mihi*. A glória é a retribuição, o prêmio e a paga com que Deus paga no céu os serviços que lhe fazemos na terra; e como Deus naquele êxtase mostrou a Davi a glória com que lhe havia de pagar seus serviços, por isso ele, com afeto de agradecimento e com desejo de fazer algum novo serviço a Deus, que fosse digna correspondência de tamanho prêmio, querendo pagar uma retribuição com outra retribuição, rompeu naquelas palavras: *Quid retribuam Domino pro omnibus quae retribuit mihi*? Mas, como desejava Davi pagar a Deus esta mesma paga, se os bem-aventurados, quando a recebem, nem a pagam nem a podem pagar? A razão e diferença é porque os bem-aventurados do céu já não estão em estado de merecer nem servir. Porém Davi, depois de arrebatado e levado ao céu, tornou a este mundo, e por isso era capaz de pagar a Deus a mesma paga que lhe tinha mostrado, e uma retribuição com outra.

200. Duvidoso pois Davi, e excogitando o modo que podia ter nesta vida para pagar a Deus com paga equivalente à mesma glória que lhe tinha aparelhado no céu, alumiado pelo mesmo Deus, deu em um pensamento altíssimo, com que milagrosamente se confirma tudo o que dizemos: *Calicem salutaris accipiam, et nomen Domini invocabo* (Sl. 115,13): Oferecerei a Deus em sacrifício o cálix do Salvador, invocando seu santo nome. E deste modo lhe agradecerei e pagarei a mesma glória que me tem aparelhado no céu. Pois, o cálix do Salvador é o agradecimento e a paga com que Davi há de pagar a Deus a glória com que o mesmo Deus há de pagar e remunerar a Davi os seus serviços? Sim. Nem pode haver outra igual. E por quê? Porque o preço com que o Salvador nos comprou a glória foi o cálix do sangue da sua Paixão, que é o mesmo cálix e o mesmo sangue que se consagra no Sacramento; e só oferecendo-se a Deus em sacrifício este cálix e este sangue, se pode pagar a Deus a glória que nos dá na bem-aventurança, porque é pagar a glória, não só com preço igual, senão com o mesmo preço com que foi comprada. Comprou-se a glória com o cálix do sangue do Salvador? Pois com o cálix do mesmo sangue a pagarei eu a Deus, porque só por este modo pode ser a retribuição do agradecimento igual à retribuição do prêmio: *Quid retribuam Domino pro omnibus quae retribuit mihi? Calicem salutaris accipiam, et nomen Domini invocabo*.

201. De maneira — tornando ao nosso texto — que, sendo Davi arrebatado em espírito e levado ao céu, viu lá a glória dos bem-aventurados, e, comparando o

<sup>5</sup> Que darei eu em retribuição ao Senhor, por todos os benefícios que me tem feito (Sl. 115, 12)?

conhecimento claro e verdadeiro da glória que viu com o conceito que fazem da mesma glória e que dizem dela os que a não viram, o que inferiu desta vista, e a consequência que tirou, foi dizer que todo o homem mente: *Ego dixi in excessu meo: Omnis homo mendax* — não absolutamente, e em qualquer outra matéria, senão particularmente nesta, e quando falam da glória. Digo quando falam da glória, porque só neste sentido se verifica com propriedade o texto de Davi, o qual absolutamente tomado, e como vulgarmente se entende, tem grande contrariedade na mesma Escritura. No capítulo catorze do Apocalipse diz S. João que viu muitos milhares de homens, em cuja boca nunca se achou mentira: *In ore eorum non est inventum mendacium* (Apc. 14,5). Tal foi Natanael, de quem disse Cristo: *Ecce vere Israelita in quo dolus non est*<sup>6</sup>. Tal foi o Batista, de quem canta a Igreja: *Ne levi posses maculare vitam crimine linguae*<sup>7</sup>. E, verdadeiramente, para não mentir, não é necessário ser santo, basta ser honrado, porque não há coisa mais afrontosa, nem que maior horror faça a quem tem honra, que o mentir. Pois, se é de fé que há tantos que nunca mentiram, como diz Davi que todo o homem mente: *Omnis homo mendax*? Os que querem defender a proposição de Davi no sentido vulgar, dizem que não fala do ato nem do hábito da mentira, senão da corrupção da natureza. Mas, se basta a corrupção da natureza para dizer que todo o homem é mentiroso, também bastará para dizer que todo o homem é homicida, ladrão e adúltero, o que ninguém jamais disse, nem pode dizer. Aqui vereis quão próprio e verdadeiro é o sentido em que temos declarado, com Teodoro, o texto de Davi. Quando diz que todo o homem mente, não fala em geral de toda a matéria, senão daquela que atualmente estava vendo no seu êxtase, que era a glória; e desta só, e em particular, é que diz que ninguém houve que falasse dela que não mentisse.

202. Mas, suposto que Davi inferiu e tirou esta consequência da glória que viu, eu também quero inferir e tirar consequências da sua proposição. — Dizeis, Davi, que todo o homem, quando fala da glória, mente porque diz menos do que é? Logo, também vós, que sois homem, quando falastes da glória, mentistes? — Concedo, diz Davi, que esse mentir não é culpa. — E se vós, que fostes o mais alumiado de todos os profetas, nesse sentido mentistes, diremos também que os outros profetas, quando nela falaram, mentiram? — Também, diz Davi — no sentido em que eu o disse, que tanto o disse por mim, como por eles. — E se os profetas, quando falaram da glória, mentiram, que diremos dos evangelistas? — No mesmo sentido em que falou Davi, ele diz que sim, e eu também com ele. E não temais que seja descrédito da verdade dos evangelistas, senão crédito da excelência da glória. Estai comigo, e assentemos o admirável desta proposição sobre as bases mais sólidas da Teologia.

203. Santo Tomás, dividindo a mentira em suas espécies, na questão cento e dez, artigo segundo, diz assim com Aristóteles, a quem cita no quarto das Éticas. Vede se são os dois corifeus da Filosofia e da Teologia. *Mendacium in duo dividitur, scilicet, in mendacium quod transcendit veritatem in majus, et mendacium quod deficit a veritate in minus*: A mentira, diz Santo Tomás, divide-se em duas espécies: uma por excesso e outra por defeito; a mentira por excesso é a que excede a verdade, porque diz mais; a mentira por defeito é a que falta à verdade, porque diz menos. — Funda-se esta divisão — a qual é adequada — na oposição que a mentira tem com a verdade, porque a inteireza da verdade consiste em dizer o que é, assim como é; e assim como dizer mais do que é, é mentira por excesso, assim dizer menos do que é, é mentira por defeito. E desta segunda espécie de

<sup>6</sup> Eis aqui um verdadeiro israelita, em quem não há dolo (Jo. 1,47).

<sup>7</sup> *Chysost. Paraenet. I ad Theo.*

mentira — que é natural, e não moral — nem os profetas, nem os evangelistas se podem livrar quando falam da glória, não porque não queiram dizer a verdade, e a digam do modo que podem, mas porque as verdades da glória são tão altas, tão sublimes e tão superiores a toda a capacidade e linguagem humana, que, por mais que digam o que é, sempre dizem muito menos.

### §III

*O que diz São Mateus da famosíssima história da Transfiguração. A brancura e o resplendor de Cristo transfigurado. Como chamam as Escrituras ao Verbo Divino? Se a comparação do sol e da neve, aplicada a qualquer corpo glorioso, é mais injúria que semelhança, como compara o evangelista ao sol e à neve o esplendor de Cristo glorificado?*

204. Começemos pelos evangelistas, e seja São Mateus o primeiro no mesmo Evangelho de hoje. Conta São Mateus a famosíssima história da Transfiguração de Cristo, Senhor nosso, no Monte Tabor, aonde levou consigo os três mais avantajados e mais familiares discípulos, e se lhes manifestou glorioso. E que é o que refere desta glória o evangelista? Diz que o rosto do Senhor ficara resplandecente como o sol, e as suas vestiduras alvas como a neve: *Resplenduit facies ejus sicut sol: vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix* (Mt. 17,2). Por certo que se a glória que Cristo mostrou aos discípulos não foi mais que esta, nem é necessária para a ver ir ao céu, nem ainda subir ao monte: resplendor como o do sol e brancura como a da neve, em qualquer vale se acha e de qualquer vale se vê. S. João Crisóstomo, descrevendo o resplendor que terão no céu os corpos gloriosos dos bem-aventurados, diz que farão tanta vantagem à luz do sol, quanta faz a luz do sol a uma candeia: *Erit lux non quae nunc est, sed plane alia, quae hanc tantum superabit fulgore, quantum ista lumen lychni*. E se a luz de qualquer corpo glorioso não só é tão superior à do sol, senão totalmente diversa e doutra espécie: *Non quae nunc est, sed plane alia*, sendo o resplendor do corpo de Cristo glorioso quase infinitamente maior que o de todos os bem-aventurados, como diz o evangelista que era como o sol? Santa Teresa, a quem Cristo repetidamente mostrou as mesmas galas do Tabor, diz que aquele resplendor e brancura são tão diferentes de tudo o que cá se vê e a que se sabe o nome, que a neve lhe parecia preta, e o sol escuro e indigno de se porem nele os olhos. Os mesmos três apóstolos experimentaram bem no mesmo caso esta grande diferença, porque com a vista do Senhor transfigurado ficaram tão assombrados e atônitos que estavam fora de si, como notou São Marcos: *Non enim sciebat quid diceret: erant enim timore exteriti*<sup>8</sup>. Logo, se em homens costumados a ver o sol e a neve causou aquela vista tão estupendos efeitos, muito diferentes eram do sol e da neve o resplendor e brancura que viam. Finalmente, S. João Damasceno, Santo Epifânio, S. Gregório Nazianzeno, Santo Agostinho e outros Padres dizem que aquele resplendor e aquela brancura não só emanou do corpo glorioso, nem só da alma sempre bem-aventurada de Cristo, senão da mesma divindade do Verbo unida hipostaticamente a uma e outra parte da humanidade sagrada, da qual divindade, como de fonte e princípio principal, se difundiam no rosto e nas vestiduras do Senhor aqueles admiráveis efeitos, em prova manifesta e quase sensível de que o homem que viam era juntamente Deus, como logo apreçou a voz do Padre: *Hic est Filius meus*

<sup>8</sup> Porque não sabia o que dizia, pois estavam atônitos de medo (Mc. 9,5).

*dilectus*<sup>9</sup>. O Verbo Divino chama-se nas Escrituras resplendor da glória e figura da substância do Padre: *Splendor gloriae et figura substantiae ejus* (Hebr. 1,3); e também se chama candor e brancura da luz eterna: *Candor est enim lucis aeternae* (Sab. 7,26). E deste resplendor divino é que manou o resplendor do rosto, e deste candor, também divino, a brancura das vestiduras na Transfiguração de Cristo.

205. Pois, se a comparação do sol e da neve, aplicada a qualquer corpo bem-aventurado e glorioso, mais é injúria que semelhança; se o resplendor e brancura do rosto e vestiduras de Cristo excediam com infinitas vantagens a formosura e galas de toda a corte do Empíreo, e se estes dois reflexos da majestade, ou estas duas amostras da glória no Senhor dela mais tinham de divinas que de sobrenaturais, e no candor e na luz eram raios expressos da divindade, como diz o evangelista que o resplendor do rosto era como o sol: *Resplenduit facies ejus sicut sol* — e a brancura das roupas como a da neve: *Vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix?* Aqui vereis com quanta verdade disse Davi que nas matérias da glória *omnis homo mendax*, não excetuando nenhum homem, ainda que seja evangelista. A verdade dos evangelistas em todas as outras matérias é tão adequada como infalível; mas quando chegam a falar da glória, não por defeito do historiador, mas por excesso da mesma glória, são tão imperfeitas as cores com que a pintam, e tão desiguais as semelhanças com que a descrevem, que não dizem o que é como é, senão como não é. Declaram o muito pelo pouco, encarecem o mais pelo menos, explicam o que chamam semelhante pelo que não tem semelhança, enfim, de tal maneira narram as verdades da glória, que sempre ficam dentro dos termos e divisão da mentira. Não diz Santo Tomás que a mentira por defeito é dizer menos do que é: *Mendacium, quod deficit a veritate in minus?* Pois isto é o que sucede até aos evangelistas quando falam da glória.

#### §IV

##### *Como descreve São João Evangelista a Cidade triunfante da glória.*

206. No carro de Ezequiel, chamado o carro da glória de Deus, o rosto de homem significava a S. Mateus, e o de águia a São João. Ora, vejamos se o evangelista S. João, como águia de mais aguda vista, alcança a dizer mais que S. Mateus. No capítulo vinte um e vinte dois do seu Apocalipse diz São João que viu descer do céu a cidade triunfante da glória, ornada como a esposa no dia das bodas: *Vidi civitatem Jerusalem novam descendentem de caelo a Deo, paratam, sicut sponsam ornatam viro suo*<sup>10</sup>. E, começando a descrição da cidade, assim como Deus a fábrica do mundo, pela luz, diz que a alumia a claridade de Deus, e que esta claridade era semelhante a uma pedra preciosa, e esta pedra preciosa semelhante a jaspe, e este jaspe semelhante a cristal: *Habentem claritatem Dei, et lumen ejus simile lapidi pretioso, tanquam lapidi jaspidis, sicut crystallum*<sup>11</sup>. O jaspe, de que aqui fala São João, não é aquela pedra vulgar e grosseira a que nós damos o mesmo nome, mas outra, só parecida com ela no arremedado ou remendado das cores, a que os gregos chamaram esfingites. Desta pedra refere Suetônio que lavrou para si uma galeria o mesmo imperador Domiciano, que desterrou para a Ilha de Patmos a São João. E acrescenta

<sup>9</sup> Este é aquele meu querido Filho (Mt. 17,5).

<sup>10</sup> Vi a cidade, a Jerusalém nova, que da parte de Deus descia do céu, adornada como uma esposa ataviada para o seu esposo (Apc. 21,2).

<sup>11</sup> "A qual linha a claridade de Deus, e o lustre dela era semelhante a uma pedra preciosa, como pedra de jaspe, à maneira de cristal (Apc. 21, 11).

Plínio que pouco antes tinha sido descoberta em Capadócia, no tempo de Nero, o qual com lâminas da mesma pedra vestira o interior do Templo da Fortuna, e era tal o seu natural resplendor que, com as portas e janelas fechadas ao sol, conservavam a luz do dia.

207. Vai por diante o evangelista na sua descrição da Cidade da Glória, cujos muros altíssimos e fortíssimos diz que eram edificados em quadro, e todos deste mesmo jaspe. Mediu-os um anjo com uma cana de ouro, e achou que tinham por cada lado doze mil estádios de comprimento, que fazem das nossas léguas quatrocentas e quarenta e quatro, para que até o número seja quadrado, em tudo significador de firmeza. Nos quatro lanços do muro havia doze portas, as quais nunca se fechavam, porque naquela região não há noite. E destas doze portas, três olhavam para o Oriente, três para o Ocidente, três para o Setentrião, três para o Meio-Dia, em sinal de que para todas as partes do mundo, e para todas as nações e estados dele, sem excluir a ninguém, está o céu patente. As portas todas eram da mesma arquitetura, e todas da mesma grandeza, proporcionada à altura e à magnificência dos muros, e cada uma delas aberta em uma pérola: *Et singulae portae erant ex singulis margaritis* (Apc. 21,21). Se no antigo Panteão, que era o templo de todos os deuses, e, por isso, figura do céu, se mostra ainda hoje, por maravilha, a porta dele aberta em uma só peça de mármore, quão admiráveis seriam aquelas portas, muito maiores que o mesmo templo, abertas em uma só pérola? A estas doze portas respondiam outros tantos fundamentos, sobre os quais assentava toda a cidade, e cada um era lavrado não da mesma, senão de várias pedras, e tão preciosas como várias. O primeiro fundamento, diz São João, era de diamante, o segundo de safira, o terceiro de carbúnculo, o quarto de esmeralda, o quinto de rubi, o sexto de sárdio, o sétimo de crisólito, o oitavo de berilo, o nono de topázio, o décimo de crisópraso, o undécimo de jacinto, o duodécimo de ametista. E, segundo o número e ordem destes doze fundamentos, estavam esculpidos e gravados neles os mesmos doze apóstolos, porque só fundada na fé e doutrina dos apóstolos pode estar segura a esperança de entrar na glória.

208. Mas, se tão suntuoso e magnífico era o exterior da Cidade, qual vos parece que seria ou será o interior. Toda a cidade, em toda a sua grandeza, todos seus edifícios e palácios — que todos são palácios reais — todas suas ruas e praças, diz o evangelista que eram de ouro puro e sólido, mas não ouro espesso, como o nosso, senão diáfano e transparente como vidro: *Ipsa vero civitas aurum mundum simile vitro mundo, et platea civitatis aurum mundum tanquam vitrum perlucidum*<sup>12</sup>. De sorte que a Cidade da Glória no pavimento, nas paredes e no interior dos aposentos, toda é um espelho de ouro, porque todos perpetuamente se vêem a si mesmos, todos vêem a todos, e todos vêem tudo. Nada se esconde ali, porque lá não há vício; nada se encobre, porque tudo é para ver; nada se recata ou dissimula, porque tudo agrada; e por que tudo é amor, tudo se comunica. Ainda tem outra excelência aquela bem-aventurada cidade, a qual, se lhe faltara, não fora da glória. Vindo a Roma, nos tempos de sua maior opulência e grandeza, um embaixador de Pirro, rei dos epirotas, não fazia fim de admirar o que o poder e a arte tinha junta naquele empório de riquezas e delícias. — E perguntado pelos romanos se achava algum defeito na sua cidade. — Sim, acho — respondeu o embaixador. — E qual é? — Que também em Roma se morre. — Não assim, diz São João, nesta riquíssima cidade que vos tenho descrito: *Mors ultra non erit, ne que luctus, neque clamor; neque dolor erit ultra* (Apc. 21, 4): Não há lá morte, nem lutos, nem dor, nem queixa — porque do trono do supremo Rei sai um rio de cristal que

<sup>12</sup> E a mesma cidade era de puro ouro, semelhante a um vidro claro, e a praça da cidade era de puro ouro, como vidro transparente (Apc. 21, 18,21).

rega toda a cidade, cujas margens estão cobertas de árvores, e as árvores carregadas de frutos, e os frutos melhores que os da Árvore da Vida, que não só fazem os homens imortais, senão eternos: *Fluvium aquae vivae, splendidum tanquam crystallum, procedentem de sede Dei et Agni. In medio plateae ejus, et ex utraque parte fluminis lignum vitae*<sup>13</sup>.

## §V

*Reparos à descrição do evangelista: S. João não diz o que há no céu, senão o que não há; descreve como são edificadas os muros, mas nada diz do que eles abraçam e cercam. A descrição de São Paulo. O apóstolo São João e o discípulo de Zêuxis. Como pode o lustroso e precioso da terra informar-nos com verdade da beleza sobrenatural da glória?*

209. Esta é, senhores, a Cidade da Glória, descrita pelo evangelista São João; e basta que fosse assim como se descreve para ser merecedora das nossas saudades, e que fizéssemos mais do que fazemos por ir viver nela. Mas é necessário entender com distinção isto mesmo que está dito. Em dizer o evangelista que naquela bem-aventurada pátria não há morte, nem dor, nem tristeza, nem queixa, nem algum dos outros acidentes que tão molesta fazem a vida deste vale de lágrimas, é verdade entendida assim como soa, em que não pode haver dúvida. Porém isto não é dizer o que há no céu, senão o que não há. Não há mortes, não há dores, não há trabalhos. O demais, que pertence à magnificência e riqueza da mesma cidade, o ouro, as pérolas, os diamantes, e todo o outro aparato e preço da pedraria de que são edificadas os muros, e quanto eles abraçam e cercam é o de que só se duvida. E com razão. Alguns doutores têm por provável que tudo isto haja no céu; os demais o negam absolutamente, e, para mim, com evidência. Os vossos mesmos olhos e os vossos mesmos pensamentos me hão de fazer a prova. Pergunto: Vistes já ouro, vistes já pérola, vestes já diamantes, e todas as outras pedras de preço, de que São João fabrica a Cidade da Glória? Sim. Logo é certo e evidente que a Cidade da Glória não é edificada desse ouro nem dessas pedras. Por quê? Porque São Paulo, que foi ao céu e viu o que lá há — diz que o que Deus tem aparelhado na bem-aventurança para os seus escolhidos são tudo coisas que nunca os olhos viram. *Oculus non vidit quae praeparavit Deus iis qui diligunt illum*<sup>14</sup>. Logo, pelo mesmo caso que nós vemos esse ouro e essas pedras, segue-se com evidência que não são esses os materiais de que é fabricada a Cidade ou Corte da Glória. Dirá alguém que, ainda que vemos ouro e pedras preciosas, não vimos nunca cidade alguma, nem ainda uma só casa fabricada desse ouro e dessas pedras, e a cidade que descreve São João não só é cidade de qualquer modo, senão uma cidade de mais de quatrocentas léguas em quadra. Boa solução ou instância. Mas eu torno a perguntar: e imaginando vós com o pensamento, podeis conceber e fabricar nele uma cidade tão grande como esta, edificada toda de ouro, de diamantes e pérolas? Não há dúvida que, sem sermos tão grandes arquitetos, como Vitrúvio, a podemos imaginar e idear assim, e ainda mais a gosto de cada um. Logo a Cidade da Glória não é como a descreve S. João, porque o mesmo São Paulo diz que o que Deus lá nos tem aparelhado não só não o viram jamais olhos, mas que nem o pode conceber

<sup>13</sup> O rio da água da vida, resplandecente como cristal, que saía do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, e de uma e de outra parte do rio, estava a árvore da vida (Apc. 22, 1 5).

<sup>14</sup> O olho não viu o que Deus tem preparado para aqueles que o amam (1 Cor. 2,9).

o pensamento, nem entrar na imaginação humana: *Oculus non vidit; nec in cor hominis ascendit*<sup>15</sup>. Pois, se isto é assim com verdade infalível e irrefragável, como nos pinta o evangelista São João e nos descreve a Cidade de Deus feita toda de ouro e pedras preciosas?

210. Explicarei este desenho do discípulo amado de Cristo com o que aconteceu a um discípulo de Zêuxis, famosíssimo pintor da antigüidade. Disse-lhe o mestre que, por obra de examinação lhe pintasse uma imagem da deusa Vênus com todos os primores da formosura a que pudesse chegar a sua arte. Fê-lo assim o discípulo, e, com estudo e aplicação de muitos dias e desvelo de muitas noites, presentou o quadro ao mestre. Via-se nele a deusa, toda ornada e enriquecida de jóias, que mais pareciam roubadas à natureza que imitadas da arte: nos dedos anéis de diamantes, nos braços braceletes de rubis, na garganta afogador de grandes pérolas, no toucado grinalda de esmeraldas, nas orelhas chuveiros de aljófar, no peito um camafeu em figura de cupido, cercado de uma rosa de jacintos, com os ais da mesma flor por raios; as alpargatas semeadas de todo o gênero de pedraria, as roupas recamadas de ouro e tomadas aiosamente em um cintilho de safiras. Esta era a forma do quadro, e nele todo o engenho e arte do discípulo. Estava esperando a aprovação do mestre. Mas que vos parece que lhe diria Zêuxis? *Fecisti divitem, quia non potuisti facere pulchram*: Fizeste-a rica, porque a não pudeste fazer formosa. — O mesmo digo eu ao ouro, às pérolas e às pedras preciosas com que São João nos descreve a Cidade da Glória. — Evangelista sagrado, riquíssima está a cidade que nos pintastes; mas fizeste-la tão rica porque a não pudeste fazer formosa. A formosura que espera ver a nossa fé no céu não é como esta, em que só se pode enlevar a cobiça da terra. Bem o advertistes vós, águia divina, quando tomastes por salva que a cidade que descrevíeis era descida do céu à terra: *Civitatem Jerusalem descendantem de aelo*<sup>16</sup>. O ouro, os diamantes, as pérolas, tudo é terra e da terra. E como pode o lustroso e precioso da terra informar-nos com verdade da beleza sobrenatural e formosura inestimável da glória? É verdade que São João, na idéia que formou, imaginou quanto se podia imaginar, e na descrição que fez, disse quanto se podia dizer; mas como as coisas da glória são tão diversas de tudo o que se vê, e tão levantadas sobre tudo o que se imagina, por mais e mais que se diga delas, sempre se diz menos. E como o dizer menos na Filosofia de Aristóteles e na Teologia de Santo Tomás é uma das espécies da mentira, ninguém se deve admirar que, no sentido em que falo, pareça que o maior dos evangelistas incorresse na sua visão aquela gloriosa censura que Davi, também arrebatado no seu êxtase, deu a todos os que falam na glória: *Ego dixi in excessu meo: Omnis homo mendax*<sup>17</sup>.

## §VI

*Por que nos diz Isaías que ninguém jamais ouviu o que Deus nos tem aparelhado na glória? Os mesmos profetas, quando falam da glória, ou não dizem o que é, ou dizem o que não é. As figuras com que, desde o princípio do mundo, Moisés e os outros profetas nos representaram a glória. As comparações dos profetas e as comparações dos matemáticos e astrólogos.*

<sup>15</sup> O olho não viu, nem jamais veio ao coração do homem (1 Cor. 2,9).

<sup>16</sup> A cidade de Jerusalém, que descia do céu (Apc. 21,2).

<sup>17</sup> Eu disse no meu êxtase: Todo o homem é mentiroso (Sl. 115,11).

211. Dos evangelistas passemos aos profetas. Isaías, que é o maior de todos, e neste ponto é singular entre os demais, porque viu a Deus no trono da glória, diz assim: *A saeculo non audierunt, neque auribus perceperunt, quae praeparasti expectantibus te*<sup>18</sup>. Quer dizer que as coisas que nos esperam, e Deus nos tem preparado na glória são tão altas, tão sublimes e tão superiores a tudo o de que neste mundo se tem notícia, que nunca jamais chegaram aos ouvidos dos homens. Que sejam as coisas da glória maiores que tudo o que viram os olhos e tudo o que pode inventar a imaginação, já o mostramos; mas que sejam também maiores que tudo o que ouviram os ouvidos, é coisa para mim muito dificultosa. Que há, ou que pode haver que não tenham ouvido os ouvidos? Ouviram tudo o que escreveram os historiadores; ouviram tudo o que fingiram os poetas; ouviram tudo o que especularam os filósofos; ouviram tudo o que publicou, acrescentou e exagerou a fama; ouviram tudo o que, debaixo do mais sagrado secreto, descobriu e não calou o silêncio. Mas não está aqui a dificuldade. Pois, em que está? Está em que os ouvidos têm ouvido tudo o que disseram os profetas, e tudo o que está escrito e dito nas Escrituras Sagradas. Argumento agora assim. É certo que os profetas e os outros escritores sagrados falam muitas vezes na glória, e no que Deus tem prometido e aparelhado no céu para bem-aventurança e prêmio dos que o servem nesta vida. Também é certo que tudo o que nos profetas e nos outros livros sagrados se diz e neles está escrito, nós o lemos e ouvimos. Logo, se as Escrituras Sagradas dizem o que Deus nos tem aparelhado na glória, e nós ouvimos tudo o que dizem essas mesmas escrituras, como diz Isaías que ninguém ouviu o que Deus nos tem aparelhado na glória: *A saeculo non audierunt quae praeparasti expectantibus te?*

212. A solução deste fortíssimo argumento é a mais evidente prova de tudo o que imos dizendo. Os profetas e as outras Escrituras falam da glória, nós ouvimos tudo o que dizem os profetas e as Escrituras, e, contudo, não ouvimos nada da glória, porque, por mais que os profetas e as Escrituras digam da glória, nunca chegam a dizer o que ela é. E porque eles, dizendo, não dizem, por isso nós, ouvindo, não ouvimos: *A saeculo non audierunt*. Mais ainda. Se ninguém ouviu o que é a glória, segue-se que nem os profetas, que falaram dela, o ouviram. Maravilhosa consequência, mas verdadeira! E assim é. Ouviram uns profetas aos outros profetas, e ouvia-se cada um a si mesmo; mas nem ouvindo todos a todos, nem ouvindo-se cada um a si, ouviam o que é a glória, porque, por mais levantado que seja o espírito dos profetas, por mais sublime que seja o seu estilo, e por mais que sobre-humana a sua eloquência, em chegando a falar da glória, ou não dizem o que é, ou dizem o que não é. Dizem figuras, dizem comparações, dizem semelhanças, mas todas essas comparações são tão desiguais, todas essas semelhanças tão diferentes, e todas essas figuras tão pouco parecidas, que nas comparações fica a glória totalmente abatida, nas semelhanças desluzida, e nas figuras desfigurada. E se não, vejamos ou ouçamos o que os mesmos profetas têm dito.

213. Quer Isaías que comecemos desde o princípio do mundo: *A saeculo non audierunt*. Seja assim. E quais foram desde o princípio do mundo as figuras com que Moisés e os outros profetas nos representaram a glória? A primeira foi o Paraíso Terreal, depois o Tabernáculo e a Arca do Testamento, o Maná, a Terra de Promissão, a cidade de Jerusalém, o Templo de Salomão. Mas que semelhança têm estas coisas, por mais que fossem os milagres da natureza e da arte, com a glória do céu? No Paraíso Terreal entrou a

<sup>18</sup> Desde o século os homens não ouviram, nem com os ouvidos perceberam o que tens preparado para os que te esperam (Is. 64,4).

serpente e o pecado; e a primeira prerrogativa da glória é a segurança da graça, em que todos os que lá vivem são confirmados. No Tabernáculo de Moisés andou a Arca do Testamento com os filhos de Israel peregrinando pelo deserto: no céu está Deus e os bem-aventurados de assento, como na própria pátria. O Maná, posto que tinha todos os sabores, não durava de um dia para o outro, porque se corrompia; e a glória não só é perpétua e incorruptível em si, mas aos mesmos nossos corpos de carne faz incorruptíveis e imortais. Da Terra de Promissão se dizia, por encarecimento, que manava leite e mel: mas que comparação tem o leite com os deleites do céu, e o mel com as doçuras da glória? A cidade de Jerusalém quer dizer Visão de Paz: e quantas vezes se viu a mesma Jerusalém combatida, sitiada e destruída com guerras? Só no céu é a paz segura e sem temor, porque dentro não pode haver desunião, e de fora não chegam lá inimigos. No Templo de Salomão estava coberto com um véu o *Sancta Sanctorum*, donde Deus, oculto e invisível, falava por oráculos, e onde só podia entrar o Sumo Sacerdote uma vez no ano: mas na glória, sem véu nem cortina, se deixa Deus ver e gozar manifesto a todos, e não em um só dia ou ano — que fora assaz — senão por toda aquela eternidade, inteira sem divisão e continuada sem limite, em que não há anos nem dias.

214. Que mais dizem os profetas? Dizem que o céu é um rio de delícias que sempre corre: *Torrente voluptatis tuae potabis eos*<sup>19</sup>. Mas, se todo o mar oceano, comparado com a imensidade das delícias celestiais, é estreito, que será um rio? E se as mesmas delícias são permanentes e eternas, e não diversas, senão sempre as mesmas, como podem ser correntes? Dizem que o céu é um perpétuo convite de esquisitos e soberanos manjares: *Faciet Dominus in monte hoc convivium pinguium, pinguium medulatorum*<sup>20</sup>. Mas os convites começam com fome, continuam com gosto, e acabam com fastio. A glória, pelo contrário, é uma perpétua satisfação do desejo e um perpétuo desejo da mesma satisfação, em que não há fome, porque a fome molesta, nem fastio, porque o fastio cansa, nem o gosto acaba jamais, porque não tem fim. Dizem que é um reino em que todos os que nele entram recebem a coroa da mão de Deus: *Accipient regnum decoris, et diadema speciei de manu Domini*<sup>21</sup>. Mas o reino compõe-se de rei e vassalos, e na glória, não há súditos: só são sujeitos a Deus, por vontade, os que reinam com ele, e essa mesma sujeição amorosa é o cetro da liberdade e a coroa do alvedrio. Dizem que é um dia de bodas com vínculo indissolúvel: *Sponsabo te mihi in sempiternum*<sup>22</sup>. Mas que amor ou que gosto há nas bodas que em poucos dias não enfraqueça ou se mude? Cresce com a esperança, satisfaz-se com a novidade e diminui com a posse. Na glória não é assim, porque o bem infinito sempre é novo, e onde a novidade não envelhece, o amor e o gosto não diminui. Dizem, finalmente, que a alegria da glória será como a dos lavradores no dia da messe, quando colhem o fruto dos seus trabalhos, e como a dos soldados vitoriosos, quando repartem os despojos dos inimigos vencidos: *Laetabuntur coram te, sicut qui laetantur in messe, sicut exultant victores capta praeda, quando dividunt spolia*<sup>23</sup>. Mas, que semelhança tem a baixeza destas comparações e a desproporção de todas as outras, para medirmos ou estimarmos por elas as felicidades do céu? Mais parecem inventados para abater a grandeza da glória, para escurecer seu resplendor e para afeiar sua formosura que para nos representar nem as

<sup>19</sup> E os farás beber na torrente das tuas delícias (Sl. 35, 9).

<sup>20</sup> E o Senhor fará neste monte um banquete de manjares substanciais, de substanciais tutanos (Is. 25,6).

<sup>21</sup> Receberão da mão do Senhor um reino de honra e um diadema brilhante (Sab. 5,17).

<sup>22</sup> Então me desposarei eu contigo para sempre (Os. 2, 19).

<sup>23</sup> Eles se alegrarão quando tu lhes apareceres, bem como os que se alegram no tempo da messe, bem como exultam os vencedores com a presa que tomaram, quando repartem os despojos (Is. 9,3).

sombras do que ela é.

215. Quase lhes aconteceu aos profetas com o céu lá de cima, que não vemos, o mesmo que aos matemáticos e astrólogos com este céu cá de baixo, onde chega a nossa vista. Viram os matemáticos esse labirinto de luzes, de que está semeada sem ordem toda a esfera celeste, tão diversas na grandeza, como várias no movimento e infinitas no número; e para assentar alguma coisa certa em uma confusão tão imensa, que fizeram? Repartiram o mesmo céu, e fingiram em todo ele grande multidão de figuras, umas naturais, outras fabulosas. Aqui puseram um touro, ali um leão, acolá uma serpente; aqui um cervo, ali um cisne, acolá uma águia; em uma parte a Hércules, em outra a Orion, em outras a Medusa, a Berenice, a Andrômeda; o cavalo Pégaso voando com asas, o rio Erídano volteando a corrente, a nau Argos navegando; um golfinho, um caranguejo, uma balança, um carro, o escorpião, o centauro, a hidra, o capricórnio, e outras quimeras como estas, tão feias nos aspectos como nos nomes. Pois, no céu há estes animais, estas fábulas, estes monstros? Não, que tudo são estrelas resplandecentes e formosas. Mas foi necessário aos matemáticos fingir no céu estas mentiras e pôr lá estas fábulas, para, por meio delas, se entenderem entre si e ensinarem de algum modo ao mundo a verdade do que passa no céu.

216. Perdoai-me a comparação, profetas sagrados, e agradecei à reverência dos vossos oráculos não usar eu do nome e da licença que já me deu um de vós, e o mais alumiado de todos. No céu não há segadores, messes, nem soldados, nem despojos; no céu não há convites, nem bodas, nem inundação de torrentes; no céu não há Jerusaléns, nem Tabernáculos, nem Paraísos Terreais, nem Terras de Promissão, que tudo isso é terra e coisas da terra. Mas vós, como matemáticos do céu empíreo, pusestes lá todas essas figuras, com tão pouca semelhança e proporção, como com necessária impropriedade, para por meio delas ensinar a nossa rudeza, e, pela consideração dos gostos grosseiros que percebemos, nos levantar a fé e o pensamento à conjectura dos que não alcançamos. Nem podia haver outro argumento ou experiência que melhor nos demonstrasse o eminentíssimo conceito que devemos fazer das coisas da glória, pois os vossos mesmos entendimentos, ainda sobrenaturalmente elevados, não têm conceitos nem palavras bastantes com que nos declarar suas grandezas.

## §VII

*São Paulo, porque não lhe era lícito mentir, tomou por expediente o calar. A maior grandeza das grandezas da glória é não se poder falar nelas sem mentir. O que diz Sêneca da hipérbole? O céu, mentira azul. Se as mentiras do céu da terra são tão formosas, quais serão as verdades do céu do céu?*

217. E se os mesmos profetas, quando chegam a falar da glória, dizem tanto menos do que ela é, ou verdadeiramente o que não é, que podemos nós, os pregadores, dizer em matéria que tanto excede toda a capacidade mortal? Por isso, ainda quando mais encarecemos, sempre mentimos. Só São Paulo pudera pregar da glória, porque era pregador que a viu com seus olhos; mas, ouçamos o que ele disse depois de a ver: *Raptus est in Paradisum, et audivit arcana verba, quae non licet homini loqui* (2 Cor. 12, 4): Eu — diz São Paulo, falando de si em terceira pessoa — fui arrebatado ao céu, e lá vi o que Deus tem aparelhado para os seus escolhidos; mas são coisas tais que me não é lícito dizê-las. — Neste não me é lícito reparo. Que coisa mais lícita, que coisa mais justa, que coisa mais santa, mais útil e mais necessária que falar da glória do céu, e mais quem a tinha visto? O

rico avarento teve para si que faria maior impressão de temor em seus irmãos a pregação de Lázaro, porque tinha visto as penas do inferno; e não há dúvida que também em nós excitaria muito mais o desejo a pregação de São Paulo, porque tinha visto a glória do céu. Pois, se esta pregação era tão eficaz e tão útil para a salvação de muitas almas que tão esquecidas vivem do céu, por que se escusa São Paulo de pregar e apregoar os bens da glória, e se escusa com lhe não ser lícito: *Non licet?*

218. Há casos em que muitas coisas vedadas se dispensam e se podem fazer licitamente, mas a mentira, ainda em matéria leve, é de sua natureza tão intrinsecamente má, que em nenhum caso é lícito mentir. E porque o mentir nem por salvar almas é lícito, e as coisas da glória se não podem dizer sem mentir, por isso São Paulo, em todo o rigor da palavra, se escusou com lhe não ser lícito: *Non licet homini loqui*. De sorte que, reduzido nas matérias da glória a termos ou de mentir ou de calar, tomou por expediente o calar, porque lhe não era lícito o mentir. Mas, se a São Paulo não era lícito falar na glória com este defeito, logo também aos profetas e aos evangelistas não foi lícito? Sim, foi, porque eles não tinham visto a glória; S. Paulo sim. S. Paulo, como testemunha de vista, tinha obrigação de dizer tudo o que vira, sob pena de desacreditar e infamar a glória; os demais, que a não tinham visto, não eram obrigados a dizer de suas grandezas senão o que podiam, e do modo que podiam, como fizeram. E, posto que disseram da glória muito menos do que ela é e merece, nem por isso incorreram em culpa, porque quando Davi disse que todos mentiam, falou da mentira material, a qual não é ilícita nem culpável, antes, neste caso, louvável e de grande glória da mesma glória. A razão da diferença é porque, como define Santo Agostinho: *Mentiri est contra mentem ire*. O mentir, com mentira formal e ilícita, é dizer um homem o contrário do que entende. Os outros escritores sagrados no que disseram da glória disseram o que entendiam e o que podiam; porém, São Paulo, ainda que dissesse o que podia, sempre havia de dizer contra o que entendia, como homem que tinha visto a glória, e por isso não lhe era lícito: *Non licet homini loqui*.

219. Assim calou o maior pregador do mundo, e assim pudera também a Igreja mandar os pregadores que calássemos neste dia, pois o calar sempre é lícito. Mas quis antes que disséssemos — ou mentíssemos esse pouco que podemos dizer, do que passarmos totalmente em silêncio as grandezas da glória, porque a maior grandeza das suas grandezas é não se poder falar nelas sem mentir.

220. E se algum crítico acaso tiver estranhado a palavra e o assunto, saiba que usar talvez da mentira para persuadir a verdade, não só não encontra as leis da boa e verdadeira retórica, mas é um dos maiores primores da sua energia. Fala Sêneca da hipérbole, tão usada de todos os que falaram em coisas grandes, e diz assim: *In hoc omnis hyperbole extenditur, ut ad verum mendacio venia*<sup>24</sup>: O fim por que a hipérbole se estende tanto fora dos mesmos limites do que pretende persuadir, é porque quer chegar à verdade por meio da mentira: mente e diz mais do que a coisa é, para que se lhe venha a crer o que é: *Nunquam tantum sperat hyperbole, quantum audet*: Não é tão mal-entendida a hipérbole, que espere tanto do ouvinte quanto ela se atreve a afirmar. *Sed incredibilia affirmat, ut ad credibilia pervenit*: Mas afirma o que é incrível, para que se lhe creia tudo o que se pode crer. — Por este exemplo ficará entendido o fim e fundamento do meu discurso. O estilo que segui foi uma hipérbole às avessas. Há hipérbole por excesso e hipérbole por diminuição, e ambas mentem para chegar à verdade: *Ut ad verum mendacio veniat*. A hipérbole por excesso diz o muito que se não pode crer, para que se creia o que é; e a hipérbole por diminuição diz o

<sup>24</sup> Seneca, lib. 7 de Benef c. 23

pouco que se pode dizer, para que se creia o que será. O que será a glória do céu é o que se colhe eficazmente do meu discurso.

221. É certo que bastava só a consideração ou a suspensão deste *que será*, para todos os que temos fé nos levantarmos sobre todas as coisas da terra e as tratarmos com o desprezo que pede o altíssimo fim para que fomos criados. Se tudo o que temos dito, se tudo o que todos disseram, se tudo o que todos escreveram, se tudo o que todos imaginaram, em comparação da glória merece nome de mentira, a verdade que será? Há mentiras que se vêem, como diz o Espírito Santo: *Visa mendacia*<sup>25</sup>, e tais são as aparências deste céu inferior que vemos ou cuidamos que vemos. Cuida o vulgo que vê o céu, e engana-se, porque não chega lá a nossa vista. Isto que chamamos céu é uma mentira azul, e o que chamamos íris ou arco celeste é outra mentira de três cores; e, se as mentiras do céu da terra são tão formosas, quais serão as verdades do céu do céu: *Caelum caeli Domino* (Sl.113, 16)? S. Bernardo, sem subir tanto acima, tomou por empresa uma harpa com a letra que dizia: *Quid erit in patria?* Se no desterro há tal harmonia e tal suavidade, na pátria, que será? Mas muito melhor o nosso Davi, depois que viu na mesma pátria, não o que será por conjectura, senão o que é por realidade, trocou a empresa e desencordou a sua harpa. E que disse? Que tudo quanto tinha cantado a ela, e quanto cantam e contam todos os que falam na glória, tudo é mentira: *Ego dixi in excessu meo: Omnis homo mendax*.

### § VIII

*Que podemos fazer para saber verdadeiramente como é a glória? Resposta de Cristo aos dois discípulos que lhe perguntavam onde morava. Palavras da Rainha Sabá ante a magnificência da Casa Real de Salomão. Todos querem ver, mas há muito poucos que queiram vir. A fineza da obediência de Abraão nas palavras do pregador apedrejado, Santo Estêvão. Não ofender a Deus por interesse. Convite de Cristo a todos os que lhe perguntaram onde morava.*

222. Suposto, pois — dai-me agora uma breve atenção — suposto pois que tudo o que se tem dito, tudo o que se diz e tudo o que se pode dizer da glória que nos espera no céu é tanto menos, e tão pouco, e tão nada que sem encarecimento se pode chamar mentira, que havemos, ou que podemos fazer para saber verdadeiramente o que é e como é a glória? Não há nem pode haver mais que um só meio, mas esse muito certo e adequado. E qual é? Ir ao céu, e vê-la. Perguntaram uma vez a Cristo dois que queriam ser seus discípulos onde morava: *Rabbi, ubi habitas*<sup>26</sup>? E o Senhor, que não tinha casa na terra, senão no céu — donde nunca saiu ainda quando veio ao mundo — que respondeu? *Venite, et videte* (Jo. 1,39): Vinde, e vê-lo-eis. — E sem irem e verem não o podiam saber? Não. Excelentemente Alcuíno e Beda: *Ideo non dixit ubi habitaret, sed illos ut venirent et viderent invitavit, quia habitatio, idest gloria Christi, videri quidem potest, verbis explicare non potest*<sup>27</sup>: Não disse o Senhor onde morava aos que o queriam saber, e somente lhes respondeu que viessem e vissem: *Venit et videte*, porque a morada de Cristo é a glória, e o que é, e como é a glória, só se pode ver, mas não se pode dizer: *Videri potest, explicari non potest*. Isto é o que respondeu Cristo, e isto é o que eu digo e o que só podem dizer os pregadores sobre

<sup>25</sup> Visões enganosas (Eclo. 34,2)

<sup>26</sup> Rabi, onde assistes tu (Jo. 1,38)?

<sup>27</sup> *Relatia Maldonato ibi*.

este assunto. Façamos muito por ir ao céu, e lá veremos o que é a glória: *Venite, et videte*: Vinde, e vê-lo-eis. — E quando, por mercê de Deus, formos ao céu, e virmos verdadeiramente o que é a glória, então veremos e conheceremos também quão pouca semelhança tem de verdade quanto cá se diz e se ouve.

223. Quando a Rainha Sabá viu a corte e Casa Real de Salomão, não só admirada do que se via, mas, como diz o texto sagrado, quase desmaiada de pasmo, rompeu nestas palavras: *Non credebam narrantibus mihi, donec ipsa veni et vidi oculis meis, et probavi quod media pars mihi nuntiata non fuerit: major est sapientia tua et opera tua, quam rumor quem audivi. Beati viri tui, et beati servi tui, qui stant coram te semper* (3 Rs. 10,7): Eu, sapientíssimo rei Salomão, quando estava nas minhas terras — diz a rainha — muitas coisas tinha ouvido da vossa sabedoria, da vossa grandeza, da vossa corte e da magnificência da vossa casa, às quais porém não dava crédito, por me parecerem incríveis; mas, depois que vim e as vejo com meus olhos, já tenho conhecido e provado que nem ametade se me tinha dito do que verdadeiramente é. Bem-aventurados os vossos servos, e bem-aventurados os vossos cortesãos, pois têm e gozam a felicidade de estar sempre em vossa presença. -Parece que não pudera dizer mais se falara com Deus na glória. E se as grandezas da corte e casa de Salomão as não pode crer nem perceber uma rainha tão sábia, senão depois de vir e ver: *donec ipsa veni et vidi* — e se tudo o que tinha ouvido na sua terra não chegava a ser ametade do que agora via com seus olhos, que proporção e que semelhança pode ter o pouco ou nada que cá dizemos e ouvimos, com o muito, com o infinito, com o imenso da glória que lá vêem os que a gozam? Por isso o Senhor e Autor dela nos diz: *Venite et videte*: Vinde e vede.

224. Mas o mal e a desgraça é que todos querem ver, e há muito poucos que queiram vir. Todos querem ver e gozar a glória, mas há poucos que queiram vir e seguir a Cristo pelo caminho que ele nos veio ensinar para chegarmos a ela. Se o divino Mestre trocara os termos, e assim como disse: *Venite et videte*, dissera: *Videte et venite*, se fora possível e conveniente que primeiro se nos desse vista da glória, e depois se nos promettessem os meios de a conseguir, como é certo que não seria necessário que Deus nos chamasse ou rogasse, senão que nós mesmos, arrebatados daquela imensa formosura e felicidade incompreensível, não só com vontade e desejo, mas com ímpeto e violência romperíamos por todas as dificuldades da vida, e pela mesma vida e mil vidas por alcançar tanto bem. Porém, que merecimento seria então o da fé, que prêmio o da esperança, e que valor o da caridade, sendo necessária, e não livre? Para maior bem do mesmo bem, e para maior aumento da mesma glória nos pede Deus primeiro os passos e depois nos promete a vista: *Venite, et videte*.

225. E verdadeiramente, que, ainda que o caminho do céu e a passagem deste Cabo de Boa Esperança tivera maiores dificuldades, bem se puderam empreender todas, sem o testemunho da vista, debaixo da palavra de Cristo. Quando o mesmo Senhor, antes de se fazer homem por nós, disse a Abraão que deixasse a sua pátria, não lhe prometeu o céu, senão outra terra, e não lha mostrou então, mas somente lhe disse que lha mostraria depois: *Veni in terram quam monstravero tibi*<sup>28</sup>. E que fez Abraão debaixo desta palavra? Apenas se pode dizer sem injúria e afronta da nossa fé. Deixou a pátria, deixou a casa nobre e rica que tinha herdado de seus pais, deixou a companhia dos parentes, o amor dos amigos, a familiaridade dos conhecidos, para ir peregrinar entre gentes estranhas. Enfim, rompeu todas aquelas cadeias com que a criação e a natureza costuma prender o coração humano, que

<sup>28</sup> Vem para a terra que eu te mostrarei (Gên. 12, 1).

tudo nota e pondera a história sagrada. E que tudo isto executasse com tanta prontidão de ânimo um homem que pouco antes fora gentio e adorava os deuses falsos? Sim — diz Santo Estêvão — e ninguém se espante, porque o Deus, que mandou a Abraão que fizesse este divórcio e renúncia geral de quanto tinha e amava no mundo, era o Deus da glória: *Deus gloriae apparuit Patri nostro Abraham, et dixit ad illum: Exi de terra tua et de cognatione tua, et veni in terram quam monstravero tibi*<sup>29</sup>. Em toda a Sagrada Escritura se não lê ou dá a Deus semelhante título ou epíteto de Deus da glória, senão neste lugar unicamente. E por que usou de tal paráfrase aquele famoso pregador apedrejado a quem, entre as mesmas pedras, se lhe abriu o céu? Não foi só para encarecer a fineza do que Abraão obrara, mas para distinguir os motivos que ele podia ter na mesma obra, e nós podemos ter nas nossas. Se não fazemos grandes coisas por amor de Deus porque é Deus, ao menos por que as não faremos porque é Deus da glória: *Deus gloriae*? Fazê-las por Deus porque é Deus, é fineza: fazê-las por Deus porque é Deus da glória, é conveniência; fazê-las por Deus porque é Deus, é amor de Deus; fazê-las por Deus porque é Deus da glória, é amor-próprio. E que nem por este amor-próprio, nem porque Deus nos há de premiar com a glória lhe façamos tais serviços que sejam merecedores dela? Grande miséria!

226. E se é miséria grande o pouco que fazemos por alcançar e ver a glória, muito maior miséria e o muito que fazemos pela perder e não ver. Cada pecado que cometemos é um pecado e duas ofensas: uma ofensa contra Deus, e outra ofensa contra a glória. Assim o entendeu aquele moço pródigo, a quem a experiência das pagas que o mundo dá restituiu o entendimento que o mesmo mundo lhe tinha tirado. *Pater, peccavi in coelum et coram te* (Lc. 15,18): Pai meu — dizia ele falando com Deus — pequei contra o céu e pequei contra vós: contra o céu, que é a glória para que fui criado, e contra vós, que sois o Deus que me criastes para ele. — Em primeiro lugar pôs a ofensa do céu, e no segundo a de Deus, porque como era homem que se tinha posto à soldada, mais sentia a perda do galardão que o desagrado do amo. Eu já me contentara que nas nossas fidalguias se usaram com o céu e com Deus estes desprimores. Se não deixamos os pecados por contrição, e por serem ofensas de Deus, deixemo-los ao menos por atrição e porque nos privam da glória. Não ofender a Deus porque é Deus é obrigação; não o ofender por não perder a glória é interesse. E sendo nós tão interesseiros ou tão servos e tão escravos dos interesses da terra que, ao menos pelos interesses do céu e da glória, não deixemos de ofender a quem no-la há de dar ou tirar para sempre? Não foi o Pródigo o pródigo; nós o somos, e mais feiamente. Ele disse: *Peccavi in caelum*, e não foi pródigo do céu, senão da fazenda; nós somos avarentos da fazenda e pródigos do céu e da glória.

227. Oh! como podem temer que não são criados para ela os que tão pouco fazem pela ver, ou tanto fazem pela não ver! De quantos deixaram o coração no Egito, nenhum chegou a ver a Terra de Promissão, porque sem vir não há ver, e quem não vem de todo o coração, não se move. Desde essas moradas eternas nos está Cristo glorioso chamando e convidando a todos, e dizendo como aos que lhe perguntaram onde morava: *Venite, et videte*: Vinde, e vede. *Venite*, nos diz agora aquele mesmo Senhor, que no dia do juízo, unidas outra vez nossas almas a estes mesmos corpos, há de dizer aos que ouvirem sua voz: *Venite benedicti*<sup>30</sup>. Vinde, nos diz. E donde, e para onde? Da terra para o céu, do desterro para a Pátria, do cativo para a liberdade, da guerra para a paz, da tempestade para o

<sup>29</sup> Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão, e lhe disse: Sai do teu país e da tua parentela, e vem para a terra que eu te mostrar (At. 7,2 s).

<sup>30</sup> Vinde, benditos (Mt. 25,34).

porto, do trabalho para o descanso, do tempo para a eternidade, do vale de lágrimas para o Monte da Glória. E que haja ainda quem duvide vir? *Venite*: Vinde. E não vos digo — diz o Senhor, que venhais como eu vim pelo Monte Calvário: basta-me que venhais pelo Tabor, o mais ameno do mundo, contanto que venhais em meu seguimento. E se ainda pelo Tabor não vos atreverdes a vir, como Pedro, João e Diogo, pelo caminho estreito dos conselhos, vinde como Moisés e Elias, pelo mais largo dos Mandamentos, que para isso fiz dois caminhos, desejando que venham todos: *Venite*. Vinde, enfim, e vereis o que antes de vir se não pode ver: *Venite, et videte*. Vereis o que nunca vistes, vereis o que nunca ouvistes, vereis o que nunca imaginastes, e vereis quão diferentes, quão outras e quão infinitamente incomparáveis são as coisas da glória a todas as que lá vos disseram os meus profetas e evangelistas, não por eles quererem mentir — que não é possível — mas porque tudo o que há na terra, ou desde a terra se vê no céu, nenhuma comparação tem nem semelhança com o que vê e goza na glória. Em particular vos convido, como homens, a ver gloriosa em seu trono a minha Humanidade. — E então julgareis se os raios de que se coroa são de sol, e a cor de que veste, de neve: *Resplenduit facies ejus sicut sol, vestimenta autem ejus facta sunt albo sicut ni*<sup>31</sup>.

## SERMÃO DA PRIMEIRA SEXTA-FEIRA DA QUARESMA

NA CAPELA REAL, ANO DE 1651

*Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos*<sup>1</sup>.

### §I

*O ato mais heróico da caridade: o amor dos inimigos. Assunto do sermão: examinar atentamente até onde se estende o preceito de Cristo, e saber se debaixo deste vós se entendem as altezas e as majestades.*

228. Que depressa nos leva a Igreja a Deus, e com toda a alma! Anteontem nos excitou a memória, ontem nos ilustrou o entendimento, hoje nos aperfeiçoa a vontade. Excitou-nos a memória com a lembrança da morte: *Memento homo quia pulvis es*<sup>2</sup>; ilustrou-nos o entendimento com o maior exemplo da fé: *Non inveni tantam fidem in Israel*<sup>3</sup>; aperfeiçoa-nos a vontade com o ato mais heróico da caridade, que é o amor dos inimigos: *Diligite inimicos vestros*. Este ato, como tão singular da lei e tão próprio da profissão cristã, será o assunto único de todo o meu discurso. E, posto que a matéria do amor dos inimigos seja tão pregada e tão batida, o que determino tratar sobre ela é uma questão muito nova e muito própria deste lugar. Funda-se toda sobre aquele *Vós* do nosso texto: *Ego autem dico vobis*. E a questão ou dúvida é: se debaixo deste vós se entendem também as altezas e as majestades. As pessoas soberanas são superiores a toda a lei, e por

<sup>31</sup> O seu rosto ficou refulgente como o sol, e as suas vestiduras se fizeram brancas como a neve (Mt. 17,2).

<sup>1</sup> Mas eu vos digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm ódio (Mt. 5,44).

<sup>2</sup> Lembra-te homem que és pó.

<sup>3</sup> Não achei tamanha fé em Israel (Mt. 8,10).

isso será necessário examinar exatamente até onde se estende o preceito de Cristo, e resolver com a graça do mesmo Senhor, e sem lisonja de nenhum outro, se são obrigados também os reis a amar seus inimigos.

## §II

*Segundo Salomão, que em sua carroça triunfal levava a caridade debaixo dos pés, os reis não são obrigados a amar os amigos, e muito menos os inimigos. Não há no mundo vontades mais desamoráveis nem coisa mais oposta ao amor que a majestade. Como amava a seus inimigos Davi, o rei de melhor coração de quantos empunharam cetro.*

229. Primeiramente parece que não são obrigados. E está por esta parte toda a autoridade de Salomão em uma obra famosa de sua sabedoria e grandeza. No capítulo terceiro dos Cânticos descreve ele a fábrica de uma carroça triunfal, em que saía a passear pela corte de Jerusalém nos dias de maior solenidade. A matéria era dos lenhos mais preciosos e cheirosos do Líbano, as colunas de prata, o trono de ouro, as almofadas de púrpura, e no estrado onde punha os pés estava esculpida a caridade: *Ferculum fecit sibi Rex Salomon de lignis Libani: columnas ejus fecit argenteas, reclinatorium aureum, ascensum purpureum; media charitate constravit*<sup>4</sup>. Nestas últimas palavras está o reparo, não só grande, mas digno de suma admiração. É possível que um rei tão sábio como Salomão, e não gentio, senão fiel, quando faz a maior ostentação de sua grandeza e majestade, leve a caridade debaixo dos pés? O rei assentado no trono, e a caridade debaixo dos pés do rei? O rei entronizado, e a caridade pisada: *Media charitate constravit*? Sim, porque cuidam alguns reis — ou obram como se o cuidaram — que tão fora estão de serem sujeitos às leis da caridade, que antes a mesma caridade e todas suas leis lhes estão sujeitas a eles. Não falo dos Neros, nem dos Calígulas, e muito menos dos Sardanapalos, que semelhantes monstros da natureza humana eram tiranos crudelíssimos, e não reis nem homem. Falo dos que são como Salomão naquele tempo, e do mesmo Salomão particularmente, o qual, para a pompa e vaidades inúteis, e para fazer a sua corte inveja das outras e ostentação de todo mundo, carregou e oprimiu os seus povos com tal excesso, que chegaram por desesperação a sacudir o jugo e privar da obediência e do reino a Roboão, seu primogênito. Se se antojava o apetite e vaidade de Salomão já perdido, que houvesse prata e mais prata: *columnas argenteas*, que houvesse ouro e mais ouro: *reclinatorium aureum*, que houvesse púrpura e mais púrpura: *ascensum purpureum*. — Tudo isto há de haver, dizia ele, por qualquer via, por mais violenta que seja. E, se a caridade o contradisser, mete-se a caridade debaixo dos pés. — Pois, não vês, ó rei sábio, a opressão e opressões do teu povo? Não ouves os gemidos dos pobres? Não te lastimam as lágrimas dos miseráveis? Não consideras que o nome de rei te obriga a ser pai dos vassallos? Não reconheces no seu mesmo sofrimento que todos te amam como filhos, e que, quando te aborreceram e foram teus inimigos, os deveras, contudo, amar? Onde está a proximidade? Onde está a humanidade? Onde está a caridade? Onde? Lá está, debaixo dos pés do rei, porque os reis não são sujeitos à caridade nem a suas leis: *Media charitate constravit*.

<sup>4</sup> O rei Salomão fez uma cadeirinha de madeira do Líbano: fez-lhe as colunas de prata, o reclinatorio de ouro, a subida de púrpura; o meio de tudo ornou-o do que há de mais precioso (Cânt. 3,9 s). — Trad. de Pe. Antônio Pereira de Figueiredo.

230. A este hieroglífico de Salomão se ajunta um argumento para mim de muito formal consequência. Os reis não são obrigados a amar os amigos: logo, muito menos, a amar os inimigos. Quem não tem amor para o amor, como há de ter amor para o ódio? Não há entre todos os corações humanos e entre todos os estados do mundo nem vontades mais desamoráveis que as soberanas, nem coisa mais oposta ao amor que a majestade. E por que razão, se razão se pode chamar? Por duas. Pela desigualdade e pela obrigação dos vassallos. O amor recíproco, que por outro nome se chama amizade, diz Aristóteles que o não pode haver senão entre iguais; e como entre os reis e os vassallos há uma desigualdade tão distante, como do inferior ao supremo, a mesma soberania, que os remonta sobre a igualdade, os desobriga da correspondência. E porque amaremos vassallos ao rei é obrigação natural, esta é a segunda isenção ou regalia que logram as majestades para nem lhes ser necessário amar para ser amados, nem depois de ser amados, ficarem obrigados a amar. Como o amor dos vassallos é dívida, nem os reis ficam obrigados à paga, nem os vassallos têm ação para a desejar nem pedir. Daqui se segue aquela grande dor — por lhe não chamar injustiça — de que tenha mais ventura com os reis o servir que o amar, porque os serviços alguma vez são premiados, o amor nunca é correspondido. Não seriam as majestades se se sujeitassem a amar. Por quê? Por outras duas razões da sua parte. Amar é inclinar-se à vontade primeiro, e depois render-se; e o render-se é contra a potência da majestade, o inclinar-se contra a soberania. Por isso disse bem quem lhe conhecia esta condição, que nem pode haver majestade com amor, nem amor com majestade: *Non bene conveniunt, nec in una sede morantur majestas et amor* E se os reis, como dizia, nem amados se inclinam a amar os amigos, odiados e aborrecidos, como se hão de sujeitar a amar inimigos?

231. Seja exemplo o rei de melhor coração de quantos empunharam cetro. Teve Davi muitos e grandes inimigos — que não fora Davi se os não tivera. — E como os amava? Ele mesmo o diga: *Persequar inimicos meos, et comprehendam illos, et non convertar; donec deficiant. Confringam illos, nec poterunt stare; cadent subtus pedes meos*<sup>5</sup>. A meus inimigos hei-os de perseguir até os tomar às mãos, nem hei de desistir ou descansar até os desfazer e consumir de todo. Eu lhes quebrarei o orgulho e lhes torcerei o pescoço, até os meter debaixo dos pés. E se Cristo manda que não só façamos bem aos inimigos, mas que oremos por eles: *Et orate pro persequentibus et calumniantibus vos*<sup>6</sup>, ouvi como os encomendava o mesmo Davi a Deus em suas orações: *Averte mala inimicis meis, et in veritate tua disperde illos*<sup>7</sup>: O mal que me desejam meus inimigos, peço-vos, Senhor, que o convertais contra eles, e que pela má vontade que me têm, vós lhes ponhais as mãos e a boa vontade, destruindo-os e aniquilando-os — que isso quer dizer *disperde*. Finalmente, chegado à hora da morte, tempo em que até os corações mais duros não só perdoam a seus inimigos, mas lhes pedem perdão, duas mandas do testamento de Davi foram deixar muito encarregado a seu filho Salomão que de nenhum modo se esquecesse de mandar matar a Joab e a Semei, por certos agravos que lhe tinham feito. E se desta maneira amava a seus inimigos um rei canonizado, que se levantava à meia-noite a rezar o saltério, e debaixo da púrpura vestia cilícios, os que não são tão santos nem tão beatos, vede como guardaram o *diligite inimicos vestrost*<sup>8</sup>, e como tomaram por si o *dico vobist*<sup>9</sup>?

<sup>5</sup> Perseguirei os meus inimigos, e apanhá-los-ei, e não me volverei até que eles acabem. Eu lhes quebrarei as forças, e eles não poderão ter-se em pé, e cairão debaixo de meus pés (Sl. 17,38 s).

<sup>6</sup> E orai pelos que vos perseguem e caluniam (Mt. 5,44).

<sup>7</sup> Faze voltar os males sobre os meus inimigos, e na tua verdade destrói-os (Sl. 53,7).

<sup>8</sup> Amai a vossos inimigos (Mt. 5,44)

## §III

*Também as altezas e majestades, por mais altas e soberanas que sejam, se compreendem debaixo daquele vobis. Quem é esse Eu que manda amar os inimigos? O exemplo já alegado de Davi. Finezas de Davi para com Saul, seu inimigo. Por que não deu Jacó a bênção ou investidura do reino nem a Rúben, nem a Simeão, nem a Levi, senão a Judas, seu quarto filho? Se Cristo era Rei de todo o mundo, por que na cruz toma só por título o de Rei aos judeus?*

232. Isto é o que se oferece pela primeira parte, e mais aparente que sólida da nossa questão; a segunda não só defende, mas define que também as altezas e majestades, por mais altas e soberanas que sejam, se entendem e compreendem debaixo daquele *vobis*, e que todas igualmente, como os outros cristãos, sem nenhuma exceção nem privilégio, estão sujeitos ao preceito de Cristo, e obrigados a amar seus inimigos e a lhes fazer bem: *Diligite inimicos vestros, et benefacite his qui oderunt vos*.

233. O fundamento desta obrigação está na primeira palavra do mesmo texto: *Ego autem dico vobis*. *Ego*: Eu. E quem é esse eu? Não é Platão, nem Licurgo, nem Numa Pompílio, cujas leis, contudo, por serem racionais, as veneravam e obedeciam todos os reis que alcançaram fama de justos; mas é aquele Eu que disse a Moisés: *Ego sum qui sum* (Êx. 3,14): Eu sou o que sou — o que só tem o ser de si, e o deu a todas as coisas; aquele Eu que faz os reis e também os desfaz, quando eles não fazem o que devem: *Per me reges regnant*<sup>10</sup>; aquele Eu que traz escrito na orla da opa real: *Rex Regum, et Dominus dominantium* (Apc. 19,16): Rei dos reis, e Senhor dos senhores; aquele Eu de quem os reis são mais súditos do que os vassallos dos reis, porque os reis todos receberam o domínio e jurisdição da mão e consenso dos povos e, se conservam em si, e perpetuam na sua posteridade o mesmo poder e soberania, é por mercê e à mercê de Deus, enquanto ele for servido, e com um aceno da sua vontade não mandar o contrário. E este Eu: *Ego autem dico vobis* — este Eu é o que diz a todos, sem distinção nem exceção de pessoas ou dignidades: *Diligite inimicos vestros*, para que entendam os reis da terra e de terra: *Et nunc, reges, intelligite: erudimini qui judicatis terram*<sup>11</sup> — que este e qualquer outro preceito de Deus o devem receber não pesadamente, senão com alegria, e observar com temor e tremor: *Servite Domino in timore, et exultate ei cum tremore*<sup>12</sup>, sob pena de que, se eles não amarem os inimigos, Deus os terá por inimigos a eles, e os destruirá, e perecerão como tais: *Ne quando irascatur Dominus, et pereatis de via justa*<sup>13</sup>.

234. Nem faz contra isto o exemplo alegado de Davi, antes persuade o contrário, porque Davi era soldado de Deus e capitão general de seus exércitos, e aqueles, a quem chamava seus inimigos, eram os inimigos de Deus, observando tal diferença e distinção entre uns e outros, que aos inimigos seus amava e fazia bem, e só aos de Deus perseguia e fazia cruel guerra, tão insigne vingador das injúrias divinas, como perdoador das próprias. Assim perdoou tantas vezes a Saul, e desejou perdoar a Absalão, e sentiu e lamentou sua morte, como a de Abner, alegando sempre a Deus que a nenhum seu inimigo dera mal por

<sup>9</sup> Eu vos digo.

<sup>10</sup> Por mim reinam os reis (Prov. 8,15).

<sup>11</sup> E agora, ó reis, entendei; instruí-vos, os que julgais a terra (Sl. 2, 10).

<sup>12</sup> Servi ao Senhor em temor, e alegrai-vos nele com tremor (Sl. 2, 11).

<sup>13</sup> Para que não suceda que se ire o Senhor, e pereçais do caminho da justiça (Sl. 2, 12).

mal: *Si reddidi retribuētibus mihi mala*<sup>14</sup>, sendo eles tão ingratos que lhe davam mal por bem: *Retribuēbant mihi mala pro bonisti*<sup>15</sup>. E se mandou matar a Joab e a Semei, foi por justiça, como rei, e não por vingança, guardando estas duas sentenças e execuções para o testamento e para a hora da morte, para que se visse que o fazia por escrúpulo, e não por ódio. Este era o coração de Davi, e, por isso, coração verdadeiramente real e digno de que Deus tirasse a coroa da cabeça de Saul para lhe pôr na sua, como o mesmo Saul confessou.

235. Andava Saul pelos montes à caça de Davi para lhe tirar a vida, quando acaso entrou só em uma gruta onde o mesmo Davi estava escondido com os poucos que seguiam sua fortuna. Todos lhe disseram e instaram que lograsse a ocasião que Deus lhe tinha metido nas mãos, e, com a morte de Saul, se livrasse de uma vez das suas perseguições. Mas ele, contentando-se com lhe cortar um retalho da roupa para amostra da sua fidelidade, depois que Saul saiu da gruta apareceu subitamente diante dele, e mostrando-lhe aquele testemunho tão claro do perigo em que estivera e da vida que lhe não quisera tirar nem consentir que lhe tirassem, prostrado a seus pés lhe disse desta sorte: — Eis aqui, ó Rei de Israel, a quem andas buscando pelos desertos para o matar. Eis aqui aquele bichinho vil da terra, à caça do qual sai da sua corte em pessoa um tão grande monarca. Eis aqui como te merece que o persigas com tão mortal ódio, e o faças andar desterrado e fugitivo de ti por estes montes. -Ficou assombrado do que via e do que ouvia Saul, e, compungido, e com as lágrimas nos olhos, lhe disse: Agora conheço, Davi — e não só lhe chamou Davi, senão filho — agora conheço, filho, e sei certissimamente que hás de reinar, e que deste mesmo Reino de Israel, que eu chamo meu, hás de ser tu o rei. *Nunc scio quod certissime regnaturus sis, et habiturus in manu tua regnum Israel* (1 Rs. 24, 21). O que só te peço, é que me prometas e jures diante de Deus que a mesma piedade que usaste comigo, a terás da minha casa e descendência, e não extinguirás do mundo o meu nome: *Jura mihi ne deleas semen meum post me, neque auferas nomen meum de domo patris mei*<sup>16</sup>. Tão certa e infalivelmente conheceu e creu Saul que havia Davi de ser rei. Mas aonde tirou esta certeza, que chama certíssima, e não antes, senão agora e neste mesmo caso: *Nunc scio quod certissime regnaturus sis?*

236. Abulense, e todos os outros expositores dizem que o inferiu Saul da generosidade de ânimo com que, sendo tão capital inimigo de Davi, ele lhe perdoara. Mas não é necessário que o digam expositores, porque o mesmo Saul o ponderou e o disse. Notai todas as palavras: *Tu enim tribuisti mihi bona; ego autem reddidi tibi mala* (Ibid. 18): Porque tu, Davi, deste-me bem por mal, sendo que eu sempre te dei mal por bem. *Et tu indicasti hodie quae feceris mihi bona: quomodo tradiderit me Dominus in manum tuam, et non occideris me* (Ibid. 19): E bem mostraste e provaste hoje isto que digo, pois, entregando-me Deus nas tuas mãos, e podendo-me matar, me deste a vida. *Quis enim, cum invenerit inimicum suum, dimittet eum in via bona*: Por que que homem há que, tendo seu inimigo debaixo da lança, lhe perdoe e o deixe ir em paz? *Sed Dominus reddat tibi vicissitudinem hanc pro eo quod hodie operatus es in me* (Ibid. 20): Mas eu confio e estou certo — concluiu Saul — que Deus não há de deixar sem prêmio esta diferença que hoje usaste comigo. E como? Tirando-me a mim a coroa da cabeça, e pondo-a na tua: *Quia scio quod certissime regnaturus sis*<sup>17</sup>. Assim entendeu Saul, posto que obrava o contrário, que

<sup>14</sup> Se paguei com mal aos que mo faziam (SI. 7, 5).

<sup>15</sup> Tomavam-me a mim males por bens (SI. 34, 12).

<sup>16</sup> Jura-me que não hás de aniquilar a minha geração depois de mim, nem hás de extinguir o meu nome da casa de meu pai (1 Rs. 24,22).

<sup>17</sup> Porque sei que certissimamente hás de reinar(1 Rs. 24,21).

um homem que, tendo na sua mão a vingança, não sabia vingar agravos, um homem que, podendo fazer mal a seu maior inimigo, lhe fazia os maiores bens, um homem que pagava o ódio com amor, e a morte, que lhe queriam dar, com a vida, um tal homem como este, não o tinha Deus dotado de um coração tão generoso e tão real, senão porque o queria e havia de fazer rei: *Quod regnaturus sis*.

237. Reparem muito os reis no que inferiu com tanta certeza este rei, e reparem também no que eu agora quero inferir, não com menor certeza. Assim como é certo que Deus deu a coroa a Davi porque se não vingou de Saul, assim digo, e tenho por certo que, se Davi pelo contrário se vingara, ainda que Deus o tivesse destinado para a coroa, lha não havia de dar. Caso notável é que repartindo Jacó na hora da morte a bênção que tocava ou havia de tocar a cada um de seus filhos, a do cetro e coroa de Israel a desse e colocasse no quarto. Este quarto filho era então Judas, do qual descenderam os Davis, os Salomões e outros reis do reino por isso chamado de Judá, e do qual também descendeu Cristo. Mas, por que razão? O reino e a primeira bênção, segundo o uso dos patriarcas e conforme a lei natural que ainda hoje se observa, pertence ao primogênito, que era Rúben. E, posto que Rúben perdeu este direito e se fez indigno da coroa pela gravíssima injúria que cometeu contra seu pai, no incesto que todos sabem, a Rúben seguia-se, com o mesmo direito, Simeão, que era o filho segundo, e a Simeão se seguia Levi, que era o terceiro. Pois, por que não deu Jacó a bênção ou investidura do reino nem a Simeão, nem a Levi, senão a Judas, e, deixando deserdados daquele grande e supremo morgado ao segundo e ao terceiro filho, o assentou e instituiu no quarto?

238. Também aqui não havemos mister doutores, porque na bênção de ambos os deserdados dá o mesmo texto e o mesmo Jacó a causa: *Simeon et Levi fratres, vasa iniquitatis bellantia. In consilium eorum non veniat anima mea, et in caetu illorum non sit gloria mea, quia in furore suo occiderunt virum, et in voluntate sua suffoderunt murum. Maledictus furor eorum, quia pertinax, et indignatio eorum, quia durat*<sup>18</sup>. Simeão e Levi foram aqueles dois irmãos que, para vingar a injúria que o príncipe Siquém tinha feito à sua irmã, mataram ao mesmo Siquém e a todos os siquemistas, e lhes destruíram e assolaram a cidade. E homens tão duros de coração, homens tão furiosos, pertinazes e vingativos — posto que a causa parecesse justificada — não só não são dignos de reinar, nem de ter o supremo domínio sobre os outros homens, mas merecem justissimamente que, se por outra qualquer via lhes pertence o cetro e a coroa, de nenhum modo, e em nenhum tempo a logrem, antes sejam para sempre privados e deserdados do reino, como eu, com a minha maldição, em nome de Deus os deserdo. — Isto disse e fez Jacó, deserdando e privando do reino aos dois filhos, a quem de direito pertencia, só por serem vingativos e não perdoarem agravos. E o mesmo sucederia sem dúvida a Davi, se ele, como perdão de Saul, lhe não tirara da cabeça a coroa de que, por inimigo, era indigno, e a pusera na sua.

239. De tão longe ia Deus estabelecendo e fundando já o preceito que hoje havia de promulgar por sua própria boca, ensinando, com tão graves e temerosas experiências, aos reis que quando dissesse: *Ego dico vobis*, também falava com eles. E notem os que de presente reinam que com muito maior razão lho diz hoje Cristo do que o disse antigamente, porque aquele Eu: *Ego autem*, ainda então não era o que hoje é. Era Deus, era supremo

<sup>18</sup> Simeão e Levi, irmãos, instrumentos de uma carniceira cheia de injustiça. Não permita Deus que nos seus conselhos intervenha a minha alma, e que a minha glória entre nos seus conluios, porque na sua sanha mataram aquele homem, e conforme a sua vontade arrombaram um muro. Maldito o seu furor, porque é obstinado, e maldita a sua ira, porque é inflexível (Gên. 49,5 ss).

Legislador, era Rei dos Reis, mas ainda não era Rei que tivesse pedido perdão pelos que o crucificavam, nem Rei que tivesse tomado por título Rei dos que lhe tiraram a vida. Lendo Santo Agostinho no título da cruz *Rex Judaeorum* (Jo. 19,19), admira-se muito de que Cristo tomasse título de Rei dos judeus, sendo Rei de todo o mundo e de todas as nações dele. Nos quatro braços da mesma cruz se significava o domínio que tinha o Rei crucificado sobre as quatro partes do mundo; e nas letras hebraicas, gregas e latinas, que eram as mais universais, o senhorio e império de todas as nações. Pois, se Cristo era Rei de todo o mundo e de todos os homens, por que toma só por título o de Rei dos judeus? Porque, ainda que era Rei de todos, e morrera por todos, só os judeus foram aqueles que lhe tiraram a vida, e onde foi maior o amor dos inimigos, ali assentou melhor o título de Rei. Rei de todos, Redentor de todos, e o que perdoou os pecados de todos; mas dos judeus, de quem recebeu os maiores agravos, dos judeus que lhe tiveram o maior ódio, dos judeus que mais que todos foram seus inimigos, desses particularmente Rei: *Rex Judaeorum*. Para que acabem de entender os que são e se chamam reis, que não só pelo preceito que lhes pus, senão pelo exemplo que lhes dei, e para perpetuarem os seus reinos, como eu eternizei o meu, todos sem exceção, são obrigados ao amor dos inimigos, e todos a fazer bem aos que lhes tiverem ódio: *Diligite inimicos vestros, et benefacite his qui oderunt vos*

#### §IV

*Quem são os inimigos dos reis? Diferença entre inimicus e hostis. O erro de Tertuliano e dos anabatistas: nenhum rei pode ser cristão, nenhum cristão pode ser rei. Constantino, o primeiro príncipe cristão que houve no mundo. Como se podem amar e devem amar os inimigos de fora, ainda quando se lhes faz guerra?*

240. Declarado o *dico vobis*, e provado como também aos reis compreende o preceito de amar os inimigos, segue-se a declaração do *diligite*, e o modo com que os hão de amar, cuja prática, se for como se usa, não tem menos dificuldade nem menor perigo. Mas, antes que cheguemos a este ponto, é necessário averiguar outro, e saber e distinguir quem são os inimigos dos reis. Perguntando um doutor da lei a Cristo, Senhor nosso, que havia de fazer para se salvar, respondeu o Senhor que amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo, fazendo-lhe primeiro repetir o texto: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et proximum tuum sicut te ipsum*<sup>19</sup>. Porém o doutor, para se justificar, como diz S. Lucas: *Volens justificare seipsum*<sup>20</sup>, desta mesma resposta de Cristo levantou outra questão, dizendo: *Et quis est meus proximus* (Lc. 10,29)? Bem está que seja eu obrigado a amar a meu próximo, mas esse meu próximo, quem é? O mesmo digo eu, ou me podem dizer e perguntar a mim. Bem provado está que os reis têm obrigação de amar a seus inimigos; mas esses inimigos dos reis, quem são? A resposta não é fácil, antes tal e de tão mau gosto, que se eu a der, como devo, também pode granjear inimigos.

241. Começando pelos de mais longe, parece que os inimigos dos reis são os que lhes impugnam o reino, os que lhes sitiavam as cidades, os que lhes infestam os mares, os que lhes roubam as conquistas, e os outros, que por qualquer modo lhes fazem guerra. Mas estes não são os de que mais propriamente fala Cristo. Os que nos fazem guerra -posto que a nossa língua equivocadamente lhes dê o mesmo nome — não se chamam propriamente

<sup>19</sup> Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e ao teu próximo como a ti mesmo (Lc. 10,27).

<sup>20</sup> Querendo justificar-se a si mesmo (Lc. 10,29).

*inimicos*, chamam-se *hostes*. *Inimicos* são os inimigos por inimizade e ódio, como costumam ser os de dentro: *hostes* são os inimigos por hostilidade e por guerra, que só podem ser os estranhos e os de fora. Isto posto Tertuliano teve para si que nenhum cristão podia ser *hoste*: *Christianus nullius est hostis*. E, persistindo coerentemente neste seu parecer, chegou a afirmar que nenhum rei podia ser cristão, nem algum homem, que fosse cristão, podia ser rei: *Si christiani Caesares esse possent, aut Caesares christiani*. E que fundamento teve ou podia ter este antiquíssimo autor, e de muito são e profundo juízo em outras matérias — ao qual S. Cipriano chamava o Mestre — para ensinar uma doutrina tão alheia do que hoje se pratica em toda a cristandade? O fundamento que teve foi o exemplo da humildade e paciência de Cristo, persuadindo-se que as armas do cristão não podia ser a espada, que o mesmo Senhor mandara embainhar a S. Pedro, senão a mansidão e a paciência. E como via, pelo contrário, que à obrigação e ofício dos reis e imperadores eram necessárias as armas e os exércitos para defender seus estados e vingar as injúrias que lhes fizessem ou intentassem fazer seus inimigos, esta mesma vingança dos inimigos julgou que os excluía da lei do Evangelho e os fazia incapazes de ser cristãos, definindo como por conclusão e vidente que todo aquele que por este modo fizesse mal a seus inimigos, e, por consequência, os não amasse, se fosse rei, não podia ser cristão, e, se quisesse ser cristão, havia de deixar de ser rei.

242. Este erro de Tertuliano — que ainda hoje seguem os hereges anabatistas — se refutou e desfez publicamente daí a cento e vinte anos, com a conversão e batismo do imperador Constantino Magno, que foi o primeiro príncipe cristão que houve no mundo, o qual, contudo, sendo convertido pelo mesmo São Pedro, nem por isso desistiu da guerra e empresas militares, armando, como dantes, exércitos, dando batalhas, alcançando vitórias, conquistando cidades e províncias. Nem daqui se segue que ele ou outro imperador e rei cristão pudesse ter ódio a seus inimigos e fazer-lhes mal, porque — como bem supunha Tertuliano nesta parte — seria obrar diretamente contra o preceito expresso de Cristo, que manda amar e fazer bem a todos e quaisquer inimigos: *Diligite inimicos vestros, et benefacite his qui oderunt vos*.

243. Mas, se esses reis cristãos, na invasão das terras de seus inimigos, talam os campos, arrasam castelos, escalam cidades e derramam tanto sangue, matando homens a milhares, como podem fazer tudo isto e amar juntamente aos mesmos seus inimigos? Eu o direi, e respondo a uma pergunta com outra. Quando o legítimo juiz, segundo o merecimento dos autos, condena à morte e à confiscação de bens um réu, e manda executar nele a sentença, pode fazer isto sem ódio? É certo que não só sem ódio, senão amando muito ao mesmo homem, e não procedendo àquele rigor senão muito a seu pesar, e obrigado somente das leis da justiça, de que é ministro. Pois, do mesmo modo obra o rei cristão na guerra que faz a seus inimigos, porque naqueles casos ele e só ele é o legítimo juiz. Qual cuidais que é a maior dignidade e autoridade do rei? Porventura o domínio e superioridade suprema sobre tantas cidades e povos, de quantos se compõe um reino ou muitos reinos? Não. A maior autoridade e soberania dos reis é que nas controvérsias com outros príncipes estranhos eles sejam, e Deus fiasse deles o serem, juizes em causa própria. E como os reis são juizes, e juizes postos por Deus em seu lugar, assim como o juiz inferior pode sentenciar o réu a perdimento da vida e da fazenda, sem ódio, antes com amor, assim o rei, na guerra justa e julgada por sua própria autoridade, pode mandar matar e despojar seus inimigos, amando-os juntamente, e observando o preceito de os amar: *Diligite inimicos vestros*.

244. Isto quanto à primeira parte do preceito está claro; mas quanto à segunda ainda

parece dificultoso, porque Cristo não só manda que amemos aos inimigos, senão que lhes façamos bem: *Et benefacite his qui oderunt vos*. Pois, se o rei cristão, com a guerra e hostilidades dela, faz a seus inimigos o maior mal desta vida, antes os dois maiores males, que é despojá-los dos bens que possuem e da mesma vida se resistirem, como pode estar com isto o não lhes fazer mal — que não basta — mas o fazer-lhes positivamente bem, que é o que manda o preceito: *Diligite, et benefacite?* Também a esta pergunta respondo com outra dentro no mesmo exemplo. Quando o juiz, entre dois litigantes, condena o injusto possuidor, e o executa com violência, privando-o do que injustamente possuía, faz-lhe bem ou mal? Não há dúvida que lhe não faz mal, senão bem, e o maior de todos os bens. Por quê? Porque o obriga a restituir por força o que nunca havia de restituir por vontade, e por meio desta restituição, sem a qual se não podia salvar, o põe em estado de salvação. Tal é o bem e grandíssimo bem que os reis cristãos fazem aos outros príncipes seus inimigos, quando, por meio da guerra justa e poderosa, recuperam deles as terras, cidades ou reinos que eles ou seus maiores lhes tinham usurpado. Porque, obrigando-os por força a restituir o alheio, os desobrigam da restituição que nunca haviam de fazer de grado, sendo, nestes casos, mais venturosos os despojados e vencidos do que cuidam e festejam os vencedores. A espada antigamente era a insígnia do juiz, por onde disse São Paulo: *Non enim sine causa gladium portat*<sup>21</sup>; e como os juizes inferiores não têm jurisdição nem alçada sobre os pleitos dos reis, o que eles não podem com a espada da justiça, fazem os reis com a justiça da espada. É verdade que derramam sangue, e muito sangue; mas, assim como o médico o tira sem querer mal nem fazer mal, assim o podem fazer os reis, não por ódio, senão com boa vontade, e não para matar o corpo mal afecto, senão para o descarregar do humor que o mata, e o reduzir à saúde. Esta é a reta intenção com que deve proceder na guerra todo o rei justo, por duas razões: a primeira, para obedecer ao preceito de Deus, que é o Senhor dos exércitos; a segunda, para o fazer propício a suas armas que, movidas por ódio ou vingança, nunca podem ter bom sucesso. Assim o entendeu e deixou escrito aquele tão grande rei como soldado, Davi: *Si reddidi retribuentibus mihi mala, decidam merito ab inimicis meis inanis*<sup>22</sup>.

## §V

*Quais são os outros que propriamente se chamam inimigos? Os inimigos dos reis, e os maiores inimigos, são os adutores. Os adutores e as andorinhas da casa de Tobias. O que dizem os políticos, os historiadores, os filósofos e os Santos Padres.*

245. Temos visto e distinguido quais são os inimigos que se chamam *hostes*, e declarado em todo o rigor da Teologia como se podem amar e devem amar, ainda quando se lhes faz ou faça guerra — matéria muito própria do tempo presente, e não menos necessária a purificar a emulação nacional, que entre gente de pouca nobreza e entendimento passa talvez a ser ódio. — Agora, recolhendo-nos dos muros ou das raias a dentro, segue-se ver quais sejam os outros que propriamente se chamam *inimicos*: *Diligite inimicos vestros*. E, suposto que não falamos de inimigos em geral, senão dos inimigos dos reis, dentro dos limites da nossa questão, uma coisa entendo neste ponto, e

<sup>21</sup> Porque não é de balde que ele traz a espada (Rom. 13,4).

<sup>22</sup> Se paguei com mal aos que mo faziam, caia eu com razão debaixo de meus inimigos, sem esperança (Sl. 7,5).

outra parece que se não pode entender. Entendo que os inimigos dos reis, neste caso, não podem ser outros senão os vassallos; mas não entendo, nem sei como se pode entender nem imaginar — ao menos entre nós — que haja homem tão indigno e tão vil que mereça tão abominável nome. Se o primeiro e maior amor dos vassallos é o do seu rei; se os mortos suspiravam por este nome, e nele se sustentam os vivos; se, para o sustentar, defender e conservar, todo o outro amor já não é amor, desprezando-se a fazenda, o sangue, a vida, a mulher, os filhos, como pode ser que haja ainda, ou possa haver, não digo homens, senão monstros que sejam e se possam chamar inimigos dos reis? Eu não direi quais são, porque o não sei entender, como já disse; mas referirei e me referirei somente aos que os nomeiam, e são testemunhas todas legais, e a quem a opinião do mundo dá grande crédito.

246. Entre os políticos, Xenofonte, Tácito, Cassiodoro; entre os históricos, Tito Lívio, Suetônio, Quinto Cúrcio; entre os filósofos, Sêneca, Plutarco, Severino Boécio; entre os Santos Padres, Jerônimo, Crisóstomo, Gregório, Agostinho, Bernardo — deixando os demais - todos, só com discrepância no encarecimento, dizem e ensinam concordemente que os inimigos dos reis, e os maiores inimigos, são os aduladores. E, suposto que sejam os aduladores, como logo se provará largamente, onde vivem, ou onde estão encastelados estes inimigos dos reis? É certo que não são os que lavram os campos, nem os que aram os mares, nem os que presidiam as torres, nem os que pleiteiam nos tribunais, nem os que comerciam nas praças, nem menos todos os outros que, com o trabalho de suas mãos, servem à república e só conhecem de palácio as paredes, e as adoram de fora. Logo, se não são os que somente as vêem de fora, devem de ser sem dúvida os que as freqüentam de dentro, verificando-se também dos reis o que Cristo pronunciou geralmente de todos os homens: *Inimici hominis domestici ejus*<sup>23</sup>. Os domésticos, os familiares, os que só são admitidos a ouvir e ser ouvidos, estes são os aduladores e por isso, os inimigos. Assim comenta o texto de Cristo S. Bernardino de Sena, declarando que a razão de serem inimigos os domésticos, é por serem aduladores, e que esta pensão ou desgraça é a mais perniciosa dos príncipes: *Nihil principi peritiosius esse potest, quam domesticus inimicus, hujusmodi autem sunt adulatores*.

247. S. Gregório Magno que, depois de grandes cargos políticos nas duas maiores cortes, de Roma e Constantinopla, foi cabeça suprema de toda a Igreja, e por si mesmo e seu juízo, ciência e experiência, uma das mais eminentes cabeças do mundo, não só diz que os aduladores secretos são públicos inimigos dos reis, mas dá por regra e cautela aos mesmos reis, que quando virem que são maiores os louvores com que forem adulados deles, tanto os reconheçam por maiores inimigos, e creiam que o são: *Tanto majores hostes credendi sunt, quanto magis laudibus adulantur*. E se isto não vêem claramente todos os reis, é porque é tal o doce veneno da lisonja que, entrando pelos ouvidos, lhes cega também os olhos. Por isso S. Pedro Damiano, tão prático e desenganado das cortes, que por fugir muito longe delas, renunciou à púrpura, a que compararia os aduladores de palácio? Comparou-os às andorinhas de Tobias, as quais, fazendo o ninho na sua casa, lhe pagaram a hospedagem com lhe tirar a vista. Tais — diz ele — são os aduladores: *Quidum adulationis oleo audientis caput impingunt, interiores oculos, ne solida lucefruantur, excaecant*.

248. Santo Agostinho, autor em toda a matéria primaz, com doutrina tirada da escolha de el-rei Davi, ensina que há dois gêneros de inimigo: uns que perseguem, outros que adulam; mas que mais se há de temer a língua do adulador que as mãos do perseguidor: *Duo sunt genere enim eorum, persequentium et adulantium, sed plus persequitur lingua*

<sup>23</sup> Os inimigos do homem serão os seus mesmos domésticos (Mt. 10,36).

*adulatoris, quam manus persecutoris.* A mão do perseguidor arma-se com a espada, com a lança, com a seta, com o veneno, e com todos os outros instrumentos de ferir e matar, que a fúria e violência do fogo acrescentou à dureza do ferro; e, contudo, diz o maior doutor da Igreja que mais se há de temer a língua desarmada do adulator, que todas as armas do perseguidor e inimigo. Mas, porque dirão os palacianos — como dizem aos da nossa profissão — que falou Santo Agostinho como teólogo e como santo, e não como político, ponhamos-lhe de um lado a Pitágoras e do outro a Sócrates, que nem foram teólogos, nem santos, mas ambos famosíssimos mestres da república mais política, qual foi a de Atenas. Que diz Pitágoras? *Gaude potius arguentibus quam adulantibus, et tanquam deteriores inimicis adultores aversare:* Gosta antes dos que te arguem que dos que te adulam, e tem maior aversão aos adultores que aos inimigos, porque são piores. — E Sócrates, que diz? *Adulatorum benevolentiae tanquam hostibus dato terga, fuge infortunium:* A benevolência dos adultores dá-lhe logo as costas, e foge deles como de inimigos, por que te não suceda algum infortúnio dos que a adulação traz sempre consigo. — Creiam ao menos a Sócrates e a Pitágoras os que não quiserem dar crédito a Santo Agostinho.

249. Sinésio, aquele insigne varão que compôs os livros *De Regno* e, depois de governar prudentissimamente o mundo, com igual zelo e santidade governou e ilustrou a Igreja, escrevendo ao imperador Arcádio, o conselho que lhe dá sobre todos, exortando a que o observe como primeiro e maior cuidado, é que não consinta junto a si adultores, e se guarde e vigie deles, porque, por mais cercado que esteja de guardas o seu palácio, a adulação se sabe introduzir sutilissimamente sem ser sentida, e bastará ela só para primeiro o sujeitar e dominar a ele, e depois o despojar do império: *Sola quippe adulatio nec quicquam vigilantibus satellitibus in ima usque conclavia sensim penetrat, et imperium depraedatur.* Coisa dificultosa parece que, tendo Arcádio presidiado o seu império com as legiões romanas, e não havendo então inimigo estranho que com poderosos exércitos lhe fizesse guerra, houvesse de bastar poucos homens desarmados para, dentro em sua própria casa, destruírem o imperador e mais o império. Mas tão oculta e poderosa guerra é a que faz aos príncipes a adulação, e tão perniciosos inimigos, mais que todos, são os adultores. Ouçam os políticos o texto da sua Bíblia: *Adulatio perpetuum malum regum, quorum opes saepius assentatio, quam hostis evertit:* A adulação é aquele perpétuo mal ou achaque mortal dos reis, cuja grandeza, opulência e impérios muitas mais vezes destruiu a lisonja dos adultores que as armas dos inimigos.

250. Comentando este texto de Cornélio Tácito outro Cornélio de maior erudição, de melhor juízo e de mais largas experiências que ele, confirma a verdade do seu dito com a falta da verdade, de que só carecem os que são senhores de tudo, e com os exemplos de Nero, César e Roboão, todos desastradamente perdidos, não por inimigos de fora, mas pelos adultores domésticos: *Et quidem reges abundant rebus omnibus in aula, excepta veritate. Quid Neronem castissime educatum crudelem fecit? Adulatio. Quid Caesarem contra patriam rebellare fecit? Adulatio. Quid Roboam tyrannum reddit? Adulatio.* Nem a Roboão aproveitou ter por pai a Salomão, nem a Nero ter por mestre a Sêneca, nem a César ter-se esmerado nele a natureza em o dotar de uns espíritos tão generosos e verdadeiramente reais, para que a adulação de seus próprios familiares a um não corrompessem as virtudes, a outro não despojassem do reino, a outro não tirasse a vida, e a todos não destruísse tão infausta e miseravelmente, como todos sabem. Esta mesma conclusão inferiram sobre a lição de todas as histórias do mundo aqueles dois grandes historiadores, que em sentença de Lípsio, depois de Salústio e Lívio, merecem os dois seguintes lugares: entre os latinos Cúrcio, e entre os espanhóis Mariana. *Regnum saepius ab*

*assentatoribus quam ab hostibus everti solet* — diz Cúrcio na história de Alexandre. — *Vide hic ut magis adulatio, quam hostis, reges et principes perdat* — diz Mariana no Comentário de Oséias. — De sorte que tudo o que se sabe por vista ou por memória dos períodos e catástrofes dos reinos e dos fins mal-afortunados dos reis e causas deles, as menos vezes se deve atribuir aos inimigos de fora, que são os que só se temem, senão a quem? Aos lisonjeiros e aduladores de dentro, aos que têm as entradas francas e as chaves tão douradas como as línguas, aos que participam os segredos e arcanos da monarquia, e os que só são admitidos a dizer e a ser ouvidos; enfim, aos inimigos interiores e domésticos, que são os que mais se deveram temer.

## §VI

*Escrúpulo e suspensão despertados pelo nome de inimigos dos reis. Os inimigos infalivelmente definidos pela Suma Verdade. Os que servem ao senhor rei e ao senhor interesse próprio. Indigna coisa é que seja o rei o Labão, quando o vil interesse é a Raquel. Os aduladores, aranhas de palácio, segundo o Livro dos Provérbios.*

251. Antes, porém, que refira o que dizemos demais — pois somente sou relator neste ponto — para que se ouça com maior atenção e se dê inteiro crédito ao que eles disserem, é necessário sossegar primeiro um escrúpulo ou suspensão com que estou vendo que este nome de inimigo dos reis, ou se reputa por injusta censura, ou, quando menos, por demasiado encarecimento. Todas as pessoas que os reis admitem assistência mais interior de palácio, além das qualidades e talentos que os fazem dignos de tão soberana eleição, ninguém pode duvidar que o seu maior cuidado e desvelo é servir e agradar ao seu príncipe, e que eles são os que mais lhes desejam a vida e procuram a saúde; eles os que mais solicitam o bem, a conservação e aumento do reino; eles os que, de dia e de noite, sem descansar, mais se empregam e mais trabalham no que mais que tudo importa. E, posto que as suas palavras — como pede o respeito e reverência real — se pronunciem vestidas ou adornadas com algum daqueles enfeites que popularmente se chamam lisonjas, nem por isso desmerece o afeto de seus corações o nome de amigos, e verdadeiros amigos: com que vem a ser afronta, não só injusta e caluniosa, mas indigna de se dizer nem ouvir, que sujeitos tão ilustres e ão leais sejam chamados inimigos dos reis, e se lhes aplique no texto de Cristo a censura de *inimicos vestros*.

252. Tudo isto digo eu também, e geralmente assim, é. Mas, porque nesta regra, como em todas, pode haver alguma exceção, ouçamos sobre ela o mesmo legislador, que é o melhor intérprete das suas leis. E assim o mesmo Cristo que diz *Diligite inimicos vestros*, será também o que nos declare estes inimigos quem são, e como são, e como não podem deixar de o ser. *Nemo potest duobus dominis servire* (Mt. 6,24), diz Cristo: Ninguém pode servir a dois senhores. — E por quê? Porque, se tiver amor a um, há de ter ódio ao outro: *Aut enim unum odio habebit, et alterum diligit*. Suposta esta definição infalível da suma verdade, pergunto agora: e os que servem aos reis em palácio, a quantos senhores servem? Se alguns se não quiserem lisonjear também a si mesmos, é força que confessem que servem a dois senhores: ao senhor rei, e ao senhor interesse próprio. Logo, segue-se que, se amam a um, têm ódio a outro, e que se de um destes senhores são amigos, do outro são inimigos: *Aut enim unum odio habebit, et alterum diligit*. Notai que não diz Cristo: *Unum diligit et alterum non diligit*, senão: *Unum odio habebit, et alterum diligit* porque se não pode servir e amar a um, sem ser inimigo do outro. E, se em algum dos que servem ao rei

se provasse que ama mais o seu interesse que o rei, provado estava que este tal é inimigo do rei.

253. O Papa chama-se *Servus Servorum*, é, creio eu, que a muitos reis se pudera estender o mesmo título sem ofensa da Sé Apostólica. Por que há tantos que queiram servir de perto aos reis? Por que querem que também os reis os sirvam a eles? Não digo tanto. Servem aos reis porque lhes serve o servi-los. Arrima-se a hera à torre, não por amor da torre, senão por amor de si, não porque queira coroar a torre — que as coroas de hera não são as dos reis — mas porque a hera não pode crescer sem arrimo, e ela quer crescer e subir. Por isso vemos tão subidos e tão crescidos os que talvez, antes de chegarem a este arrimo, mal se levantavam da terra. Pelo contrário, vemos também que muitos se retiraram do serviço do rei, porque lhe negaram ou dilataram a subida. Logo, ao senhor interesse é que serviam, e não ao rei. Sete anos de pastor servira Jacó a Labão, pai de Raquel, mas não servia a ele: servia a ela. E por que servia Jacó a Raquel, e não a Labão? Porque Raquel era a que amava. Porque amava a Raquel, por isso servia a Labão, e o amor não está no por isto, está no porquê. Porque amam o seu interesse, por isso servem ao rei. Indigna coisa, por certo, que seja o rei o Labão, quando o vil interesse é a Raquel. Mas ouçamos a outro melhor autor.

254. *Stellio manibus nititur, et moratur in aedibus regis* (Prov. 30,28): A aranha — diz Salomão — não tem pés, e, sustentando-se sobre as mãos, mora nos palácios dos reis. — Bom fora que moraram nos palácios dos reis e tiveram neles grande lugar os que só têm mãos. Mas a aranha não tem pés, e tem pequena cabeça, e sabe muito bem o seu conto. Sobe-se mão ante mão a um canto dessas abóbadas douradas, e a primeira coisa que faz é desentranhar-se toda em finezas. Com estes fios tão finos, que ao princípio mal se divisam, lança suas linhas, arma seus teares, e toda a fábrica se vem a rematar em uma rede para pescar e comer. Tais são — diz o rei que mais soube — as aranhas de palácio. Quem vir ao princípio as finezas com que todos se desfazem e desentranham em zelo do serviço do príncipe, parece que o amor do mesmo príncipe é o que unicamente os trouxe ali; mas, depois que armaram os teares como tecedeiras, e as redes como pescadores, lago se descobre que toda a teia, por mais fina que parecesse, era urdida e endereçada a pescar, e não a pescar moscas. E se não, veja-se o que todos pescam: as melhores comendas, os títulos, as presidências, os senhorios, e, talvez, diz o mesmo Salomão, que sendo a malha tão miúda, pescam o mesmo dono da casa. *Homo, qui blandis fictis que sermonibus loquitur amico suo, recte expandit gressibus ejus*<sup>24</sup>. As palavras brandas do adúlador são redes que ele arma para tomar nelas ao mesmo adúlado. — E este é o artifício sem arte dos adúladores reais. Servem lisonjeiramente aos príncipes para os ganhar ou lhes ganhar a graça, e para se servirem da mesma graça para os fins que só pretendem de seus próprios interesses. E como, por declaração do mesmo legislador do nosso texto, ninguém pode servir a dois senhores sem amar a um e ser inimigo do outro, provado fica, sem réplica, e concluído, que quantos forem em palácio os amigos de seus interesses, tantos são os inimigos dos reis.

## §VII

*O bem ou mal que os adúladores fazem aos reis. É fatalidade dos reis, que tudo o que fizerem ou quiserem, ainda que não seja louvável, seja louvado. Os louvores de Judas,*

<sup>24</sup> O homem que, quando fala ao seu amigo, usa de uma linguagem lisonjeira e fingida, arma uma rede aos seus passos (Prov. 29,5).

*quarto filho de Jacó. Os aplausos de Afrânio Burro a Nero. A que compara a adulação Santo Agostinho? Os adutores e os quatro animais que assistem ao trono do cordeiro.*

255. E se eles disserem que são isto discursos, também eu folgara muito que não só foram discursos, senão muito mal fundados e muito falsos; mas no nosso mesmo texto o *benefacere* é prova do *diligere*: *Diligite, et benefacite*. Vejamos, pois, o bem ou mal que os adutores fazem aos reis, e logo se verá claramente se os amam ou são seus inimigos. A maior fatalidade dos reis é nascerem todos em signo de ser louvados. Lançou Jacó a bênção a Judas, seu quarto filho, e as palavras por onde começou foram estas: *Juda, te laudabunt fratres tui* (Gên. 49,8): Judas, a ti louvarão teus irmãos. — Os irmãos eram onze, e muitos deles tiveram muito que louvar; pelo contrário, Judas não deixou de fazer muitas ações dignas de ser vituperadas. Pois, se nos outros houve também coisas merecedoras de louvor, e em Judas merecedoras de vitupério, por que se dá por bênção só a Judas que ele será o louvado, e que todos o louvarão: *Te laudabunt*? Porque Judas, como vimos ao princípio, ainda que era o filho quarto, foi o que levou o cetro e a coroa, e em quem se fundou o direito hereditário da casa e sucessão real, e é bênção ou fatalidade dos reis que tudo o que fizerem ou quiserem, ainda que não seja louvável, seja louvado: *Te laudabunt*. Se o rei, como Saul, tomar para si os despojos de Amalec consagrados a Deus, e os aplicar a usos profanos: *Te laudabunt*. Se o rei, como Davi, por uma simples informação suspeitosa, singular e sem nenhuma legalidade, privar do patrimônio a Mefiboset, e o der ao seu criado Siba: *Te laudabunt*. Se o rei, como Salomão, para edificar soberba e deliciosamente o bom ou mau retiro do Líbano, derrubar as casas dos poucos poderosos, e queimar as choupanas dos miseráveis: *Te laudabunt*. Se o rei, como Roboão, sobre o jugo pesadíssimo e intolerável de seu pai, acrescentar tributos sobre tributos, opressões sobre opressões, e rigores sobre rigores, nadando todo o reino em rios de lágrimas: *Te laudabunt*. E quem são os panegiristas destes louvores? Não são os que padecem o dilúvio fora da arca, não são os que moram e morrem fora das paredes de palácio, senão os que vivem e reinam de portas a dentro. Estes são os adutores, que louvam o que não deveram louvar, e aplaudem o que não deveram aplaudir; e ajudam o que deveram estorvar, atentos somente a não desgostar ou entristecer o agrado em que têm fundado seus interesses, sem atenção ao crédito e à fama, nem talvez à consciência dos mesmos reis, como verdadeiros inimigos: *In malitia sua laetificaverunt regem*<sup>25</sup>.

256. Eu bem creio do bom entendimento de alguns, que no mesmo tempo em que louvam e aplaudem com a boca, gemem e choram com o coração. Nem eles deixam de o confessar assim, onde não é perigoso o sigilo. Mas, como servem mais ao próprio interesse que ao rei, esta covarde dependência lhes equivoca a dor com a alegria, e o coração com a língua. Caso verdadeiramente lamentável e trágico, mas já representado no teatro de Roma. Depois que o imperador Nero se esqueceu de si, e da temperança e compostura real em que fora criado, fez tão pouco caso da própria autoridade e decência, que, entre os citaredos e estriões, saía no teatro público a competir com eles em todas as baixezas ridículas daquelas artes, próprias de gente vil e infame. A este espetáculo ou ludíbrio da maior fortuna, assistiam todas as ordens, senatória, consular e equestre; assistiam os centuriões, os tribunos, e toda a flor das legiões romanas; assistiam principalmente todos os familiares do palácio imperial, e, entre eles, diz com grande ponderação Tácito: *Et maerens Burrhus, ac laudans*. Era Afrânio Burro homem de grave e maduro juízo, mestre ou aio que tinha sido,

<sup>25</sup> Eles alegraram ao rei com a sua malícia (Os. 7,3).

com Sêneca, do mesmo Nero. E, quando todos os outros faziam grandes aplausos às mudanças, saltos e gestos do imperador citaredo, como se foram outros tantos triunfos, só Afrânio estava triste, mas também louvava como os demais: *Et maerens Burrhus, ac laudans*. Pois, homem ou animal — que te não quero chamar com o nome próprio, por não parecer que o faço apelativo — se conheces a indecência, a desautoridade e a afronta do teu príncipe, se estás engolindo as lágrimas e afogando os gemidos, por que ao menos não emudeces e calas, para que veja Nero na tua tristeza a tua dor, e leia no teu silêncio o teu voto? Mas no mesmo tempo em que estás chorando o que condenas, há de louvar o que choras: *Et maerens Burrhus, ac laudans*? Sim, que tais são os aduladores de palácio, ainda os de maiores obrigações e de menos corrupto juízo.

257. Uns autores comparam estes aduladores ao camaleão que, não tendo cor certa nem própria, se reveste e pinta de todas as cores, quaisquer que sejam as do objeto vizinho. Outros os comparam à sombra, que não tem outra ação, figura ou movimento que a do corpo interposto à luz, do qual nunca se aparta, e sempre, e para qualquer parte o segue. Outros o comparam ao espelho, retrato natural e recíproco de quem nele se vê, porque, se lhe pones os olhos, olha para vós, se rides, ri, se chorais, chora, lágrimas, porém, sem dor, e riso sem alegria, que não fora o espelho adulator se assim não fora. Mas, como o camaleão, a sombra e o espelho tudo são assistentes mudos, a comparação de Santo Agostinho é a mais própria e semelhante de todas, porque os comparou ao eco: *Jucundum est, ac volupe cum clamantibus nobis responsant sylvae, et, acceptas, voces, numerosiori repercussu reddunt. Talis echo adulator*. — O eco sempre repete o que diz a voz, nem sabe dizer outra coisa; e onde as concavidades são muitas, é cena verdadeiramente aprazível ver como os ecos se vão respondendo sucessivamente uns aos outros, e todos sem discrepância dizendo o mesmo. O que disse a primeira voz é o que todos uniformemente repetem. E isto que fez a natureza nos bosques, faz a adulação nos palácios, diz Agostinho. Diz o rei que quer fazer uma guerra, e, ainda que a empresa seja pouco provável, e o sucesso de perigosas conseqüências, que respondem os ecos? Guerra, guerra, guerra. Diz que quer fazer uma paz, e, ainda que a ocasião seja intempestiva e os pactos e condições pouco decorosos, que respondem os ecos? Paz, paz, paz. Diz que quer enriquecer o erário, e para isso multiplica os tributos, e, ainda que os fins ou pretexto tenham mais de vaidade que de utilidade, que respondem os ecos? Tributos, tributos, tributos.

258. E para que eu também acrescente a minha comparação, são parecidos os aduladores aqueles quatro animais do Apocalipse, os quais cercavam o trono do cordeiro dominador da terra, e tendo cada um deles quatro rostos e quatro línguas, nenhuma coisa diziam nem sabiam dizer, senão amém: *Et quatuor animalia dicebant: Amen*<sup>26</sup>. Pois, para isto assistem ao trono, para isto os tem junto a si o supremo dominante? Para isto tanta diversidade de rostos e tanto aparato de línguas? Sim, para isto, e só para isto; para quando sair do trono a voz, eles dizerem os améns. E para que os améns digam com o rosto, e o rosto não desdiga do que eles dizem, por isso, sendo a voz uma só, os rostos são muitos, e tão vários quantos podem ser os afetos da majestade adulada. Se o rei está benigno e humano, para isso tem rosto de homem: *facies hominis*. Se está colérico e irado, para isso tem rosto de leão: *facies leonis*. Se está sobrelevado e altivo, para isto tem rosto de águia: *facies aquilae*. Se está melancólico e carregado, para isto tem rosto de bezerro: *facies bovis* (Ez. 1,10). Enfim, muitos rostos e uma só voz, porque sempre a língua e os gestos estão aparelhados, ou na vontade, declarada para a aprovar, ou na inclinação, só presumida para a

<sup>26</sup> E os quatro animais respondiam: Amém (Apc. 5,14).

prevenir.

### § VIII

*Antes ofender com a verdade que agradar com a adulação. O pecado de Davi para com Deus e para com os demais. Diógenes e a adulação. A exortação de Amasias ao profeta Amós. O palácio real, santificação dos reis. — Definição de Biantes, um dos sete sábios da Grécia. Os adutores de el-rei Herodes.*

259. A intenção reta dos príncipes não é esta, senão que cada um diga livremente o que entende, e aconselhem o que mais importa; mas, como o norte sempre fixo do adador é o interesse e conveniência própria, nenhum há que se fie deste seguro real, e todos temem arriscar a graça onde têm posta a esperança. Dizia Sêneca — e dizia o que obrava -que antes queria ofender com a verdade que agradar com a lisonja: *Maluerim veris offendere, quam placere adulando*. Mas, quem era Sêneca? Era aquele grande estóico, em cuja estimação a maior riqueza era o desprezo de todas. Era tão opulento o seu patrimônio que só ele pudera fundar e enriquecer muitas casas, e tão grandes como as que hoje são titulares, e tudo renunciou Sêneca, e aplicou ao fisco real. E quem com a sua fazenda quer acrescentar os tesouros do rei, escolhe antes ofender com a verdade que agradar com a adulação. Porém, aqueles que com os tesouros do rei querem acrescentar a sua casa e enriquecer a sua pobreza ou a sua vaidade, que se pode crer ou esperar que façam? Que digam cinquenta lisonjas para granjear uma comenda, e que não se atrevam a dizer meia verdade por se não arriscar a perdê-la. Oh! reis! Oh! monarcas do mundo, que por esta causa, e só por esta, é digna de compaixão a vossa suprema fortuna!

260. O Salmo *Miserere mei*, Deus não só o fez Davi para lamentar a sua miséria como pecador, senão também como rei. Esse foi o seu pensamento e o seu sentimento quando disse: *Tibi soli peccavi* (Sl.50,6): Eu, Senhor, só para vós pequei. — E por que só para vós, e não para os outros? Porque só vós me estranhastes o meu pecado, porque fui pecador, e nenhum dos outros mo estranhou, porque era rei. — Em próprios termos Esíquo: *Quoniam reliquis omnibus ei tanquam regis indulgentibus, solus Deus misit Nathan, et nefarium scelus neprehendit*. O pecado de Davi só para Deus foi pecado, porque para todos os outros, como era rei, foi indulgência. Eis aqui de que serve aos reis o ser rei, e quão lisonjeiramente o servem os que o servem. Se alguma vez na antecâmara de Davi — onde ele o não ouvisse — se tocou no seu pecado, o que os palacianos discorriam era desta maneira. Que o amor de Bersabé fora um galanteio de príncipe soldado; que o casar-se com ele fora uma honrada restituição de sua fama; que o matar a Urias fora um conselho necessário, prudente e generoso, porque o fez morrer nobremente na guerra: prudente, porque pareceu acaso o que foi indústria, e necessário, porque o modo mais seguro de sepultar o agravo é meter debaixo da terra o agravado. Tão levemente se falava em palácio em um caso, mais que escandaloso, atroz, chamando ao adultério galanteio, ao homicídio necessidade, e à aleivosia prudência. No capítulo oitavo do Segundo Livro dos Reis se nomeiam as pessoas de que constava a casa e família superior de Davi, e é coisa que excede todo o encarecimento da lisonja, que em tantos homens de tão grandes qualidades e suposições se não achasse nem um só que, ou por zelo da honra, ou por escrúpulo da consciência, ou por obrigação do ofício, ou por memória de benefícios e mercês recebidas, se atrevesse a acudir a um rei na sua desgraça, e lhe abrir os olhos com a verdade em tão perigosa cegueira (2 Rs. 8,16 ss). Por isso ele, considerando o seu desamparo, e

conhecendo o risco da própria salvação, orava e clamava a Deus dizendo: *Salvum me fac, Domine, quoniam defecit sanctus, quoniam diminutae sunt veritates a filiis hominum* (Sl. 11,2): Salvai-me vós, Senhor; acudi-me e socorrei-me como Deus, porque entre os homens já não acho nem um só que tenha virtude e valor para me dizer a verdade.

261. Dois porquês aponta Davi nestas palavras, muito dignos de reparo: porque faltaram os santos: *Quoniam defecit sanctus* e porque faltaram homens que com inteireza lhe dissessem a verdade: *Quoniam diminutae sunt veritates a filiis hominum: Filii hominum*, em frase da Escritura, significa os homens de ilustre geração, quais são os que assistem ao lado dos reis; e de lhes faltarem estes se lamenta Davi. Pois, por que faltaram os santos, por isso não há quem fale verdade aos reis? Sim: de um porquê se segue o outro porquê. Porque faltaram os santos, que são os que não querem nada deste mundo, essa é a razão por que Davi e os outros reis não têm quem lhes diga a verdade, estando cercados de tantos que os lisonjeiam e adulam. Até entre os gentios era verdadeira esta consequência. Entre os gentios também, por seu modo, havia santos, os quais eram os filósofos, principalmente estóicos e cínicos. Diógenes, filósofo cínico, queria tão pouco das coisas deste mundo, que nem uma choupana tinha em que viver; e morava dentro em uma cuba. Foi-o ver por maravilha Alexandre Magno, e, dizendo-lhe com sua natural magnificência que pedisse quanto quisesse, que responderia Diógenes? — Peço-te que não tires o que me não podes dar. — E disse isto porque era inverno, e Alexandre, com a sombra do corpo, lhe tirava o sol. Parece-vos que adularia aos reis um homem que tão pouco queria deles? Bem o mostrou em uma famosa resposta sua, que refere Valério Máximo. No tempo em que reinava Dionísio em Sicília, estava Diógenes à porta ou à boca da sua cuba, lavando umas ervas para comer, e disse-lhe um dos que passavam: — Se tu adularas a Dionísio, não comeras ervas. — E ele respondeu: — E se tu te contentaras com comer ervas, não adularas a Dionísio: *Si tu Dionysio adulati velles, isto non ederes. Cui respondit: Si tu ista edere velles, Dionysio adulari nolles*. Porque os reis se não servem de homens que se contentem com comer ervas, por isso estão comidos de adultores, e cercados de inimigos: *Quoniam defecit sanctus*. Para ser santo deste gênero não é necessário que faça milagres o que serve ao rei: basta ser homem que se contente com o seu pouco, e não aspire a ter mais do que tem, nem a ser mais do que é.

262. Mas, se há algum destes — que sim há — o primeiro cuidado dos quatro animais que estão *in circuito throni*, e nele têm cercados ou sitiados os reis, o primeiro e maior cuidado dos adultores é que Dionísio não ouça a Diógenes, antes se asseste contra ele toda a artilharia, para que não suceda romper as linhas da circunvalação, e, por força ou por vontade, se retire muito longe da corte. É texto e caso expresso da Escritura Sagrada, não já em homem filósofo, senão profeta El-rei Jeroboão, depois da divisão das coroas de Israel e Judá, tinha o seu palácio em Betel, e junto dele a mesquita que edificara aos dois bezerros de ouro, para divertir o povo de irem sacrificar ao templo de Jerusalém. Vivia na mesma cidade de Betel o profeta Amós, o qual dizia a Jeroboão algumas verdades das que Deus revelava acerca daquele reino e seu perigo. E, como os adultores de Jeroboão se temessem da eficácia e energia de Amós, ao qual caluniavam com o rei, que totalmente lhe não tinha perdido o amor e reverência, um deles chamado Amasias, se foi ter com o profeta, e lhe disse em termos de amizade estas palavras: *Qui vides, gradere, fuge in terram Juda, et comede ibi panem, et prophetabis ibi. Et in Bethel non adjicies ultra ut prophetes, quia sanctificatio regis est, et domus regni est* (Am. 7,12 s)<sup>27</sup>. Quer dizer: Tu Amós, que

<sup>27</sup> Sai daqui, homem de visões, foge para a terra de Judá, e come lá o teu pão, e ali profetizarás. Mas não

vês os futuros, põe-te e logo a caminho, e fuge daqui, e vai-te e para a tua pátria: lá comerás o teu pão, e profetizarás; porém, aqui não te aconteça falar mais palavra, porque Betel é a casa e palácio do reino, a santificação do rei. — Reparaí muito nesta última cláusula, que em moral e político sentido fecha admiravelmente todo o nosso discurso: *Quia sanctificatio regis est, et domus regni est*. De maneira que exortando Amasias ao profeta Amós, ou cominando-lhe que se saia da corte e fuja dela, o motivo que alega para isso é que a casa e palácio real é a santificação do rei. E por quê? Não pudera melhor definir um adulator o que é palácio. E o palácio, na definição dos aduladores, a santificação do rei, porque ali são santificados os reis e todas as suas ações; e quanto o rei faz, ordena, deseja ou imagina, tudo é santo. Se Jeroboão se divide de Roboão, seu legítimo senhor, ainda que seja rebelião, santo. Se proíbe ao povo que apareça no Templo de Jerusalém três vezes no ano, ainda que seja contra a lei expressa de Deus, santo. Se levanta altares aos bezerros de ouro, e os manda adorar, ainda que seja manifesta e pública idolatria, santo. — E por que tu, Amós — dizia Amasias — aconselhas outra coisa ao rei, contra o que todos seus criados lhe aprovamos, e não queres ajuntar tua voz com as nossas, dizendo também conosco: santo, santo, santo — não só não hás de entrar mais em palácio, mas sair logo da corte e de todo o reino: *Gradere, et fuge in terram Juda, et in Bethel non adjicies ultra ut prophetes*.

263. Tal é a sagacidade dos aduladores e sua potência. E tão tiranizadas andam entre eles as mesmas majestades aduladas, que não só lhes não dizem a verdade, nem querem que outros lha digam, mas afastam e lançam muito longe da corte a todos os que lha podem dizer. Não é isto manifesta tirania? Biantes, um dos sete sábios da Grécia, perguntado qual era o animal mais venenoso, respondeu que, dos bravos, o tirano, dos mansos, o adulator. Em chamar veneno à adulação acertou-lhe o nome; mas em distinguir o tirano do adulator não disse bem, porque todo o adulator é tirano. O maior tirano que houve no mundo foi Herodes; mas os seus aduladores ainda foram maiores tiranos, porque o rei foi tirano dos vassallos, e os aduladores foram tiranos do rei. O texto de Miquéias, que lhe explicaram acerca do nascimento do novo rei, fala expressamente de dois nascimentos do Messias, um temporal, como homem, e outro eterno, como Deus: o temporal, como homem: *Ex te enim exiet dux qui regat populum meum*<sup>28</sup>; o eterno, como Deus: *Et egressus ejus ab initio, a diebus aeternitatis*<sup>29</sup>. E os aduladores, que fizeram? Calaram totalmente o segundo nascimento, e só fizeram menção do primeiro, com que, enganado Herodes, e supondo que o nascido em Belém era somente homem, e não Deus, entendeu que o podia matar, e assim deliberou a morte dos inocentes. Mas qual foi o motivo deste engano? O que os aduladores têm em todos os seus, que é o próprio interesse. Divinamente São João Crisóstomo: *In adulationem profecto regis, ut ad humanae gratiae lucrum veritatis damna proficerent*. Sendo a matéria tão grave, e a mais grave que podia haver, pois envolvia a coroa e a salvação, não duvidaram, contudo, os aduladores de mentir e lisonjear ao rei, para que os danos da verdade fossem lucros do interesse: *Ut ad humanae gratiae lucrum damna veritatis proficerent*. Tão certa é a proposição do nosso assunto, e tão verdadeira e sólida a razão fundamental dele, que todos os que em palácio são amigos do seu interesse, são inimigos do rei: *Inimicos vestros*.

## §IX

---

aconteça mais profetizar em Betel, porque aqui é a religião do rei e o assento do seu estado (Am. 7,12 s).

<sup>28</sup> Porque de ti sairá o condutor que há de comandar o meu povo (Mt. 2,6).

<sup>29</sup> Cujá geração é desde o princípio, desde os dias da eternidade (Miq. 5,2)

*Sermão sem peroração. Inectiva contra el-rei Davi pelo modo tão alheio com que ele tratava aos adutores seus inimigos. Resposta de Davi ao pregador: Ulisses, o primeiro fundador da corte de Lisboa, exemplo de como se devem comportar os reis com os adutores.*

264. Suposto, pois, que os adutores são inimigos dos reis, como todos os outros cristãos têm também obrigação de amar a seus inimigos e fazer-lhes bem, seguia-se agora exortar os príncipes a este amor e beneficência: *Diligite inimicos vestros, et benefacite his qui oderunt vos*. Mas este meu sermão hoje será a primeira oração evangélica que, contra todas as leis da retórica, acabará sem peroração. Se a cristandade de todos os príncipes católicos na observância deste preceito de Cristo é tão comum, geralmente, e tão notória, que sendo os adutores de palácio os seus maiores inimigos, esses são os maiores validos, os mais favorecidos e os mais amados conforme o *diligite*, e esses os mais cheios de honras, mercês e benefícios, conforme o *benefacite*, nenhum lugar nos fica para a peroração do discurso, pois os mesmos exemplos deste amor e beneficência real excedem todos os limites da eficácia a que se podia estender a exortação. Assim víramos estimados, premiados e satisfeitos os que não servem à sombra de telhados de ouro nem ao calor de braseiros de prata, senão ao sol e ao frio, lidando com as ondas e com as balas.

265. Uma só inectiva me ocorria para poder acabar o sermão, mas essa contra el-rei Davi, estranhando-lhe e repreendendo muito o modo tão alheio desta caridade com que ele tratava aos adutores seus inimigos. No Salmo sessenta e nove diz Davi estas palavras, ou as torna a repetir, porque já tinha dito as mesmas no Salmo trinta e nove: *Avertantur retrorsum, et erubescant, qui volunt mihi mala; avertantur statim erubescences, qui dicunt mihi; Euge, euge*<sup>30</sup>! Primeiro que tudo se deve advertir, em confirmação do que fica dito, que aqueles *qui dicunt mihi: Euge, euge* são os mesmos *qui volunt mihi mala*, porque adular é querer mal, e ser adutor é ser inimigo, e quantos são os *euges* que vos dizem, tantos são os males que vos querem. E a estes adutores, que Davi reconhecia por seus inimigos, que é o que lhes fazia ou resolvia fazer como rei? Quatro coisas. Primeira, que experimentassem a grande aversão que lhes tinha: *Avertantur, avertantur*. Segunda, que logo saíssem de sua casa, e não aparecessem mais em sua presença: *Avertantur statim*. Terceira, que não fossem adiantados em nada, senão abatidos e atrasados: *Avertantur retrorsum*. Quarta e última, que pois se não envergonharam de ser adutores, padecessem a vergonha de ser conhecidos publicamente e tratados como tais: *Avertantur et erubescant; avertantur statim erubescences*. — Isto é, Davi, o que vós fazíeis aos adutores, vossos inimigos como rei; mas não é isto o que lhes devíeis fazer como profeta, que tão clara luz tivestes do Evangelho de Cristo. Pois, se Cristo vos manda que ameis a vossos inimigos: *Diligite inimicos vestros* — como vós os aborreceis tanto que os não podeis ver, e os lançais de vossa casa e de vossa presença? E se Cristo vos manda que lhes façais bem: *Et benefacite his qui odunt vos* — como vós lhes fazeis tanto mal que os afrontais e envergonhais, não secretamente, mas com infâmia pública, que para homens que tiveram tantos postos, é o maior vitupério?

266. Responde Davi, e a inectiva que eu fazia contra ele, revolta ele contra mim. — E tu, pregador, és filósofo e teólogo, e ainda não sabes a definição do amor? *Amare est*

<sup>30</sup> Voltem-se atrás e sejam envergonhados os que me desejam males. Voltem-se logo, cheios de confusão os que me dizem: Bem, bem (Sl. 69, 4)!

*valle bonum alicui*: Amar é querer bem àquele a quem se ama. — E que maior bem posso eu querer a um adulator, que fazer que não continue em tão vil exercício? E que maior benefício pode esperar de mim um amigo do seu interesse, e inimigo da verdade, que tirá-lo da ocasião de fazer traições à mesma verdade e a vender infamemente pelo interesse? Se eles, adulando-me, são meus inimigos, maiores inimigos são de si mesmos, e eu quero que cessem deste ódio que se têm, tanto maior quanto menos conhecido. E se, adulando-me, podem fazer mal ao meu governo e à minha coroa, muito maior é o mal que se fazem às suas consciências e às suas almas, e eu quero que desistam deste grande mal contra seu gosto, pois o não hão de fazer por vontade. Se Assuero, depois que conheceu a cobiça e falso amor de Amã, o lançara de sua graça e de sua casa, não chegara ele a ser tão mofino, que viesse a morrer em um pau; e o que aquele rei não soube fazer a tempo a seus adultores, faço eu logo aos meus, sem o dissimular, porque os amo e lhes desejo o verdadeiro bem, e quero observar neles o preceito de Cristo: *Diligite inimicos vestros, et benefacite his qui oderunt vos*. — Deste modo rebateu Davi a minha invectiva, e, ajuntando eu ao exemplo que me alegou de Amã, o de Sejano em Roma, o de Olivato em França, o de Wolsey em Inglaterra, o de Álvaro de Luna em Espanha, e os da antiga e fresca memória no nosso Portugal, conheci a verdade sobre-humana da razão de Davi, e fiquei convencido dela.

267. Mas, porque eu em todo este sermão só professei e protestei referir, e não ajuizar, posto finalmente agora entre dois extremos tão contrários, como o de el-rei Davi e o dos outros reis, acabarei com o exemplo do primeiro fundador da nossa corte, o qual, entre um e outro extremo, tomou um tal meio de composição, que, parece, satisfaz a ambos. E que meio foi este? Ouvir os adultores, mas não se mover por eles. S. Pedro Damiano e outros santos comparam os adultores às sereias, as quais com a suavidade das suas vozes de tal modo encantavam os navegantes, que voluntariamente se lançavam e precipitavam às ondas, e se afogavam no mar em que elas viviam. Houve de passar por este mesmo mar — que era junto a Sila e Caribdes, — o fundador de Lisboa, Ulisses, e, usando da sua ciência e sagacidade, que fez? Navegava em uma formosa galé da Grécia, e para que a chusma não faltasse à voga dos remos, nem a outra gente náutica à mareação das velas, e todos escapassem do encanto das sereias, tampou-lhes a todos os ouvidos, de tal sorte que as não ouvissem. Ele, porém, para que pudesse ouvir as vozes, deixou os ouvidos abertos, e para não padecer os efeitos do encanto, nem se precipitar ao mar, como acontecia a todos, mandou-se atar ao mastro tão fortemente, que, ainda que quisesse, não se pudesse bulir nem mover. Esta é a história ou fábula engenhosamente fingida por Homero para ensinar que os varões sábios e constantes, como Ulisses, ainda que ouçam os adultores e o contraponto doce das suas lisonjas, nem por isso se hão de deixar vencer de seus enganos e artificios, mas persistir e continuar a derrota certa, sem mudar, deter nem torcer a carreira do bom governo. Assim o pudera fazer também quem tanto confiar ou presumir de sua constância, e não conhecer que isto mesmo, ainda somente dito, é fábula. Mas, se eu tivera autoridade para emendar a Homero, e confiança para aconselhar a Ulisses, não o havia de querer com os ouvidos abertos e as mãos atadas, senão com os ouvidos tapados e as mãos soltas, porque, com os ouvidos tapados não daria entrada à adulação, e com as mãos soltas seriam todas as ações suas, e, como suas, verdadeiramente reais. Deste modo se conquista no mundo a fama imortal, e se assegura também no céu a glória eterna.

SERMÃO DE SANTA TERESA

NO COLÉGIO DA COMPANHIA DE JESUS DA ILHA DE S. MIGUEL\*, HAVENDO  
 ESCAPADO O AUTOR DE UM TERRÍVEL NAUFRÁGIO, E APORTADO ÀQUELA  
 ILHA.

*Quinque autem ex eis erant fatuae, et quinque prudentes<sup>1</sup>.*

§I

*Quantas vezes os que parecem acasos foram conselhos altíssimos da Providência divina! Compara-se o autor a São Paulo lançado pelas ondas à ilha de Malta, e a Jonas, vomitado pela baleia às praias de Nínive. Razões do sucesso da pregação de Jonas. Oração a Santa Teresa.*

268. Quantas vezes os que pareceram acasos foram conselhos altíssimos da providência divina! Acaso parece que estava Cristo encostado sobre o poço de Sicar, e era conselho da Providência divina, porque havia de chegar ali uma mulher — a Samaritana — que se havia de converter. Acaso parece que entrava Cristo pela cidade de Naim, e era conselho da providência divina, porque havia de sair dali um moço defunto, que havia de ressuscitar. Acaso parece que passeava Cristo pelas praias do Mar de Galiléia, e era conselho da Providência divina, porque havia de chamar dali a dois pescadores, que, deixadas as redes e o mundo, o haviam de seguir. Parece-me, senhores, que me tenho explicado. Acaso, e bem acaso, aportei às praias desta ilha; acaso e bem acaso entrei pelas portas desta cidade; acaso e bem acaso me vejo hoje neste púlpito, que é verdadeiramente o poço de Sicar, onde se bebem as águas da verdadeira doutrina. E quem me disse a mim nem a vós se debaixo destes acasos se oculta algum grande conselho da Providência divina? Quem nos disse se haverá nesta Naim algum mancebo morto no seu pecado, que por este meio haja de ressuscitar? Quem nos disse se haverá nesta Samaria alguma mulher de vida perdida, que por este meio se haja de converter? Quem nos disse se haverá nesta Galiléia algum Pedro ou algum André, engolfados no mar deste mundo, que por este meio haja de deixar as redes e os enredos? Bem vejo que a força dos ventos e a violência das tempestades foi a que me trouxe a estas ilhas, ou me lançou e arremessou nelas. Mas quem pode tolher ao autor da graça e da natureza, que obre os efeitos de uma pelos instrumentos da outra, e que com os mesmos ventos e tempestades faça naufragar os remédios para socorrer os perigos? Obrigado da tempestade e do naufrágio chegou S. Paulo à Ilha de Malta, e do que ali então pregou o apóstolo, tiveram princípio aquelas religiosas luzes com que hoje se alumia e se defende a Igreja. Bem conheço quão falto estou da eloquência, e muito mais do espírito de São Paulo; mas na ocasião e nas circunstâncias presentes, ninguém me pudera negar uma grande parte de pregador, que é chegar a esta ilha vomitado das ondas.

269. Uma das coisas mais admiráveis, ou a mais admirável de todas as que se lêem em matéria de pregação, é o grande e universal fruto que fez a do profeta Jonas em Nínive.

---

\* Ilha de S. Miguel: uma das nove ilhas do arquipélago português dos Açores, muitas vezes abalada por fenômenos sísmicos.

<sup>1</sup> Mas cinco dentre elas eram loucas, e cinco prudentes (Mt. 25,2).

As maldades da cidade eram as mais enormes, o povo gentílico e sem fé, o pregador estrangeiro e não conhecido, o sermão brevíssimo, desarmado e seco, sem prova de razão nem de Escritura, e, contudo, que este sermão e este pregador convertesse o rei e a corte, e a populossíssima cidade a uma penitência tão geral, tão extraordinária, tão pública? Mas era Jonas um pregador vomitado pelas ondas. Pregava nele a tempestade, pregava nele a baleia, pregava nele o perigo, pregava nele o assombro, pregava nele a mesma morte, de que duas vezes escapara. Por certo que não foi tão grande a tempestade de Jonas como a em que eu e os companheiros nos vimos. O navio virado no meio do mar, e nós fora dele, pegados ao costado, chamando a gritos pela misericórdia de Deus e de sua Mãe. Não apareceu ali baleia que nos tragasse, mas apareceu — não menos prodigiosamente naquele ponto — um desses monstros marinhos que andam infestando estes mares. Ele nos trouxe, e nos vomitou depois em terra. Vomitado assim em terra Jonas, o tema que tomou foi: *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur* (Jon. 3, 4): Daqui a quarenta dias se há de soverter Nínive. — Em terra onde os terremotos são tão contínuos e tão horrendos; em terra onde os montes são vivos, e comem e se sustentam de suas próprias entranhas, e estão lançando de si os incêndios a rios; em terra onde o fogo é mais poderoso que o mesmo mar oceano, e levanta no meio dele ilhas e desfaz ilhas; em terra onde povoações inteiras em um momento se viram arruinadas e sovertidas, que tema mais a propósito que o de Jonas: *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur?* Se Nínive se sovertesse, seria milagre e castigo, mas, se se sovertesse — o que Deus não permitirá — esta cidade, podia ser castigo sem milagre. Supostas todas estas circunstâncias, mui a propósito vinha o tema ao pregador e ao lugar; mas é o dia mui de festa para assunto tão triste e tão funesto.

270. Gloriosa Teresa, terra onde vósestais e onde a devoção dos moradores tanto vos venera, segura pode estar de ser sovertida. Convertida, sim; sovertida, não. Por meio de Jonas converteu Deus a Nínive, e era Jonas tão imperfeito naquele tempo, que desobedecia a Deus e fugia dele. Mas tanto pode a força da graça! Quando vós, santa, vivíeis na terra, o maior emprego de vossas orações era encomendar os pregadores a Deus, para que convertessem e levassem a ele muitas almas, como vós levastes tantas. Oh! quem merecera nesta hora um raio da vossa luz e um assopro do vosso espírito! Não é menor hoje a vossa caridade, nem menos poderosa a vossa valia. Intercedei, gloriosa virgem, com a virgem e Mãe de vosso Esposo, para que me alcance do seu esta graça. Bem sabeis, santa, que graça é a que eu desejo: não aquela graça que faz soar bem as palavras nos ouvidos, não aquela graça que deleita e suspende os entendimentos, senão aquela graça que acende as vontades, aquela graça que abranda, que rende, que fere, que inflama os corações. Desta graça nos alcançai da Virgem Santíssima quanta ela vê que há mister a dureza de nossas almas e a frieza da minha. *Ave Maria*.

## §II

*Determina o autor pregar com os olhos no céu, com os olhos na terra e com os olhos no Evangelho, e escolhe como matéria do sermão provar que as virgens prudentes, comparadas com Santa Teresa, foram néscias, e que as virgens néscias, comparadas conosco, foram prudentes.*

*Quinque autem ex eis erant fatuae, et quinque prudentes* (Mt. 25,2).

271. Com os olhos no céu, com os olhos na terra e com os olhos no Evangelho

determino pregar hoje, que é o modo com que nas festas dos santos se deve pregar sempre. Deve-se pregar com os olhos no céu, para que vejamos o que havemos de imitar nos santos; deve-se pregar com os olhos na terra, para que saibamos o que havemos de emendar em nós; e deve-se pregar com os olhos no Evangelho, para que o Evangelho, como luz do céu na terra, nos encaminhe ao que havemos de emendar na terra e ao que havemos de imitar no céu. O que hoje nos põe diante dos olhos o Evangelho são dez virgens, cinco néscias e cinco prudentes, e isto é o que dizem as palavras que propus: *Quinque autem ex eis erant fatuae, et quinque prudentes*. Mas quando olho — coisa notável! — quando olho para as virgens prudentes com os olhos no céu, e quando olho para as néscias com os olhos na terra, vejo-as com os apelidos trocados. As prudentes, vistas com os olhos no céu, parecem-me néscias; e as néscias, vistas com os olhos na terra, parecem-me prudentes. Isto é o que se me afigura hoje, e esta será a matéria do sermão: que as prudentes, vistas com os olhos no céu, foram néscias, e que as néscias, vistas com os olhos na terra, foram prudentes. Mais claro: que as virgens prudentes, comparadas com Santa Teresa, foram néscias: *Quinque ex eis erant fatuae*; e que as virgens néscias comparadas conosco, foram prudentes: *Et quinque prudentes*.

### §III

*As virgens prudentes dormiram quando tinham obrigação de vigiar, e Santa Teresa vigiou quando tinha segurança para dormir: Como o Esposo veio ao ponto da meia-noite não se sabe em que dia veio. Se o Evangelho faz distinção de prudentes a néscias quando as virgens saíram, por que não faz a mesma distinção quando dormiram?*

272. A primeira coisa em que as virgens prudentes, comparadas com Santa Teresa, foram néscias, é que as virgens prudentes dormiram quando tinham obrigação de vigiar, e Santa Teresa vigiou quando tinha segurança para dormir. A obrigação que todas as virgens tinham de vigiar, declarou Cristo no fim do Evangelho, quando disse: *Vigilate, quia nescitis diem, neque horam* (Mt. 25, 13): Vigiai, porque não sabeis o dia nem a hora. — Mas, poderá alguém replicar, e não sem fundamento, que estas virgens, ainda que não sabiam a hora, ao menos sabiam o dia, porque foram convidadas para o dia das bodas. Contudo, é certo que não sabiam nem o dia nem a hora: não sabiam a hora em que havia de vir o Esposo, porque, havendo muito que esperavam, veio a meia-noite: *Media autem nocte* (Mt. 25,6); e não sabiam o dia, porque quem veio à meia-noite, se viera um pouco antes, vinha em um dia, e se viera um pouco depois, vinha em outro. E como o Esposo veio ao ponto da meia-noite, em que um dia natural acaba e o outro começa, ainda depois de vir não se sabe em que dia veio. — Não se sabe se foi no dia dantes ou no dia de depois; nem se sabe se foi em ambos os dias ou em nenhum deles, porque o ponto da meia-noite é instante, e aquele instante não é parte de nenhum dos dias, porque não é tempo. Sendo, pois, assim, que as virgens não sabiam o dia nem a hora, que contudo se descuidassem e adormecessem todas, néscias e prudentes: *Dormitaverunt omnes, et dormierunt* (Mt. 25, 5), não há dúvida que foi grande fraqueza: nas néscias foi ser o que eram, nas prudentes foi serem néscias. No mesmo Evangelho o temos.

273. Diz o Evangelho que saíram as dez virgens a receber o Esposo, e que, tardando o Esposo, adormeceram todas. Mas notai: quando diz que saíram, faz distinção de umas a outras, e diz que umas eram néscias e outras prudentes: *Quinque autem ex eis erant fatuae, et quinque prudentes*. Quando, porém, diz que adormeceram e dormiram, não faz distinção

alguma; de todas fala pela mesma linguagem: *Dormitaverunt omnes, et dormierunt*. Pois, se o Evangelho faz distinção de prudentes a néscias quando saíram, por que não faz a mesma distinção de prudentes a néscias quando dormiram? Porque quando saíram foram diferentes no cuidado, e quando dormiram foram iguais no descuido: quando saíram foram diferentes no cuidado, porque cinco levaram óleo nas redomas, e cinco não; quando dormiram foram iguais no descuido, porque umas cinco e outras cinco, nenhuma resistiu ao sono, todas dormiram. E como ao sair cinco foram cuidadosas e cinco descuidadas, por isso fala delas com distinção o evangelista, e a cinco chama néscias, e a cinco prudentes; porém, ao dormir, como todas foram descuidadas, e nenhuma houve que vigiasse, por isso fala de todas sem distinção, porque não houve entre elas néscias e prudentes: todas foram néscias.

274. Todas as dez virgens foram néscias neste caso, se bem as prudentes menos néscias que as néscias, porque as néscias dormiram sem desculpa, as prudentes podiam dizer que quem está prevenido não dorme. Nas néscias tudo dormia, nas prudentes dormiam os olhos, mas vigiavam as redomas. Enfim, as virgens prudentes comparadas com as néscias, foram prudentes, porque tiveram mais prevenção, mas, comparadas com Santa Teresa, foram néscias. Por quê? Porque elas dormiram tendo obrigação de vigiar, pois não sabiam o dia nem a hora, e Santa Teresa vigiou tendo segurança para dormir, porque sabia o dia e a hora, e ainda mais.

#### §IV

*Santa Teresa vigiou sabendo mais que o dia e mais que a hora, porque sabia quando havia de morrer e porque sabia que se havia de salvar. As duas ignorâncias do homem: a da morte e a da predestinação, as duas mais fortes colunas sobre que todo o edifício da vida cristã se sustenta. As duas ciências de Cristo e as duas ciências de Santa Teresa.*

275. Um dos maiores favores que Santa Teresa recebeu de Deus, e em que excedeu a todos ou quase todos os santos, foram dois secretos que o mesmo Senhor lhe revelou, ocultos a todos os homens: o primeiro, quando havia de morrer; o segundo, que se havia de salvar. Alguns santos tiveram revelação de sua morte; Santa Teresa teve-a de sua morte e de sua predestinação. Por isso digo que Santa Teresa vigiou sabendo mais que o dia e mais que a hora: soube o dia e a hora, porque soube quando havia de morrer, e soube mais que o dia e mais que a hora, porque soube também que, morrendo, se havia de salvar. E que sobre estas duas ciências, sobre a ciência e certeza de quando havia de morrer, e sobre a ciência e certeza de que se havia de salvar, vigiasse, contudo, Santa Teresa sem adormecer nem se descuidar um momento, antes fazendo uma vida tão rigorosa e tão maravilhosa, esta é a maior maravilha de toda a sua.

276. Todos os homens neste mundo vivemos com duas ignorâncias: a primeira da morte, a segunda da predestinação. Todos sabemos que havemos de morrer, mas ninguém sabe o quando. Todos sabemos que nos havemos de salvar ou condenar, mas ninguém sabe qual destas há de ser. E por que ordenou Deus que a morte fosse incerta e a predestinação duvidosa? Não pudera Deus fazer que soubéssemos todos quando havíamos de morrer, e se éramos ou não predestinados? Claro está que sim; mas ordenou com suma providência que estivéssemos sempre incertos e duvidosos da predestinação, para que a morte nos suspendesse sempre o temor com a incerteza, e a predestinação nos sustentasse a perseverança com a dúvida. Se os homens souberam quanto haviam de viver e quando

havia de morrer, que seria dos homens? Se eu, sabendo que posso morrer hoje, me atrevo a ofender a Deus hoje, quem soubesse que havia de viver quarenta anos, como não ofenderia confiadamente a Deus ao menos os trinta e nove? Por esta causa ordenou Deus que a morte fosse incerta, e pela mesma que a predestinação fosse duvidosa. Se os homens soubessem que eram precitos, como desesperados haviam-se de precipitar mais nas maldades; se soubessem que eram predestinados, como seguros haviam-se de descuidar na virtude; pois, para que os maus sejam menos maus, e os bons perseverem em ser bons, nem os maus saibam que são precitos, nem os bons saibam que são predestinados. Não saibamos maus que são precitos, para que não se despenhem como desesperados, nem saibam os bons que são predestinados, para que se não descuidem como seguros. De maneira que estas duas ignorâncias, a ignorância da morte e a ignorância da predestinação, são as bases do temor da morte e do temor do inferno, e estes dois temores, as duas mais fortes colunas sobre que todo o edificio da vida cristã se sustenta, para que os homens não vivessem como néscios, mas obrassem como prudentes. Porém a Santa Teresa tratou-a Deus com tal exceção, e fez da lealdade do seu amor tão diferente confiança, que em lugar destas duas ignorâncias lhe deu as duas ciências contrárias: a ciência de quando havia de morrer, e a ciência de que se havia de salvar, porque sabia que nem a ciência e certeza da hora da morte lhe havia de diminuir a vigilância, nem a ciência e segurança da salvação lhe havia de entibiar o cuidado. Saiba Teresa quando há de morrer, e saiba que se há de salvar, para que, obrando sobre estas duas ciências, saiba também o mundo quão fielmente me ama.

277. Tendo o evangelista São João escrito as ações da vida de Cristo, e passando a escrever as da sua morte e vésperas dela, diz assim: *Ante diem festum Paschae, sciens Jesus quia venit hora ejus* (Jo. 23,1): Antes do dia da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a hora de sua morte: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos* (Ibid. 1): Como tivesse amado aos seus em todo o tempo da vida, neste fim os amou mais. — Vai por diante o evangelista: *Sciens quia a Deo exivit, et ad Deum vadit* (Ibid. 3): E sabendo mais que ia para o céu e para Deus, assim como de lá tinha vindo: *Ponit vestimenta sua, et caepit lavare pedes discipulorum* (Ibid. 4): Tirou o Senhor os vestidos, e, pondo se em trajos de servo, começou a lavar os pés aos discípulos. — E assim vai continuando tudo o que o Senhor obrou naquelas horas últimas e tão cheias. De modo que, antes de São João descrever as últimas e maiores ações de Cristo, o reparo que fez e o prólogo de que usou, foi advertir e ponderar que tudo fizera o Senhor com duas ciências particulares: com ciência da hora de sua morte: *Sciens quia venit hora ejus* — e com ciência de que ia para o céu: *Sciens quia ad Deum vadit*. — Mas, com que fundamento e com que energia pondera o evangelista neste passo que obrava Cristo com estas duas ciências? Para sabermos que Cristo, enquanto Deus e enquanto homem, tinha ciência de todas as coisas presentes e de todas as futuras, não era necessário que o Evangelista no-lo advertisse. Pois, por que nota e pondera tanto neste passo que tinha Cristo ciência do dia e da hora da sua morte, e ciência de que ia e havia de ir ao céu? A razão foi porque Cristo, Senhor nosso, viveu com tanta cautela e vigilância em toda a sua vida, como se não tivera conhecimento da hora de sua morte, e preparou-se com tantas diligências e tão grandes e heróicas obras para a morte, como se não tivera conhecimento nem certeza de sua salvação. E que tendo Cristo ciência e certeza da salvação: *Sciens quia ad Deum vadit* — fizesse tantas diligências para a morte, e que tendo ciência e certeza do dia e da hora da morte: *Sciens quia venit hora ejus* — se portasse com tanta cautela e vigilância na vida? Foram umas circunstâncias de virtude e exemplo tão relevantes estas, ainda na vida e na morte do mesmo Cristo, que quis ele que as advertisse e ponderasse o evangelista, e que nós reparássemos muito nelas: *Sciens quia*

*venit hora ejus, in finem dilexit eos: Sciens quia ad Deum vadit, ponit vestimenta sua*<sup>2</sup>.

278. Ah! prudentíssima virgem Teresa, que com este dobrado *sciens*, com estas mesmas duas ciências fizestes néscias as que o Evangelho canoniza de prudentes! *Vigilate, quia nescitis diem neque horam*<sup>3</sup>. Elas, não sabendo o dia nem a hora, dormiram; vós, sabendo mais que o dia e mais que a hora, vigiastes. As duas ciências que Cristo tinha por natureza e por graça, tinha Santa Teresa por revelação. Sabia por revelação o dia e a hora de sua morte: *Sciens quia venit hora ejus*; sabia por revelação que se havia de salvar e gozar de Deus: *Sciens quia ad Deum vadit*; e vivia com tanta vigilância sobre suas ações, como se o não soubera, antes receara muito o contrário. Sabia que lhe havia de durar ainda a vida muitos anos, e vivia com tanta cautela como se temera morrer naquele dia. Sabia que era predestinada e que se havia de salvar, e preparava-se com tão extraordinárias obras para a morte como se duvidara muito de sua salvação. Enfim, obraram em Teresa estas duas ciências o que não chegam a obrar em nenhum homem aquelas duas ignorâncias, não tendo a esposa de Cristo outro paralelo das finezas de seu amor neste caso mais que as da próprio Esposo.

279. Se Cristo fora um homem como nós, e não soubera quanto lhe havia de durar a vida nem se havia de ir ao céu depois da morte, que na vida fizesse o que fez, e antes da morte se dispusesse como se dispôs, menos admiração fora; mas que tendo os anos e dias da vida sabidos, e o céu certo e seguro, que desde o princípio da vida se dedicasse a tais extremos de pobreza, de humildade, de sujeição, de perseguições, de trabalhos, e que antes da morte — com maior e mais estupendo exemplo — dispa os vestidos, lave os pés aos discípulos, ore com tanta eficácia no Horto, emudeça as injúrias, sofra os açoites e espinhos, peça perdão pelos inimigos, e encomende sua alma nas mãos do Padre com vozes e com lágrimas? Grande circunstância, e de grande valor e admiração nas obras de Cristo!

280. Vede agora se será também grande nas de Teresa. Que comece Teresa desde menina, juntamente com o uso da razão o uso da penitência e das virtudes, e que, sabendo quando há de morrer e que lhe restam muitos anos de vida, não afrouxe um momento, antes acrescente rigores? Que comece Teresa a fazer por sua salvação mais que fizeram os maiores santos, e que, sabendo de certo que é predestinada e que se há de salvar, se ponha a retratar suas ações na melhor e maior idade da vida pelas que Cristo obrou nas vésperas da morte? Que, tendo o céu seguro, despisse os vestidos, não do mundo, mas da religião moderada, e descalçasse os pés, e se vestisse das primitivas asperezas de Elias? Que, tendo o céu seguro, se retirasse totalmente do trato humano, e gastasse não uma, não duas e três horas, senão toda a vida em oração e união com Deus tão alta? Que, tendo o céu seguro, se disciplinasse com cadeias de ferro, e dos espinhos de que seu Esposo formou a coroa, tecesse ela cilícios? Que, tendo o céu seguro, não falasse nem respondesse uma palavra contra os que tão gravemente a infamaram e perseguiram? Que, tendo o céu seguro, não só perdoasse a seus inimigos, mas orasse eficazmente por eles a Deus e lhes alcançasse mercês? E que, tendo o céu seguro, chorasse os pecados que não tinha, como se fosse a maior pecadora?

281. Até aqui, Teresa, as imitações de vosso Esposo. Não sei se passe daqui, mas quero passar, pois ele quis que vós passásseis. Que tenha Teresa o céu seguro, e que quando mais a apertavam as dores terríveis de suas enfermidades, pedisse a Deus lhas dilatasse até

<sup>2</sup> Sabendo que era chegada a sua hora, amou-os até ao fim: Sabendo que ia para Deus, depôs suas vestiduras (Jo. 13,1,3 s).

<sup>3</sup> Vigiai, porque não sabeis o dia nem a hora (Mt. 25,3).

o fim do mundo? Que tenha Teresa o céu seguro, e que viva com tanto escrúpulo e delicadeza de consciência, que não cometesse nem um pecado venial com advertência? Que tenha Teresa o céu seguro, e que diga a Deus: *Aut pati, aut mori*: Senhor, ou padecer ou morrer — estimando mais a vida com tormentos que a mesma glória a que havia de subir morrendo? Finalmente, que tenha Teresa o céu seguro, e que se vá livremente a padecer as penas do inferno em vida, porque as não havia de padecer depois da morte? Esta circunstância é, gloriosa Teresa, a que faz singulares vossas vitórias, ainda aquelas em que outros santos se pareceram convosco. Eles obraram, e vós obrastes; mas eles, como nós, incertos da morte; vós, como Cristo, com certeza da vida. Eles, como nós, como céu duvidoso; vós, como Cristo, com o céu seguro. Eles, como nós, entre o temor da morte e do inferno; vós, como Cristo, livre e superior a todos os temores.

### §V

*A mais qualificada façanha que neste mundo se fez por Deus foi a de Abraão, e como toda a resolução de tirar Abraão a vida a seu filho foi por temor de não ofender a Deus e se condenar, por isso Deus não disse: Agora conheci, Abraão, que me amas, senão, que me temes. Santa Teresa amou a Deus com um atributo menos. Os dois notáveis cânones de Epicuro. Para Teresa amar mais perfeitamente a Deus, e para Deus ser mais perfeitamente amado, Deus despiu-se do atributo da justiça, e Teresa da virtude do temor.*

282. Toda a santidade e toda a virtude deste mundo, bem considerada, é temor. A maior e mais qualificada façanha que neste mundo se fez por Deus foi a de Abraão. Leva Abraão seu filho Isac ao monte, ata-o sobre a lenha do sacrifício, tira pela espada para lhe cortar a cabeça; manda-lhe Deus suspender o golpe, e diz estas palavras: *Nunc cognovi quod times Deum* (Gên. 22, 12): Agora conheço, Abraão, que temes a Deus. — Que temes a Deus? Pois, como assim? Quando Abraão por amor de Deus sacrifica seu próprio filho, quando Abraão por amor de Deus corta as esperanças de sua casa, quando Abraão por amor de Deus mata a seu mesmo amor, parece que então havia de dizer Deus: Agora, Abraão, conheci que me amas. Mas: agora conheci que me temes? Sim, porque, bem considerada aquela façanha de Abraão, e vista por dentro, como Deus a via, teve mais de temor que de amor. Bem via Abraão que matar a Isac era matar-se a si mesmo, mas via também que se o não matava, desobedecia, que se desobedecia, ofendia a Deus, que se ofendia a Deus, condenava-se, e este temor de se não condenar o pai, foi o que pôs a espada na garganta ao filho. Quando o pai e o filho iam caminhando para o sacrifício, diz o texto que levava Abraão em uma mão a espada, e na outra o fogo: *Ipse vero portabat in manibus ignem et gladium* (Gên. 22,6). Oh! que bons dois espelhos para aquela ocasião! Na mão da espada ia a morte do filho; na mão do fogo ia o inferno do pai. Se obedeces, hás de matar; se desobedeces, hás de arder. O amor via-se ao espelho da espada, o temor via-se ao espelho do fogo. — É possível, pai, que hás de matar o teu filho único e amado? E que a vida e o sangue que lhe deste a hás de derramar com tuas próprias mãos? Não há de ser assim: viva Isac, e caia rendido o braço da espada. Mas, se não morrer Isac — replicava o temor — se Isac sacrificado se não abrasa neste fogo, há de ir Abraão, por desobediente, arder no do inferno. Ou arder Abraão, ou morrer Isac. Oh! que cruel dilema para um pai! Mas, passar a espada pela garganta de Isac, é um momento — instava o temor — e arder Abraão no inferno, é uma eternidade: pois, padeça um instante o filho, para que não pene eternamente

o pai. Torne-se a levantar o braço da espada; e já ia descarregando resolutamente o golpe, mas acudiu Deus. E como toda esta resolução de tirar Abraão a vida a seu filho foi por temor de não ofender a Deus e se condenar, por isso Deus não disse: — Agora conheci, Abraão, que me amas, senão, agora conheci que me temes: *Nunc cognovi quod times Deum*.

283. Tal foi o sacrifício celebradíssimo de Abraão, e tais são ordinariamente quase todos os sacrifícios dos homens, ainda os mais celebrados. Chegadas aos olhos de Deus, as maiores finezas vêm a ser temor. Não assim os sacrifícios de Teresa. Como sabia de certo que era predestinada, como estava segura que se não havia de condenar, era santa sem temor de Deus. E que, não temendo a Deus, ou não tendo que temer em Deus, fosse tão tímida que nem um pecado venial cometesse com advertência, e que não temendo a Deus, ou não tendo que temer em Deus, fosse tão temente a Deus que lhe pedisse muitas vezes antes o inferno que ofendê-lo? Este foi o subir mais alto da perfeição, este foi o adelgaçar mais fino do amor de Teresa.

284. Os outros grandes amadores de Deus amam a Deus com todos seus atributos: Santa Teresa amou a Deus com um atributo menos. Revelando Deus a Santa Teresa que era predestinada e que se havia de salvar, ficou Deus para com Teresa como se não tiver a justiça, porque, suposto o decreto da predestinação, nem a justiça divina a havia de condenar, nem podia. E amar a Deus com o atributo da justiça menos, é o mais a que podia chegar a fineza e fidalguia do amor. Por todos seus atributos deve Deus ser amado. Deve ser amado por sua onipotência, porque nos criou, e por sua bondade, porque nos remiu; deve ser amado por sua sabedoria, porque nos governa, e por sua providência, porque nos sustenta; deve ser amado por sua liberalidade, porque nos há de premiar, e por sua formosura, porque o havemos de ver. E com isto ser assim, por nenhum atributo é Deus mais amado que pelo da sua justiça. Se em Deus não houver a justiça, e se na outra vida não houvera inferno, que poucos haveria que amassem a Deus? Epicuro, aquele grande sectário da gentildade, fez dois cânones notáveis na sua seita. O primeiro, que a bem-aventurança consistia nas delícias desta vida; o segundo, que em Deus não havia justiça. Ambos estes cânones foram errados, e ambos são heréticos. Mas, suposto o erro do primeiro, esteve posto com grande juízo o segundo. Pôs a bem-aventurança nas delícias deste mundo, e logo negou o atributo da justiça a Deus, porque mal podia ter por glória os gostos desta vida quem tivesse por fé que podia ser por eles condenado na outra. Daqui infiro eu que há cristãos mais que epicuros. Que tenha por glória as delícias desta vida quem tem por fé que não há justiça que o condene na outra, erro é, mas erro com alguma desculpa; porém, que creia eu de fé que Deus tem justiça, e que me há de castigar e condenar na outra vida, e que, contudo, tenha por glória as delícias e os gostos desta? Vede se pode ter alguma desculpa tão grande cegueira e tão bárbara.

285. Ora, isto que Epicuro teve por fé, teve Teresa por privilégio. Epicuro fingiu a Deus sem atributo de justiça, e Deus, revelando a Teresa que a não havia de condenar, pôs-se para com ela no mesmo estado, como se a não tivera. Mas, que diferentes conseqüências foram as de Teresa? Epicuro, tanto que considerou a Deus sem justiça, teve por delícias e por glória ofender a Deus, e Teresa, tanto que viu a Deus sem justiça, então teve por glória só amá-lo e querer antes mil infernos que ofendê-lo. Oh! que grande documento se pode tirar daqui para amar e para temer a Deus! Quando quisermos temer a Deus, havemos de lhe tirar um atributo, e quando o quisermos amar, havemos-lhe de tirar outro: temer a Deus como se não tivera misericórdia, amar a Deus como se não tivera justiça. Assim amava Teresa, mas não temia assim, porque não tinha que temer. Para Teresa amar mais perfeitamente a Deus, e para Deus ser mais perfeitamente amado, Deus — digamo-lo assim

— despiu-se de um atributo, e Teresa de uma virtude. Deus pôs de parte o atributo da justiça, Teresa pôs de parte a virtude do temor; e como Deus esteve com menos este atributo, e Teresa com menos esta virtude, nestes dois menos consistiu a perfeição de mais amar e de ser mais amado: em Deus a perfeição de ser mais amado, porque foi amado sem ser temido; em Teresa a perfeição de mais amar, porque amou sem temer. E que tendo Teresa tão longe de si as causas de temer, se vissem nela tão em seu ponto os efeitos do temor? O cuidado, a cautela, a vigilância; tão solícita, tão ansiosa, tão diligente; sem divertir, sem afrouxar, sem adormecer, por isso disse e torno a dizer que as prudentes do Evangelho, em sua comparação foram néscias: elas, tendo tanta obrigação de vigiar, dormiram: *Dormitaverunt omnes, et dormierunt*; Teresa, tendo tanta segurança para dormir, sempre vigiou: *Vigilate, quia nescitis diem, neque horam*.

## §VI

*As virgens prudentes, em matéria de salvação, quiseram só o que basta, e Santa Teresa quis mais do que sobeja. Em matéria de salvação, o que basta não basta: há de ser mais que bastante para bastar porque só basta o que sobeja. O desejo do profeta Balaão. Por que as virgens, tanto as néscias como as prudentes, deixaram gastar o óleo das redomas de balde tantas horas? Mais se deve a vitória de Davi sobre o gigante às quatro pedras do surrão que à da funda.*

286. A segunda coisa em que as virgens prudentes, comparadas com Santa Teresa, foram néscias, é que as prudentes em matéria de salvação quiseram só o que basta, e Santa Teresa quis mais do que sobeja. Achando as virgens néscias que se lhes apagavam as lâmpadas, chegaram-se às prudentes a pedir que lhes quisessem dar o óleo que traziam prevenido: *Date nobis de oleo vestro*<sup>4</sup>. Responderam as prudentes que o fossem antes comprar, que podia suceder que não bastasse para umas e mais para as outras: *Ne forte non sufficiat nobis et vobis*<sup>5</sup>. Isto responderam as prudentes, e nisto digo eu que se mostraram néscias. Néscias? Antes parece que prudentes, e prudentíssimas. Se eu dissera que se mostraram avarentas, se eu dissera que se mostraram ruins amigas, se eu dissera que se mostraram cruéis, ou, quando menos, pouco piedosas, censura é esta que outros dão às prudentes neste caso. Mas néscias, quando em matéria tão importante não querem dar o que duvidam se lhes bastaria ou não bastaria? Sim, e por isso mesmo, porque duvidaram se bastaria ou não bastaria, quando haviam de duvidar se sobejaria ou não sobejaria, porque em matéria de salvação, só o que sobeja é bastante: o que basta não basta. Bem vejo que haveis de ter esta minha proposição por paradoxal, e tomara eu muito que não fora tão verdadeira como é. Torno a dizer, cristãos, que, em matéria de salvação, só o que sobeja é bastante: o que basta não basta. Vá em todo o rigor da Teologia. É certo que ninguém se pode salvar sem auxílio de Deus; é certo que os auxílios de Deus uns são suficientes, outros eficazes; é certo que só com os auxílios suficientes, enquanto se lhes não junta a eficácia, ninguém se salvou nunca, nem se há de salvar. Argumento agora assim: os auxílios suficientes chamam-se suficientes porque bastam para um homem obrar bem, e se salvar. Pois, se são suficientes, se são bastantes, se bastam, como se não salva nem há de salvar ninguém com eles, enquanto somente tais? Por isso mesmo. Porque são somente bastantes,

<sup>4</sup> Dai-nos do vosso azeite (Mt. 25,8).

<sup>5</sup> Para que não suceda talvez faltar-nos ele a nós e a vós (Mt. 25,9).

e em matéria de salvação o que basta não basta. Há de ser mais que bastante para bastar, porque só basta o que sobeja.

287. Nas obras é o mesmo que nos auxílios — que são as duas coisas da parte de Deus e da nossa, sem as quais não pode haver salvação. — E se não, respondi-me e dai-me a razão por que se perde e se condena tanto mundo, sendo tantos os que têm a verdadeira fé de Deus, e o conhecem e a professam? A razão é — e julgue-o cada um em si — porque na matéria da nossa salvação nos contentamos só com o que basta, e nesta matéria o que basta não é bastante. Para um homem se salvar basta morrer bem. E para morrer bem é necessário mais alguma coisa? É necessário viver bem. Logo, para um homem em matéria de salvação ter o que basta, é-lhe necessário muito mais do que basta, porque para se salvar é-lhe necessário morrer bem, que é muito, e para morrer bem é-lhe necessário viver bem, que é muito mais. Mas porque nós queremos o morrer bem sem o viver bem, porque queremos o que basta sem o que o faz bastar, por isso nos perdemos e nos condenamos. Desejamos os cristãos salvar-nos assim, nem mais nem menos como o desejava o profeta Balaão: *Moriatur anima mea morte justorum* (Núm. 23, 10): Oh! morra a minha alma — dizia Balaão — como morrem as dos justos. — Cala, néscio, diz Santo Agostinho. Não há de dizer: Morra a minha alma como a dos justos, senão: Viva a minha alma como as dos justos, porque a regra da morte é a vida. Quem vive bem, morre bem; quem vive mal, morre mal. E viver mal, como tu vives, e depois morrer bem, como tu queres, é impossível. Donde se segue que o morrer bem, que é o que basta para a salvação, não basta: basta, porque quem morre bem salva-se; não basta, porque para morrer bem é necessário viver bem. Tudo temos na parábola do Evangelho.

288. Perderam-se as cinco virgens néscias, e ficaram fora das bodas porque lhes faltou o óleo. E por que lhes faltou? Porque o óleo que bastava não bastou. Ora, vede se está bem argüido. Quando à meia-noite se deu rebate às virgens que vinha o Esposo, acordaram todas e acharam as néscias que as suas lâmpadas se iam apagando: *Quia lampades nostre extinguuntur*<sup>6</sup>; e iam-se apagando as lâmpadas porque estiveram ardendo até a meia-noite, enquanto elas dormiram. Pois, vinde cá, mulheres: assim vós, que de néscias tendes o nome, como vós que o tendes de prudentes, por que deixastes gastar o vosso óleo debalde tantas horas? Enquanto não vinha o Esposo, bastava que estivesse acesa uma lâmpada, donde depois se acendessem as demais. Assim como nos olhos de uma sentinela vigia todo o exército, assim na brasa de um morrão estão acesas todas as armas. Isto mesmo me parece a mim que deviam fazer as virgens enquanto esperavam pelo Esposo, principalmente tendo elas sentinela ao largo, ou trazendo ele corredores diante, que foram os que bradaram: *Clamor factus est: Ecce sponsus venit*<sup>7</sup>. Podiam ter uma lâmpada acesa e as nove apagadas, com que se poupava muito óleo. E quando o não fizessem as cinco, que o tinham de sobejo nas redomas, deviam-no fazer as outras cinco, que não tinham essa prevenção, porque depois ninguém lhes podia negar o fogo para acender as lâmpadas apagadas, assim como lhes negaram o óleo para prover as vazias. Pois, se por esta via se poupava o óleo e se escusavam todas as outras prevenções, por que o não fizeram assim nem as néscias nem as prudentes, antes tiveram as lâmpadas acesas toda a noite? Sabeis por quê? Porque o lume daquelas lâmpadas, como dizem todos os doutores, é a graça de Deus, e o óleo são as obras nossas, com que nos havemos de salvar, e as lâmpadas de nossa salvação, se não estão acesas antes de vir o Esposo, quando vem o Esposo não se

<sup>6</sup> Porque as nossas lâmpadas se apagam (Mt. 25,8).

<sup>7</sup> Ouvia-se um grito: Eis aí vem o esposo (Mt. 25,6).

podem acender. As lâmpadas do fogo material podem-se acender umas com o fogo das outras, e podem-se acender naquele ponto, estando apagadas até então; porém, as lâmpadas da graça e da salvação não ardem com o fogo alheio, senão com o próprio, e se não estão e perseveram acesas de antes, não se podem acender depois. Cuidar alguém que há de ter a lâmpada apagada toda a noite, e que a há de acender quando vier o Esposo, cuidar alguém que há de estar em pecado toda a vida, e que se há de pôr em graça na hora da morte, é engano do demônio, e injúria que se faz à justiça e à misericórdia de Deus. É verdade que para um homem se salvar basta que Deus o ache em graça na hora da morte; mas para estar em graça na hora da morte não basta buscá-la naquela hora; é necessário tê-la na vida. De maneira que para a salvação basta a graça da morte e sobeja a graça da vida: mas para a graça da morte, que basta, é necessário a da vida, que sobeja. O óleo que tinham as virgens, segundo a conta que nós lhes fazíamos e a que elas deviam de fazer, bem bastava; mas, porque somente bastava, não bastou. Era necessário que sobejasse para bastar, porque só no que sobeja se segura o que basta.

289. Desafiava o gigante Golias, e afrontava arrogante os esquadrões de Israel, e, querendo Davi sair ao desafio, vai-se ao rio, toma cinco pedras, deita quatro no surrão, mete uma na funda, faz tiro, e derruba o gigante. Pois, Davi, tirador famoso, se para derrubar o gigante basta uma pedra, para que levais cinco? Porque quis Davi segurar o tiro, e o que sobeja é o que segura o que basta. A pedra que se tirou, derrubou o gigante; as que ficavam no surrão seguraram o tiro. Quem tem muitas balas segura o ponto, porque tira com confiança; quem não tem mais que uma bala, e nela leva ou a morte do inimigo ou a sua, treme-lhe o braço, porque tira com receio. Por isso Davi levou cinco pedras, para que o tiro, com quatro fiadores, fosse seguro. Onde eu infiro que mais se deve a vitória às quatro do surrão que à da funda, porque o sucesso não esteve no tiro, senão no acerto, e a da funda executou o golpe, as do surrão, seguraram o braço. Uma pedra bastou, quatro sobejaram, e as quatro que sobejaram fizeram que bastasse uma. Assim que a pedra da funda, se bem se considera, era bastante e não era bastante: era bastante porque bastou, e não era bastante porque pudera não bastar. E como nas matérias de duvidosa execução não basta o que só basta, e só basta o que sobeja, por isso digo que as prudentes, na resposta que deram às néscias, foram também néscias, porque puseram a dúvida no bastar ou não bastar do óleo, quando a deveram pôr no sobejar ou não sobejar. Comparadas as prudentes com as néscias, foram prudentes porque as néscias não tiveram cuidado de que sobejasse o óleo, nem ainda de que bastasse; mas, comparadas com Santa Teresa, por mais que se chamem prudentes, foram néscias, porque elas, em matéria de salvação, contentaram-se com o que basta, e Teresa não se contentou nem com o que basta, nem com o que sobeja. Dai-me atenção.

## §VII

*As virgens prudentes, em matéria de salvação, quiseram só o que basta. Em que bastou e em que sobejou a virtude e perfeição de Teresa. Por que os unguentos das Marias ficaram superiores aos unguentos da Madalena e aos unguentos de José e Nicodemus, e lhes mereceram a visão dos anjos e de Cristo ressuscitado? As visões com que Deus favoreceu e honrou a Santa Teresa quase sobre todos os santos. Como se parecem nos passos a esposa e o Esposo?*

290. Para um homem se salvar basta não fazer pecado mortal, e se também não fizer pecado venial, sobeja; e Santa Teresa não se contentou com não cometer pecado mortal,

que é o que basta, nem se contentou com não cometer pecado venial advertidamente, que é o que sobeja, senão que fez voto a Deus de em todas as suas ações buscar sempre o que fosse maior perfeição. Valentia de espírito e de resolução prodigiosa, e que de nenhum outro santo se lê semelhante. Mais. Para uma alma se salvar basta obedecer a Deus, e se se conformar em tudo com sua vontade, sobeja; e Teresa não só se contentou com obedecer, que é o que basta, nem só com se conformar, que é o que sobeja, senão que passou de conformidade a transformação, e se transformou de tal modo na vontade divina, que ela e Cristo viviam e amavam com um só coração. E em sinal disto lhe abriu um serafim o lado esquerdo com uma seta de fogo, e lhe tirou nas farpas dela o cadáver do coração que tivera, e lhe ficara no peito sepultado. Mais. Para uma alma se salvar, basta tratar da salvação própria, e se tratar também da salvação e reformação das almas alheias, dentro dos limites de seu estado, sobeja; e Teresa não só se contentou com tratar da salvação própria tão exatamente, que é o que basta, nem com tratar da reformação e perfeição das almas alheias dentro de seu estado, que é o que sobeja, mas, excedendo os limites de mulher, passou a ser doutora da Igreja, e a escrever livros de perfeição, e a ensinar e alumiar o mundo em pontos de espírito e de contemplação altíssimos, a que nenhuma pena antes da sua tinha chegado. Mais. Para se salvar uma alma, basta sofrer os trabalhos com paciência, e se chegar a tanta perfeição que os sofra com alegria, sobeja; e Santa Teresa, sendo tantas as perseguições e trabalho de sua vida, não só os sofria com paciência, que é o que basta, nem só com alegria, que é o que sobeja, senão que chegou a os receber e aceitar por prêmio dos serviços que fazia a Deus. E assim, dizia de si: *Nunca hize a Dios algun servicio, que no me lo pagasse con algun trabajo.* Mais. Para uma alma se salvar basta amar aos inimigos, e se chegar a lhes fazer boas obras, sobeja; e Santa Teresa, tendo tantos inimigos e perseguidores, e ainda aqueles que por hábito e profissão o não deveram ser, não só os amava, que é o que basta, nem só lhes fazia bem, que é o que sobeja, senão que tomava sobre si os seus males, e se oferecia a fazer a penitência dos mesmos agravos que lhe faziam, sendo ela a que recebia a injúria e a que a pagava mais. Para uma alma se salvar; basta guardar a continência e se guardar; e se votar virgindade perpétua, não só basta, mas sobeja; e Santa Teresa, não só se contentou com ser continente, que é o que basta, nem só com ser virgem, que é o que sobeja, mas, competindo em certo modo com a Mãe de Deus, passou a ser virgem e mãe juntamente. Digam-no tantos conventos de anjos humanos, uns com nome de mulheres, outros com nome de homens, que todos reconhecem a Santa Teresa por mãe. E para que esta eternidade de Teresa se parecesse em tudo com a da Virgem Maria, assim como Cristo teve duas gerações, uma eterna, em que nasceu de Pai sem mãe, e outra temporal, em que nasceu de Mãe sem pai, assim a regra e religião carmelitana regenerada teve duas gerações e dois nascimentos, um antiqüíssimo, de pai sem mãe, quando nasceu de Elias, e outro moderno, de mãe sem pai, quando nasceu de Teresa. Finalmente, para uma alma se salvar basta guardar os mandamentos de Deus, e se guardar também os conselhos de Cristo, não só basta, mas sobeja; e Santa Teresa não só guardou os mandamentos de Deus, que é o que basta, nem só os conselhos, que é o que sobeja, mas fez muitas coisas que não caem debaixo de preceito nem de conselho. Chorar os pecados alheios e fazer penitência por eles, antepor o padecer por Deus ao ver a Deus, jejuar sete meses no ano, e passar muitas vezes muitos dias sem comer totalmente, querer estar no inferno até o dia do juízo, só pela salvação de uma alma, isto não há preceito que o mande, nem conselho particular que o persuada, e isto fez Teresa. Assim se não contentava aquele eminentíssimo espírito, aquele imenso coração, aquela alma superior a tudo e maior que tudo, assim senão contentava com o que basta, assim se não contentava com o que sobeja, assim anelava sempre a mais e

mais. Mas baste ao nosso discurso quanto tem corrido em seguimento deste glorioso não bastar, e descansemos um pouco na ponderação ou na vista dele.

291. Ungiu a Madalena os pés e a cabeça de Cristo, e disse o Senhor que aqueles unguentos que admitia, eram a unção antecipada de seu corpo para quando o levassem à sepultura: *Mittens haec unguentum hoc in corpus meum, ad sepeliendum me fecit*<sup>8</sup>. Morre Cristo na cruz, e diz o texto que veio José e Nicodemos, e que ungiram o sagrado corpo com cem libras de unguentos. E a esta segunda unção estava presente a Madalena, que fizera a primeira, e São João, que ouvira as palavras de Cristo e as refere (Jo. 12,7 s). Pois se o corpo de Cristo já estava ungido pela Madalena, e ungido para a sepultura: *ad sepeliendum me* — por que o tornam a ungir agora José e Nicodemos? Dir-me-eis que ungiram ao Senhor sobre estar ungido, porque nas obras do serviço de Deus não nos havemos de contentar com o que basta, senão com o que sobeja. Aceito a resposta. Mas ainda tem outra maior instância. Ungido Cristo, levam-no à sepultura, passa o sábado, em que não era lícito comprar nem vender, amanhece o domingo, e ainda não era bem descoberta a manhã, quando partem as Marias a comprar unguentos, e vêm com eles para ungirem outra vez ao Senhor: *Emerunt aromata, ut venientes ungerent Jesus* (Mc. 16,1). Há tal teimar a ungir como este? Não está o corpo de Cristo ungido pela Madalena, não está ungido por José e por Nicodemos? Pois, se já está ungido uma vez e outra vez, por que vêm as Marias a ungi-lo ainda? Porque o amor acredita-se no supérfluo: quem ama pouco contenta-se com o que basta, quem ama muito contenta-se com o que sobeja, e quem ama mais que muito, nem com o que basta, nem com o que sobeja se contenta: ainda sobe mais acima, ainda passa mais adiante. Os unguentos da Madalena bastavam, os unguentos de José e Nicodemos sobejavam, os unguentos das Marias ficaram superiores a todos, porque foram sobre os que bastavam e sobre os que sobejavam. Isto fizeram aquelas santas mulheres, criadas na escola e na familiaridade de Cristo, e isto fez a nossa Santa Teresa, criada na mesma escola e na mesma familiaridade. Por esta ação mereceram as Marias ver os anjos e ver a Cristo ressuscitado primeiro que os apóstolos. E ao merecimento destas ações se devem atribuir as grandes e extraordinárias visões com que Deus favoreceu e honrou a Santa Teresa, quase sobre todos os santos. As visões das Marias meteram medo aos apóstolos e discípulos, que era o pequeno rebanho de que então contava a Igreja: *Mulieres ex nostris terruerunt nos*<sup>9</sup>. E as visões de Santa Teresa puseram em medo e cuidado a mesma Igreja de Deus na sua maior grandeza, que por isso foram tão examinadas e tão duvidadas, até que se aprovaram de todo. Mas as Marias viram uma só vez os anjos; Santa Teresa viu anjos muitas vezes. As Marias viram só duas vezes a Cristo, uma no dia da Ressurreição, outra no dia da Ascensão; Santa Teresa via a Cristo em diferentes figuras, já de glorioso, já de passível, quase todos os dias. Das Marias não sabemos que tivessem visões da divindade, e de Santa Teresa lemos em sua vida que viu como as criaturas estão eminentemente em Deus; que viu como se distinguem as três pessoas divinas, sendo uma só essência; que viu como está o Filho no peito do Padre, e outros segredos da divindade altíssimos que cá se crêem e não se entendem, e só se hão de ver e entender na Pátria. De sorte que, parece, andava Deus em amorosa emulação e liberal competência com Teresa: ela em servir e amar, e Deus em pagar e se comunicar; ela não se contentando com o que basta, nem se satisfazendo com o que sobeja, e Deus excedendo sem nenhum limite o supérfluo naquilo que de nenhum modo é necessário. Visões, revelações, êxtases, raptos,

<sup>8</sup> Porquanto derramar ela este bálsamo sobre o meu corpo foi ungir-me para ser enterrado (Mt. 26,12).

<sup>9</sup> Certas mulheres, das que conosco estavam, nos espantaram (Lc. 24,22).

não são necessários nem para a salvação nem para a perfeição. E nestas amorosas e divinas superfluidades pagava Deus a Teresa o não se contentar seu espírito com o necessário, nem ainda com o supérfluo, o não se contentar com o que basta, nem ainda com o que sobeja.

292. Assim pagava Deus a Teresa, mas eu não me pago tanto de ver como Deus paga, quanto de ver como os santos servem. E o que muito noto naquelas grandes ações do espírito de Santa Teresa, é que, bem consideradas elas, o seu servir a Deus foi pagar a Deus. Notai. Para Deus remir suficientemente o mundo, bastava querer; para o remir por modo mas alto, bastava encarnar; mas andou Deus tão fino conosco na Redenção, que não se contentou de remir só com o querer, que bastava, nem de remir só com o encarnar, que sobejava, senão passou excessivamente muito avante, e quis remir morrendo e padecendo. Esta fineza fez Deus pelos homens, e esta lhe estivemos devendo, até que Teresa nos desempenhou e pagou por nós. Deus com a redenção pagou nossos pecados, e Teresa com os seus extremos pagou a nossa redenção. Porque só Deus no remir os homens se não contentou com o que bastava nem com o que sobejava; Teresa no servir a Deus não se contenta com o que basta nem como que sobeja. Oh! como se parecem nos passos a esposa e o esposo! Ainda que Teresa fora das virgens que hoje foram comprar o óleo, eu fio que se encontrara com ele. Diz o texto: *Dum autem irent emere, venit sponsus*<sup>10</sup>: Que indo as virgens, veio o Esposo. Pois, se elas iam e o Esposo vinha, por que se não encontraram? Porque iam por diferente caminho. Não assim a nossa Teresa: caminha tanto pelo mesmo caminho e pelos mesmos passos do Esposo, que porque ele se não contentou com o que bastava nem com o que sobejava em nos amar, também ela se não contenta com o que basta nem com o que sobeja em o servir. Vede agora, em comparação deste saber, se foram néscias as virgens prudentes: ela não se contenta nem ainda com o que sobeja, e elas punham em dúvida só se bastaria: *Ne forte non sufficiat nobis et vobis*<sup>11</sup>.

### § VIII

*O errado pensamento das virgens prudentes: imaginaram que, arriscando-se pela caridade, podiam correr perigo. Os arriscados intentos de Judite para salvar a cidade de Betúlia. O perigo de naufrágio a que se expôs o autor pela salvação das almas. Agradecimento aos anjos da guarda das almas do Maranhão. Para Jonas sair do perigo de naufrágio mete-se noutra perigo maior. Perigo tomado pela salvação dos próximos não pode ser perigo em que se perigue. Nas tempestades de suas redomas todas as virgens naufragaram, porque todas deram em seco: as néscias no das suas lâmpadas, e as prudentes no da sua avareza. O mais arriscado lanço em que se meteu nenhum homem. Os perigos a que expôs Santa Teresa a saúde, a honra e a perfeição.*

293. A terceira coisa em que as virgens prudentes comparadas com Santa Teresa foram néscias é que as prudentes cuidaram que, arriscando-se por socorrer as companheiras, corriam perigo, e Santa Teresa entendeu que tudo o que se arrisca pela caridade, quando mais se arrisca, então está mais seguro. Bem quiseram as virgens prudentes socorrer e suprir a falta das companheiras, quando não por companheiras e por amigas, ao menos por autoridade e majestade da festa, e pelo que a elas mesmas lhes tocava, porque, sem as outras cinco, diminuíam-se muito as luzes, descompunham-se as parelhas, e ficava

<sup>10</sup> E enquanto elas foram a comprá-lo, veio o esposo (Mt. 25,10).

<sup>11</sup> Para que não suceda talvez faltar-nos ele a nós e a vós (Mt. 25,9).

desairoso o acompanhamento. Contudo, por se não arriscarem a ficar fora das bodas, quiseram antes entrar sós que porem-se a perigo de não entrar: *Ne forte non sufficiat*. Aquele *ne forte* foi o ponto em que tocou o fraco a sua prudência. Imaginaram que arriscando-se pela caridade podiam correr perigo, e foi errado pensamento, porque ninguém melhor se assegura a si e as suas coisas, que quem pela caridade as arrisca e se arrisca. Ouvi o maior caso que se lê em todas as histórias sagradas e humanas.

294. Sitiada pelo exército de Holofernes a cidade de Betúlia, tomados e quebrados os canais, e divertidas as fontes de que bebiam, estavam já desmaiados todos e determinados a se entregar ao inimigo, por não perecer a sede, quando Judite, não podendo sofrer a entrega e cativo da sua pátria, se deliberou ao mais raro pensamento que pudera caber em um homem atrevido e denodado, quando mais em uma mulher, e santa. Despe o cilício de que estava toda coberta, enxuga os olhos das lágrimas com que orava ao céu, mandava vir cheiros, jóias, galas, espelhos; veste, compõe, enriquece, esmalta os cabelos, a garganta, o peito, as mãos, os braços e até os pés, não de todo cobertos — que assim o nota a Escritura — e feita Judite um tesouro da cobiça, um pasmo da formosura, e mil laços do apetite, sai confiada pelas portas da cidade, salta o fosso, passa as sentinelas, entra pelo exército inimigo, e vai direita à mesma tenda de Holofernes. Bravas ações de mulher, mas mais bravos ainda os pensamentos! Os seus intentos eram — como refere a mesma Judite no texto — que Holofernes com seus próprios olhos se cativasse de sua formosura, e que ela com palavras discretas e amorosas o prendesse mais, para que, assim preso e cativo, lhe metesse a ocasião os cabelos do tirano em uma mão e a espada na outra, com que lhe cortasse a vida. Valentes intentos Judite, mas arriscados muito. Reparai, senhora, como mulher, reparar como nobre, e reparar também, e muito mais, como santa. Se como mulher mais que mulher não reparais nos riscos da vida entre esquadrões armados de bárbaros, como nobre por que não reparais na opinião, e como santa por que não reparais na honestidade? Os mesmos laços que armais a Holofernes, como podeis vós escapar deles? As prisões, quando prendem, também se prendem. Antes parece que Judite primeiro se prendeu a si do que a Holofernes, e que, antes de Holofernes cair, já Judite estava caída porque a obrigação e pureza da lei de Deus não só proíbe o pecado, senão o perigo, e quem se deliberou a perigar já caiu, porque se expôs a cair. *Qui amat periculum in illo peribit*<sup>12</sup>, diz a mesma lei divina. Pois, se Judite era tão santa e tão observante da lei de Deus, como põe a tão manifesto risco a sua honestidade, e com ela a consciência? Que arrisque a vida, seja valor, que arrisque também o crédito, seja excesso de amor da pátria, mas a honestidade e a consciência, que por nenhum preço se há de arriscar, nem pela vida, nem pela honra, nem pela liberdade, nem por uma cidade, nem por um reino, nem por todo o mundo, que a arriscasse Judite, e que a arriscasse sendo santa? Sim e não. Sim, porque tudo isso arriscou Judite pela caridade; e não, porque tudo o que se arrisca pela caridade então se segura mais. Arriscou a vida, arriscou a opinião, arriscou a honestidade, mas seguiu a honestidade, seguiu a opinião e seguiu a vida, porque tudo arriscou pela caridade e por livrar sua pátria de cativo. E como Judite sabia que Deus é o assegurador dos riscos que se empreendem por seu amor e dos próximos, por isso, fiada no seguro de Deus, não incorreu no crime dos que se põem a perigo, porque quem arrisca com seguro não corre risco. Nem o texto da lei divina, se bem se pondera, quer dizer outra coisa. Notai: *Qui amat periculum, in illo peribit*: quem ama o perigo perecerá nele. — Uma coisa é entrar no perigo amando o perigo, outra coisa é entrar no perigo amando a Deus: quem entra no

<sup>12</sup> Aquele que ama o perigo perecerá nele (Eclo. 3,27).

perigo por amor do perigo perece nele, porque o mesmo perigo, a quem ama e por quem se arrisca, o perde; mas quem entra no perigo por amor de Deus, não perece nem pode perecer, porque o mesmo Deus, a quem ama e por quem se arrisca, o guarda. Se vós entraís no perigo por amor da cobiça, quem vos há de guardar? A cobiça? Se vós entraís no perigo por amor da soberba, quem vos há de guardar? A soberba? Se vós entraís no perigo por amor do amor, quem vos há de guardar? O amor profano e cego? Entraí vós nos perigos por amor de Deus e do próximo, e vereis como Deus vos livra e vos segura neles.

295. Ah! Senhor, bendita seja e infinitamente bendita vossa bondade! Falta-nos neste passo o exemplo do Evangelho, porque faltaram as virgens prudentes no conhecimento desta verdade e no exercício desta confiança. Mas a prova que não temos no Evangelho, temo-la no pregador. Mui ingrato seria eu, e serei a Deus, se assim o não confessara e assim o não confessar toda a vida e toda a eternidade. A quem aconteceu jamais depois de virado o navio e depois de estarem todos fora dele sobre o costado, ficar assim parado e imóvel por espaço de um quarto de hora, sem a fúria dos ventos descompor, sem o ímpeto das ondas o soçobrar, sem o peso da carga e da água, de que estava até o meio alagado, o levar a pique, e depois dar outra volta para a parte contrária, e pôr-se outra vez direito, e admitir dentro em si os que se tinham tirado fora? Testemunhas são os anjos do céu, cujo auxílio invoquei naquela hora, e não o de todos, senão daqueles somente que têm à sua conta as almas da gentildade do Maranhão. — Anjos da guarda das almas do Maranhão, lembrai-vos que vai este navio buscar o remédio e salvação delas. Fazei agora o que podeis e deveis, não a nós, que o não merecemos, mas àquelas tão desamparadas almas que tendes a vosso cargo. Olhai que aqui se perdem também conosco. — Assim o disse a vozes altas, que ouviram todos os presentes, e supriu o merecimento da causa a indignidade do orador. Obraram os anjos, porque ouviu Deus a oração. E não podia Deus deixar de a ouvir, porque orava nela o mesmo perigo. Sabe o mesmo Senhor que por nenhum interesse do mundo, depois de eu o ter tão conhecido e tão deixado, me tornara a meter no mar, senão pela salvação daqueles pobres tesouros, cada um dos quais vale mais que infinitos mundos. E como o perigo era tomado por amor de Deus e dos próximos, como podia faltar a segurança no mesmo perigo? O mesmo perigo nos livrou, ou se livrou a si mesmo. Os perigos da caridade são riscos seguros, e nos riscos seguros não pode haver perigo. — Assim que, Senhor, mudo o estilo, e não vos dou já as graças por me livrardes do perigo, senão me meterdes nele. Quando por tal causa me metestes no perigo, então me livrastes. Grandes são os perigos que ainda me restam e me ameaçam neste tão temeroso golfo, e mais em inferno tão verde e em ano tão tormentoso! Mas, como há de temer os perigos quem neles leva a mesma salvação que vai buscar por meio deles?

296. Quem cuidais que tirou do perigo a Jonas e quem cuidais que o meteu no perigo? O não querer ir buscar a salvação dos próximos o meteu no perigo, e o meter-se no perigo pela salvação dos próximos o tirou dele. Mandou Deus a Jonas que fosse pregar aos gentios de Nínive; não quis Jonas, e para fugir da missão, e ainda do mesmo Deus que lha encomendava, embarca-se de Jope para Társis. E que lhe sucedeu a Jonas nesta viagem ou nesta fugida? O que lhe sucedeu foi que, indo todos os navios com vento a popa e mar bonança, só contra o de Jonas se levantou uma tempestade tão terrível, que não bastando amainar velas e calar mastos, não bastando alijar ao mar a carga, não bastando tudo o mais que sabe e pode a arte em semelhantes trabalhos, deixado já o leme e o navio à mercê dos mares e dos ventos, e, desconfiados até do socorro do céu, o piloto e marinheiros, que eram gentios, desceram ao porão onde vinha Jonas a pedir-lhe que fizesse oração ao seu Deus, pois os seus deuses não lhes valiam. Tal era a tempestade, tal o perigo, tal a desesperação

de todos. E bem, profeta Jonas, e vós não quereis ir pregar e salvar as almas dos gentios a que Deus vos manda, pois, quando cuidáveis que fugíeis do trabalho, incorreréis no maior perigo, e perecereis onde vós quisestes, porque não quisestes salvar os próximos onde Deus queria. De maneira que o não querer ir buscar a salvação dos próximos foi o que meteu no perigo a Jonas. E que fez Jonas para sair daquele perigo? Notável caso! Para Jonas sair daquele perigo, mete-se noutro perigo maior pela salvação dos próximos. E este segundo perigo o salvou e livrou do primeiro. Ora vede.

297. Subido Jonas ao convés do navio, reconheceu que ele era a causa da tempestade, e para que os demais se salvassem e ele só percesse, pediu que o lançassem ao mar. De sorte que aquele mesmo Jonas, que pouco há se embarcou neste navio por não ir salvar os gentios de Nínive, esse mesmo pede agora que o lancem do navio ao mar para que se salvem os gentios do navio. Fazem-no assim por último remédio os marinheiros, vai Jonas ao mar, traga-o uma baleia, mergulha para o fundo o monstro, somem-se e desaparecem ambos. Pode haver maior perigo? Pode-se imaginar maior? Não pode. No mar podia-o salvar ou entreter uma tábua; no ventre da baleia a morte e a sepultura tudo foi junto. Mas Jonas não se arrojou a este perigo por salvar os mareantes do seu navio, próximos, ainda que gentios? Sim. Pois, tende mão, que ainda não desconfio de sua vida. Perigo tomado pela salvação dos próximos, não pode ser perigo em que se perigüe. Arrojado do navio, e naufragante, sim; tragado e engolido do monstro-marinho, sim; metido no profundo do mar e sepultado nos mais escuros abismos, sim; mas afogado, mas morto, mas digerido ou mastigado da baleia quem se lançou ao mar pela salvação dos próximos, não pode ser. Torno a dizer que não pode ser; e já o vejo. Olhai para as praias de Nínive. Passados três dias e três noites, aparece ao romper da alva diante do porto de Nínive uma galé de forma nunca vista à vela e só com dois remos. A vela era a nuvem de água que respirava a baleia, e umas vezes parece que subia, outras que se animava; os remos eram as duas grandes barbatanas com que, batendo a compasso, ia vogando. Abica à praia o desconhecido baixel, levanta aberto pelo meio o castelo de proa, que então se conheceu que era boca, estende a língua como prancha sobre a areia, e sai de dentro vivo e sepultado Jonas. Pasmais do caso? Não pasmeis. Não vos dizia eu que não podia perigar quem por salvação dos próximos se entregou ao mar e aos perigos? Pois, assim lhe aconteceu ao felicíssimo Jonas. Levado de um perigo em outro perigo, uns o livraram dos outros. No navio perigava dos ventos, no mar perigava das ondas, na baleia perigava do aperto da respiração e de tudo, mas como o primeiro perigo foi tomado por caridade, todos os outros perigos eram remédios. O perigo do mar livrou-o do perigo do navio, o perigo da baleia livrou-o do perigo do mar, e este perigo, como era o último e o maior de todos, livrou-o de si mesmo. Há mais seguro perigar? Há menos perigosa segurança? Com razão disse São Zeno Veronense que foi Jonas mais venturoso no sepulcro que no navio: *Felix magis in sepulchro quam navi* porque, uma vez que a baleia lhe guardou a vida, muito mais seguro navegava nela que no navio: o navio podia perigar nos mares e nos ventos, a baleia era embarcação segura das tempestades.

298. Maior tempestade padeceram as virgens no óleo das suas redomas do que Jonas em tanto mar. Todas naufragaram, porque todas deram em seco: as néscias no das suas lâmpadas, e as prudentes no da sua avareza. Forte *ne forte* foi aquele! Perderam-se cinco, quando se puderam salvar todas, porque não tiveram caridade as outras cinco para se arriscarem com elas. Tanto perigaram as néscias no seu perigo, como na demasiada segurança das prudentes. Se as prudentes se quiseram arriscar por elas socorrendo-as, nesse mesmo risco se salvariam umas e outras: as néscias, pelo socorro que recebiam, e as

prudentes, pelo socorro que davam, ou, para o dizer com mais certeza, as néscias pelo risco de que se tiravam, e as prudentes pelo risco em que se metiam, que quem se arrisca pela caridade não pode correr risco. Nenhuma comunidade esteve jamais tão arriscada como o povo de Israel, quando Deus o quis acabar no deserto; e o que fez Moisés para o livrar daquele risco foi arriscar-se também com ele: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo* (Êx. 32,31 s): Senhor, ou haveis de perdoar ao povo, ou riscai-me do vosso livro. — É certo que Moisés não podia licitamente querer ser riscado dos livros de Deus, e foi este o mais arriscado lanço em que se meteu nenhum homem. Contudo, pediu este risco, e meteu-se nestes riscos Moisés, seguro de que Deus o não riscaria por ele se arriscar, quando o fazia pela caridade dos próximos, porque os riscos da caridade nem riscam nem arriscam. Tão longe esteve Moisés de ser riscado dos livros de Deus por esta causa, que antes mandou Deus que se escrevesse em seus livros que chegara Moisés por caridade a pedir que o riscassem deles. Se Moisés se não arriscara, salvara-se ele e perecera o povo; mas porque se quis arriscar pelo povo, ele e o povo, todos se salvaram. O mesmo havia de suceder às nossas prudentes se elas o souberam ser e se souberam arriscar; mas, porque lhes faltou esta ciência e esta prudência, em que Santa Teresa foi tão eminente, por isso eu em comparação dela digo que foram néscias. Em comparação das néscias do Evangelho foram prudentes as prudentes, porque as néscias cuidaram que havia outrem de fazer por elas o que elas não fizeram por amor de si, e as prudentes não quiseram fazer por amor de outrem o que outrem não havia de fazer por elas. Mas estas mesmas prudentes, comparadas com Santa Teresa, foram néscias, porque elas cuidaram que, arriscando-se por amor de Deus e dos próximos, corriam perigo, e Santa Teresa entendia e sabia por experiência que tudo o que se arrisca pela caridade, quando mais se arrisca, então se segura mais.

299. Tudo quanto teve e quanto podia ter arriscou Teresa por amor de Deus e dos próximos. E estes mesmos riscos foram uma prudente indústria com que tudo acrescentou e seguiu mais. Arriscou a vida, arriscou a honra, arriscou a mesma perfeição de sua alma, e do primeiro perigo saiu com mais saúde, do segundo com mais crédito, do terceiro com maior santidade. Era Santa Teresa tão enferma, como lemos em sua vida, e o que mais sentia nesta fraqueza natural era o impedimento que as enfermidades lhe faziam aos exercícios da oração e da penitência. Veio, finalmente, a resolver-se consigo e contra si, a orar com toda a continuação, e a tratar seu corpo com todo rigor, ainda que perdesse totalmente a vida. E que tirou a santa desta resolução? Coisa maravilhosa! A saúde que lhe não puderam dar nenhuns remédios lhe deram os mesmos riscos em que a punha. Com a penitência, com que mais havia de enfermar, lhe crescia a saúde, e com o trabalho, com que mais havia de enfraquecer, se lhe aumentavam as forças.

300. As perseguições a que Santa Teresa se expôs quando empreendeu reduzir a regra carmelitana moderada ao antigo rigor e inteireza de seu primeiro instituto foram maiores do que se podem imaginar e do que parece se podiam sofrer. Armou-se contra ela a religião, e armou-se o mundo, e, o que mais é, que os bons do mundo e os melhores da religião — posto que com bom zelo — eram os que mais a perseguiam. Raros eram os que defendiam seu espírito, todos o tinham por ilusão e enredo do demônio, muitos por fingimento e hipocrisia, e não faltava quem lhe desse ainda mais escandalosas censuras. Tuda ocasionavam os tempos, que com as novas heresias de Lutero andavam mui perigosos e cheios de temores. Mas, como a santa se arriscava a todos estes descréditos pela salvação e perfeição dos próximos, em que veio a parar tudo? Os descréditos pararam em maior estimação, as injúrias em maior honra, as perseguições em maiores aplausos, e os mesmos religiosos que tinham a Teresa por indigna filha, a receberam depois por digníssima mãe, e

como de tal se honram e a veneram.

301. Finalmente, houve muitas pessoas timoratas e doudas que aconselhavam a Santa Teresa que se retirasse do magistério espiritual das almas, e que na vida particular e solitária, a que a mesma doçura da contemplação a inclinava, vacando somente a Deus e a si, seria maior o aproveitamento de seu espírito. Foi esta a maior prova, por lhe não chamar a mais apertada tentação, que podia ter a alma de Teresa, cujos mais prezados interesses, cujas mais amadas delícias, cujos regalos, cujas ânsias, cujos suspiros, era aquela íntima união com Deus, quieta e suavíssima, em que, elevada sobre todas as coisas da terra, tão celestialmente o gozava. Continuou, contudo, a santa prosseguindo na mesma empresa começada, sem reparar nestes riscos de sua maior perfeição, e noutros ainda maiores que lhe ameaçavam; e, como todos eram tomados pela caridade, quanto mais parece que arriscava os dons do céu, tanto mais se achava rica e favorecida deles. Era muito o que arriscava, mas muito mais o que recebia. Mercês sobre mercês, favores sobre favores, glórias sobre glórias, como se os mesmos riscos fossem degraus para mais subir e crescer. Em suma, que arriscando Teresa por amor de Deus e dos próximos saúde, honra e perfeição, dos perigos da saúde saia mais forte, dos perigos da honra mais acreditada, dos perigos da perfeição mais santa Oh! quantos e quão seguros louvores se puderam agora discorrer sobre todos estes perigos, e muito mais sobre o terceiro. Parece que pugnava nele o espírito contra o espírito, a virtude contra a virtude, a santidade contra a santidade, mas necessária era tão gloriosa peleja para tão excelente vitória. Corto o fio, e não sem dor, ao que quisera dizer. Peço-vos, contudo, licença, para concluir o sermão na forma em que o propus ao princípio: suposto que vos não hei de cansar outra vez, perdoai-me esta.

## §IX

*Quarta e última imprudência das virgens prudentes: não interceder pelas companheiras. Intercessão de Santa Teresa por seus devotos. O óleo suavíssimo que mana do sepulcro de Santa Teresa.*

302. A quarta e última coisa em que as virgens prudentes, comparadas com Santa Teresa, foram néscias, é que as prudentes, podendo rogar ao Esposo que esperasse pelas companheiras, ou, quando menos que lhes não fechasse as portas, não intercederam por elas, e Santa Teresa intercede sempre eficazmente por seus devotos e por todos os que lhes pedem favor e a ela se encomendam. Esta foi a quarta e última imprudência das prudentes, nas quais, se bem reparastes, achareis que as notamos de imprudentes nas obras, imprudentes nas palavras, imprudentes nos pensamentos e imprudentes nas omissões, que são os quatro modos gerais por que só se pode pecar contra uma virtude. No primeiro, foram imprudentes de obra, porque dormiram quando haviam de vigiar; no segundo, foram imprudentes de palavra, porque disseram não baste, quando haviam de dizer não sobeje; no terceiro, foram imprudentes de pensamento, porque cuidaram que, arriscando-se pela caridade, podiam correr perigo; no quarto foram imprudentes de omissão, porque ao menos não pediram por quem lhes pedia. Elas não pediram nem intercederam por quem lhes pediu, e Santa Teresa, como dizia, pede e intercede eficazmente por todos os que lhe pedem e se valem de seu favor. Mas este ponto não o hei de provar eu, porque na mesma instituição desta festa está provado.

303. Bem pudera a Companhia de Jesus festejar em todas as suas casas a santa Madre Teresa de Jesus, como santa muito sua, porque a mesma santa em muitos lugares de

seus livros confessa que dos religiosos da Companhia de Jesus recebeu grandes aumentos e grandes luzes o seu espírito, por sinal que ordinariamente lhes chama: *Aquellos benditos Padres*. Contudo, a festa de hoje não se celebra por esta causa, senão pela que eu dizia. Estava um enfermo — como todos sabeis e vistes — na última desesperação da natureza e na última de confiança da arte, enfim, no último estado em que estavam as lâmpadas das cinco virgens: *Quia lampades nostrae extinguuntur*<sup>13</sup>; não lhe restava mais que meterem-lhe na mão a candeia da fé, tanto por momentos se lhe ia apagando a vida. Assim, menos vivo que morto, recorreu a Santa Teresa, invocando seu favor naquele extremo perigo, e obrigando-se com voto ao público reconhecimento dele por toda a vida, se de sua mão a recebesse. Não foi a virgem prudentíssima como as prudentes que negaram o óleo a quem lho pedia, porque logo o concedeu invisivelmente, mas com efeito visível e manifesto. No mesmo ponto reviveu a lâmpada que se ia apagando, e ressuscitou a vida já quase morta. E este é o segundo ano em que com esta demonstração pública se dá cumprimento ao voto. Óleo chamei à virtude milagrosa deste benefício, e não é só propriedade da metáfora, senão realidade vista e conhecida.

304. Do sepulcro de Santa Teresa mana um óleo suavíssimo, de que recebem saúde muitos enfermos. E é muito para notar que do lugar onde está Santa Teresa morta saia óleo que dá vida, como se com este óleo dera em rosto a caridade de Santa Teresa à pouca que tiveram as virgens do Evangelho. Elas deixaram apagar as lâmpadas alheias por mais conservar o lume das suas, e Santa Teresa apagou a sua para acender as alheias. Isso quer dizer sair o óleo da sua sepultura, e o remédio da vida donde ela está morta. Com toda a verdade assim foi, porque esta foi a fineza donde nasceu a eficácia da sua intercessão. Um dia em que estava a santa mais favorecida de Cristo, disse-lhe o Senhor que pedisse o que quisesse. E que vos parece que pediria Teresa? Se fora alguma das prudentes do Evangelho, havia de pedir para si, e, quando menos, para si primeiro: *o nobis* havia de ir diante: *nobis et vobis*<sup>14</sup>. Mas foi tanta a prudência de Teresa e tanta a sua caridade que, não pedindo nada para si, tudo pediu para nós: pediu que todas as vezes que rogasse por seus devotos, lhe concedesse o Senhor o que pedisse, e assim lhe foi outorgado. As prudentes do Evangelho nem deram o que lhes pediam, nem pediram por quem lhes pedia; Santa Teresa pediu por todos os que lhe pedissem, para poder dar tudo o que lhe pedirem. Eis aqui, cristãos, o grande e inestimável tesouro que tendes depositado naquelas mãos santas. Em todas vossas necessidades, em todos vossos trabalhos, em todos vossos perigos, em todas vossas enfermidades do corpo, e muito mais da alma, recorrei ao amparo, ao patrocínio e à caridade desta piedosa virgem que tanto pode com Deus, e vereis como vos socorre.

## §X

*As virgens prudentes, comparadas com Santa Teresa, foram quatro vezes néscias; as virgens néscias, comparadas conosco, foram oito vezes prudentes. As oito prudências das virgens néscias. Peroração.*

305. E para que conheçamos todos quanta necessidade temos dos socorros e auxílios superiores, voltemos um pouco sobre nós os olhos que até agora tivemos postos em Santa Teresa, e veremos para maior glória sua e maior confusão nossa que, se as prudentes,

<sup>13</sup> Porque as nossas lâmpadas se apagam (Mt. 25,8).

<sup>14</sup> A nós e a vós (Mt. 25,9).

comparadas com ela, foram néscias, comparadas conosco, foram prudentes, tão néscios e tão imprudentes somos nas matérias de nossa salvação. As prudentes, como vimos, em comparação de Santa Teresa foram quatro vezes néscias; as néscias, em nossa comparação, foram oito vezes prudentes. Primeiramente as néscias, para se salvarem, escolheram o estado de virgens, que é tão alto e tão parecido ao do céu; *Simile est regnum caelorum decem virginibus*<sup>15</sup>. — E muitos cristãos, que estado tomam? O da torpeza, o da sensualidade, o dos adultérios, o das afeições sacrílegas com almas dedicadas a Deus, e outras abominações ainda de piores nomes, e nisto passam um ano e outro ano, e toda a vida, vede se sois mais néscias que as néscias.

306. As néscias — e é a segunda prudência — saíram de suas casas, mas saíram a acompanhar o Esposo e a Esposa: *Exierunt obviam sponso et sponsae* (Mt. 25,1). E os homens ordinariamente a que saem? Uns saem só a sair, que é perder tempo, outros saem a ver e ser vistos, que é perder as almas próprias e as alheias; outros saem a jogar, a pleitear, a murmurar, que é perder o dinheiro, a fama e a consciência; e ainda quando saem à igreja, que é as menos vezes saem a ofender e injuriar a Deus em sua própria casa. Vede se somos nós os néscios mais que as néscias!

307. As néscias — e vai a terceira prudência — é verdade que adormeceram e dormiram, mas tanto que ouviram a primeira voz ou o primeiro clamor de que vinha o Esposo: *Tunc surrexerunt omnes virgines illae* (Mt. 25,7): no mesmo ponto se levantaram. Quantas vezes clamam os pregadores nos púlpitos, quantas vezes clamam dentro nos peitos as próprias consciências, quantas vezes clama o mesmo Deus com as vozes e com os brados de todas as criaturas — como nesta ilha -já com a terra tremendo, já com o fogo rebentando, já com as cinzas chovendo e os homens com elas sobre a cabeça, sepultados no sono do pecado e da ocasião, sem abrir os olhos, nem espertar, continuando a dormir cegos como dantes. Vede se somos nós mais néscios que as néscias!

308. As néscias — e é a quarta prudência — ornaram as suas lâmpadas: *Ornaverunt lampades suas* (Ibid. 7), e o mundo, onde tanto se trata hoje do ornato, de que ornato é que trata? Galas e mais galas para o corpo, sedas e mais sedas para o corpo, ouro e mais ouro, jóias e mais jóias, vaidades e mais vaidades para o corpo; e a pobre alma, desprezada, rota, despida, envergonhada, sem ter com que cobrir a fealdade e ignomínia em que os pecados trocaram a sua natural formosura! Vede se somos néscios mais que as néscias!

309. As néscias — e foi a quinta prudência — vendo que se lhes apagavam as lâmpadas, com ser coisa de tanta repugnância o pedir aos iguais, não duvidaram nem repararam em pedir às companheiras: *Date nobis de oleo vestro*<sup>16</sup>. Quantos há que querem antes roubar que pedir? Quantos que querem antes vender a alma, e ainda o corpo, que pedir? Quantos e quantas que querem antes dar-se ao demônio que pedir, nem ao mesmo Deus? E não só não pedem a Deus o remédio para a necessidade, nem o socorro para a tentação, mas nem ainda depois do pecado lhe querem pedir o perdão dele! Vede se somos nós os néscios mais que as néscias!

310. As néscias — e vai a sexta prudência — ainda que as prudentes lhes não quiseram dar o óleo, tomaram, contudo, o conselho que lhes deram de que fossem comprar: *Ite potius ad vendentes*<sup>17</sup>. Quantas vezes nos dão bons conselhos os confessores? Quantas vezes nos dão bons conselhos os pais? Quantas vezes nos dão bons conselhos os amigos?

<sup>15</sup> O reino dos céus é semelhante a dez virgens (Mt. 25,1).

<sup>16</sup> Dai-nos do vosso azeite (Mt. 25,8).

<sup>17</sup> Ide antes aos que o vendem (Mt. 25,9).

Quantas vezes nos dão bons conselhos os livros? Quantas vezes nos dão bons conselhos os anjos da guarda, por meio das inspirações? Quantas vezes nos dão bons conselhos os exemplos, os castigos e os casos tão raros e portentosos que vemos suceder no mundo, para que escarmentemos em cabeça alheia, e nós, contudo, tão loucos e tão desaconselhados? Vede se somos mais néscios que as néscias!

311. As néscias — e foi a sétima prudência — sem reparar no trabalho, nem no dinheiro, nem na autoridade, foram comprar o óleo às tendas: *Dum autem irent emere*<sup>18</sup>. E nós, sendo que tudo nos custa e tudo compramos, e a tão caros preços, só o céu não queremos comprar. Há dinheiro para o apetite, há dinheiro para a vaidade, há dinheiro para a vingança, há dinheiro para o jogo, há dinheiro para a peita, mas não há dinheiro para a restituição, não há dinheiro para a esmola, não há dinheiro para as capelas e obrigação do morgado, não há dinheiro para os legados e satisfação do testamento, e quando não queremos o céu de graça, para comprarmos a peso de ouro o inferno não falta dinheiro. Vede se somos nós os néscios muito mais que as néscias!

312. As néscias, finalmente — e é a oitava e última prudência — vieram, ainda que tarde, bateram à porta do céu, e chamaram muitas vezes pelo Esposo: *Novissime vero veniunt et reliquae virgines, dicentes: Domine, Domine aperi nobis*<sup>19</sup>. Elas vieram, bateram e chamaram; nós nem viemos, nem batemos, nem chamamos, antes, está a representação e a tragédia tão trocada em tudo, que Deus é o que vem, e nós fugimos, Deus é o que chama, e nós não respondemos, Deus é o que bate, e nós não abrimos. Vem Deus, e está batendo e chamando às portas do nosso coração: *Ego sto ad ostium, et pulso*<sup>20</sup>, e nós respondemos às três Pessoas da Santíssima Trindade: *Nescio vos*<sup>21</sup>. Dizei-me ou diga cada um a si mesmo: Quantos tempos há que Deus vos anda batendo à alma — e pode ser que a última vez fosse neste mesmo sermão: — Filho, eu criei-te. Filho, eu remi-te com o meu sangue. Filho, tu hás de morrer. Filho, eu não te hei de salvar, nem posso, sem boas obras. Pois, que é o .que determinas? — Isto nos diz Deus, e isto vos digo eu em seu nome. — Que determinamos, cristãos, que determinamos? Esperamos que se nos feche a porta do céu? Esperamos que se nos diga para sempre: *Clausa est janua*<sup>22</sup>? As virgens que tiveram as lâmpadas acesas com boas obras entraram; as que as tiveram apagadas ficaram de fora. Respondei-me, por reverência de Deus, a duas perguntas muito breves. Pergunto: credes e tendes por fé que sem boas obras ninguém se pode salvar? Se sois cristão e católico, haveis de dizer que sim. Pergunto mais: e essas boas obras, sem as quais vos não podeis salvar, tendes-las vós ou não? Muitos há que, se hão de falar verdade, devem dizer que as não têm. Pois, se não tendes boas obras, e sem boas obras não vos podeis salvar, essa esperança que tendes de vossa salvação, em que a fundais? Há Deus de faltar à sua justiça? Há de mudar suas leis por amor de vós? Dir-me-eis que ainda que não tendes agora as boas obras, que tendes propósitos de as fazer depois. E se antes desse depois vier o Esposo: *Dum autem irent emere, venit sponsus*<sup>23</sup>? Se antes desse depois vier a morte? Se antes desse depois vos pedirem conta? Atreveis-vos a estar no inferno para sempre? Torno a dizer: Atreveis-vos a estar no inferno, a arder naquelas chamas para sempre? Este para sempre repetia muitas vezes Santa Teresa, ainda sendo muito menina, e este para sempre foi o princípio da sua

<sup>18</sup> E enquanto elas foram a comprá-lo (Mt. 25,10).

<sup>19</sup> E por fim vieram também as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos (Mt. 25,11).

<sup>20</sup> Eis aí estou eu à porta, e bato (Apc. 3,20).

<sup>21</sup> Não vos conheço (Mt. 25, 12).

<sup>22</sup> Fechou-se a porta (Mt. 25,10).

<sup>23</sup> Enquanto elas foram a comprá-lo, veio o esposo (Mt. 25, 10)

oração e o primeiro fundamento da sua santidade. Com este para sempre me quero despedir de vós, e que este para sempre vos fique soando nos ouvidos e imprimindo-se nas memórias: para sempre, para sempre, para sempre.